

<u>PÁGINAS</u>	<u>E</u>	<u>POESIAS</u>	92 PÁGINAS
1933			
1934			
1935			
1938			
1979 -			
1980 -			
1981 -			
1982 -			
1983 -			
1984 -			
1985 -			

Percorri alguns caminhos. Vivi muitas experiências.
 Conheci várias pessoas. Andei em vários lugares.
 A vida se fez boa e se acabou. E desses anos ficam
 não apenas essas Páginas e Poesias, mas lembranças
 que o coração jamais esquece.

" ¿quién es capaz de penetrar en las sutilezas del corazón del hombre? No serán aquellos que esperan descubrir únicamente sentimientos decorosos y emociones normales en los seres humanos."

U.Somerset Maugham

Abro a janela e vejo sempre
No horizonte tua imagem
Esse desejo não se acalma
Do nosso amor louco e selvagem

Se não sentir teu corpo quente
O meu se agita e não descansa
Acabo só, na solidão
E deixo o ato na lembrança

Na cama quente o meu abrigo
Penso sentir teu corpo amigo, mas
Só ganho a dor de uma saudade
E do desejo só vontade

Beijar teu corpo lentamente
Saciar a sede que me consome
Falar te amo novamente
Vem, dá teu corpo á minha fome

Abandonado sofro só essa paixão
Minha vida se resume numa espera
Finalmente cheguei a triste conclusão
• Podes crer amizade, o nosso amor já era.

Ontem alguém viu você na rua
E quase não reconheceu, você mudou
Parado percebeu seu passo lento
Olhar vagando atrás de alguma coisa
Distraída você continuou andando
Sem disfarçar o quanto você se transformou
E então esse alguém falou seu nome
Você parou, olhou, mas não sorriu,
Tentou dizer até que era engano
Que esse alguém com outra confundiu.
Porém seus olhos não mentiam, você sabia
Que esse alguém jamais se enganaria,
Sentiu então que algo estava errado
Pois seu olhar já não vagava mais
Reconheceu no alguém um velho amor
Que havia há muito abandonado
E recordou por instantes o passado
Viu que o tempo não poupou ninguém
E aquele alguém que tanto procurava
Assim como você, mudou também.

Mudanças

1976

29 3 AND: 2003...

O paraíso também pode mudar
Se a gente não souber andar
Por entre as flores...e os amôres
Sobreviver,
Mas sem sofrer.

E as palavras
Agora fúteis
Geraram gestos também inúteis
...aquelas frases outrora ditas
Que refletiam pura poesia
Jazem caladas
Já são malditas
Amontoado de melancolia.

Utopia
POA26fev76

Hã, o meu destino é ficar só com você
Vivo fugindo mas não sei nem porque
Acabo sempre voltando depois

Hã, momentos tristes passei ao seu lado
Com frases soltas, às vèzes calado
Me esforçando prá ser natural,

Não faz mal

Eu vou ficar pro que der e vier
E se você ainda assim me quiser
Vou manter quente o nosso canto de amor

Depois

Quando o silêncio tomar conta de nós
Mesmo assim vou calar nossa voz
Deixar que tudo fique só sem dizer
No faz de conta que tudo normal
Me esforçando prá ser natural.

Tudo bem
POA20ma176

No divagar de uma mente incapaz de ser
Aquilo tudo que é preciso se enxergar
e ver

o acordar de uma noite mal dormida
E sacudir o lençol
Jogando fora os sonhos que não têm valor
maior

Sinto ainda quente alguma coisa no ar
E paro simplesmente a olhar
o que não posso ver, é normal
No devaneio de uma mente incapaz de ser
natural

Chorar ao pé da cama
Isso já não cabe mais
Evocar velhas lembranças
Disso eu não sou capaz,
E,
Num gesto tão mecânico
Meu olhar se perde sem querer
No devaneio de uma mente incapaz de ser
real.

Devaneio
POA19jul76

Você

Que não devia ter voltado à minha vida
assim

Pois eu

Que já havia esquecido há tempos
Aquele modo de viver só pra você

Vi

De uma lágrima espontânea
Brotar dentro de mim a nossa velha vida
a dois

Mas são teus olhos

E esse olhar que não consigo me afastar
O gosto teu

Que tua boca faz sentir

E esse corpo

Que satisfaz o amor maior,

Olha

Será melhor a gente não se dar demais

Nosso passado aos gritos não nos faz
esquecer

Que tanta coisa existiu

Além do nosso velho-novo amor que renasceu.

Retorno .

POAJul76

...e acordar no meio da noite
Olhar na penumbra seu corpo estendido
...e ficar recostado á porta do quarto
No silêncio ouvir você respirar e
sonhar
Os gritos lá fora anunciam que a paz
nunca foi infinita
E na madrugada, cada vez mais bonita
Você se confunde com o amanhecer...

Paz
POAag76

Tentamos tocar nosso pensamento com as mãos atadas
e nossas vistas fechadas olhem tudo que não conse-
guimos ver.

Vamos andando no espaço, no entanto nossos passos
nem saíram do lugar com medo de te perder.

Numa micra de segundo passa a passo nosso mundo na
esperança de morrer uma saudade que mais tarde cer-
tamente irá nascer.

Nos iludimos, cegos, surdos, mudos.

Calamos aos gritos o silêncio que martela tudo que
pensamos,
e contudo nos desfazemos.

Parte a parte, cabo a cabo. Dizemos adeus com muita
arte, muito verso, muita prosa, à você que foi tão
nossa nêsse tempo de comum adeus nenhum vai separar.
Braço erguido, punho em riste, lembra tudo que tu
viste, e pense um dia em retornar, que esqueceremos
que partiste.

Mas por hora, agora, é mão na mão, fechando os olhos
cegando o coração.

Vai, olhando o chão, tocando a terra, andando assim
você não erra,

só não esquece dos antigos, e desse monte de amigos.

Despedida
POA07jan77

Palavras frias, noites varias,
cheia de luzes,
Olhares parados, se dando mal pagos,
em atos de amôres.

A boca cansada, com ar debochado,
frases mecânicas jogadas pro ar.
Um rosto empoado, de olhos pintados,
mal pode esconder a miséria de amor.

Mas deixa bem claro, com gestos calados
a sua vontade de chorar e dizer:

Perdoem meu corpo, meus olhos, meu rosto,
apenas sou o que a vida ensinou-me a ser.

Justificativa
PDAc2mai77

A lanchonete, a mesma hora,
a coca-cola, cachorro quente,
me sinto só, trago a cabeça já
transbordando de lembranças.

Na outra mesa alguém se beija,
desvio os olhos, sorrio até,
prá disfarçar o cansaço da mente,
descubro então, tão de repente
que estou mais só.

Assim a tarde vai indo embora,
aquela hora também se foi
minhas lembranças vão se apagando,
volto dos sonhos, fico pensando
sonde vou,
a coca-cola já terminou.

Barzinho
SP ag77

A porta entreaberta trazia até mim sua voz
E ouvi claramente quando você falou de nós
dois
Rasgou seda tentando inútilmente explicar
o porquê
De repente você acordou e sentiu não querer
mais ficar

Meus ouvidos custeram a crêr nos segredos
que vinham contar seus desejos
Pela porta entreaberta eu senti que era
inútil matar os seus medos,
que assaltavam a sua vontade e faziam morrer
os meus sonhos.

As palavras me feriam e sangravam,
e com meu peito explodindo em angústias
ajoelhei-me sedento de lágrimas,
Mas meus olhos se negaram a chorar, e vi
também que minhas mãos não tremiam,
jamaís senti tamanho êxtase de nada.

Nem gestos, nem gritos, nem lágrimas,
sómente a pena de tentar me erguer e ver que
nunca, na verdade, te amei prá valer.

Segredos
P0A08ag77

No arco-íris seus olhos rolam pelas faixas
coloridas,
um fim de sonho ou começo de uma vida,
no fim da ponte um pote de ouro, no chão
de terra batida.

Palavras, sonhos, fumaça,
a chuva agora termina.
Atrás do vidro, sem graça, deixa a saudade
passear pelas faixas do arco-íris que já é
quase adulto.

As portas abrem pra noite que entra.
Sem licença vai chegando a apagando uma por
uma as cores do céu:
O cinza, antes azul, vira negro;
e me entrego, vendo os sonhos morrerem.

Nem pote, nem ouro, nem nada.
Jogo pra cima arco-íris e sonhos,
cerrando os olhos e fechando a janela, que
amanhã outra vez se abrirá,
pra ver, quando acabar se for, o arco-íris que
por certo virá.

Arco-íris.
POA26ag77

Hei, pequeno pássaro preto
Hei, você voando tão alto
O céu é teu último refúgio de dia
e de noite
Preciso dizer-te umas coisas
Que nem eu compreendo direito
Deixe o medo
E venha pousar em minha mão
Que aberta te entrego.
Pequeno pássaro preto,
Você talvez, depois, vá embora
Pelos caminhos cantando sózinho
Algo que nasce bem dentro de ti,
Eu entendo
Ninguém canta só por cantar
Ninguém fica só por ficar
Sinta minha vontade de viver
E entenda também
Porque não posso ser livre e voar
Voar contigo me buscando no ar.
Pequeno pássaro preto
Meu caminho agora não poderá ser igual
ao teu
Voe agora meu pequeno amigo
Seja livre já que não posso ser
E quando os sonhos se forem prá longe
Volte prá mim
E minha mão aberta vais ter
Pequeno pássaro amigo.

O mar soluça na areia
Em côro com o choro das ondas
O vento sopra mais forte
Cantando e embalando as gaivotas,

Contraste sem base nem haste
Canto e lágrimas, riso e medo
O mar esconde um segredo
Que às vezes me perco pensando

A que estrêla será que o mar
Confiou suas dores e lágrimas ?
Será que amou uma nuvem
Que se foi nos braços do vento ?

E a areia ?
O que faz prá ter sempre
Que secar a espuma e o pranto
Que por encanto vem e vão
Como as batidas do seu coração ?

Não!
Por favor, que ninguém me responda
Ou explique qualquer coisa que seja
Senão o segredo virá em cada onda
E o mar perderá sua beleza.

fjar

Poa20set77

E então a beleza jogada
faz florir os sentidos
de quem a vê,
ali,
adorada.

Dos olhos o brilho cobiçado
Exala um estranho fascínio,
e perturba,
e cola,
e sonha.

Paraíso vivo,
é toda vida,
é toda tudo:

vontade,
desejo,
curiosidade,
esperança (perdida)

Mas depois que a visão se esvai
fica o sonho,
a presença,
a saudade,
e a vontade cada vez mais crescente
de rever,
de sentir,
de querer,
de sonhar,

Escultura que desperta a vontade de amar.

O espelho me mostra inteiro
Me entrego a comparações,
Estou mudado.

Meu sorriso imperturbável
Disfarça uma falsa alegria,
Outrora verdadeira.

Que besteira!
O tempo corre prá todos
O espelho às vêzes reflete mudanças
na pele que cobre
Por dentro o miolo perdura
A carne branca nascida imutável
Ou a nuvem escura, intragável.

Desfile do mundo,
entre mim e a imagem.
Me fixo então no presente, no agora
Me convenço que a transformação
Em cada um vem de dentro prá fora.

Petanorfose
SPo5out77

Vento

Recosta teu corpo cansado nos galhos
sedentos

Desta árvore calma

E conta teus contos, teus cantos
teus segredos

Que porventura habitem tua alma

Vento

Canta a velha cantiga

Que ao passar pelo tronco caído
transforma-se

Em assóvio delirante

E traz a tua brisa amiga

Que em tardes quentes

Persegue o verão tão ardente que
torna-se sua amante

Vento

Afinal de onde vens

Se fales todas as línguas

E mesmo em terras longínquas:

Teus braços são conhecidos?

Apaga de mim tantas dúvidas pois te

Sinto tão longe e tão perto que és

Veves percebo que nunca

Poderei te entender ao certo.

A mão

Dê-me tua mão

Descansa-a na minha

Vê como se gostam,
se enlaçam, se entregam.

Deixemo-las ficar assim
se tocando, se dando,

Enquanto uma protege,
a outra se protege,
se esquentam, impacientes,

Uma enfeita
a outra trabalha,
enfrenta,
contudo só ama
se envolvida,
se querida...

Mãos *
SP Jan 78

Peguei o jornal e lá estava ela
De um lado perguntas curiosas,
Diretas,
Enganadoras,
De outro respostas seguras,
Medidas,
Inabaláveis.

Assim deveria ser prá todo mundo,
Não importa o que os outros pensem
O amor é que é importante,
E é tão fácil fazer algo quando ele
está presente,
E é tão fácil se mar, e se dizer
sem medo de ser julgado,
E mesmo condenado não importa, se ele
existe.

E esse cara não mudou,
E esse cara viveu e nasceu com isso,
E eu aprendi e cresci com ele,
Palavras no papel sei que não bastam,
Quizera poder falar e lhe dizer,
Quem sabe você ainda possa me ouvir
... e então saber.

Entrevista
POA8jan78

Você não pode esquecer
Que minha boca
Foi a primeira boca que você beijou,
Que minhas mãos
Foram as primeiras mãos que você segurou,
E que meu corpo
Foi o primeiro corpo que você amou.

Não,
Você não pode esquecer
Que o que sabe agora
Foi com meu amor que você aprendeu,
Que meu ombro foi
O primeiro ombro que você adormeceu.

Olha,
Nunca tente esquecer
Que os anos se passaram
E que nós dois mudamos,
Mas que ficou alguma coisa
Dentro de mim ainda,
E às vezes eu me lembro
E procuro uma saída
Prá tentar não ver a minha vida morta,
Ainda mais agora
Que nada mais importa,
Contudo ainda vejo você bem viva
E calma
Não sei como consigo, depois de tantos
anos, ainda te trazer quente
Assim, dentro da alma.

Engraçado

O quarto ainda parece criança
Embora saiba que depois de tantos anos
Apenas o tempo mudou,
Os livros ainda jogados
Relembra sonhos de outrora
Que ficaram quando meu corpo se foi,
Parece que aqui dentro a vida parou.

Engraçado,

Acho até que ouvi o silêncio
Me receber de braços abertos,
Talvez deseje que eu conte
Ou mostre o que sai prá buscar,
Bolas,
Será que todas essas coisas
Que sempre quiz com tanto carinho
Saberão compreender que voltei
Apenas porque fracassei?

Deus

Onde estão os meus sonhos,
Os meus planos, os meus planos,
Onde ponho todas as mágoas,
Que nos bolsos cheios eu trouxe?

Cego,

Vou jogar as roupas no lixo,
Vou deixar que o sono me apanhe,
Vou deitar-me de novo na cama,
Antes que a insônia me coma, me arranhe,
Quem sabe a madrugada me acorde,
E me faça tentar outra vez?

Despontam os primeiros raios da manhã
Seu corpo na varanda adormecido
Se cobre de coisas que só consigo sentir,
Seus cabelos em desalinho
Aumentam a minha vontade de te ter,
Calo, parado,
Deixando que este momento se eternize,
Que os dedos do tempo
Não o levem de mim,
E quando a chuva cair,
Cobrindo de cinza tudo o que vejo agora,
Ainda quero te ter,
E te contar,
Do teu encontro com o sol,
Da varanda cheia de promessas,
Que tanto me fez querer
Mais e mais te amar.

Amanhecer
SP19jan78

Meus lábios me enganam
Ao sorrir na tua ausência,
Meu corpo me ilude
Ao ficar feliz sozinho,
Mas a mente aos poucos morre
De abandono e de carência
E as palavras se desbotam
Pela falta de carinho.
Vem agora,
Pega essa madrugada
Que está chegando
E deixa que o vento te carregue
Até passar pelas frestas da janela
E te acostuma novamente.
Vem agora, e deixa
Que tudo fique prá depois
E permita que o frio lá fora
Vale por nós dois.

Enganos
SP22jan78

Joga tua mão na lama
E deixe que o barro te escape por
Entre os dedos,
Permita que a criança,
Com suas mãozinhas sujas de pirulito
Te desalinhe os cabelos
E esqueça que a chuva molha
A tua roupa nova.
Olha nos olhos das pessoas
Antes que elas não lembrem que você existe.
Corra por entre as flores
E suba numa árvore
Pra ver lá de cima o campo colorido.
Rola na grama abraçada
A quem te gosta e descubra
O quanto tudo é importante.
Te joga no chão e chora
Se a vontade vier
Pois cada lágrima que nasce te lembra
Que ainda sabes chorar.
Se te der na cuca fala
Pois palavras que se calam
Acabam sempre esquecidas,
E depois de tudo isso,
Se a vida não te for bela,
Pede pra alguém te ensinar a viver.

Coisas Caras
SP26jan78

Estou doente
E como vou explicar isso aos
meus amigos?
E talvez o que mais me abata seja
essa impotência,
diante de tudo,
Das pessoas, das regras, da lei, da vida.
Estou sózinho feito um cachorro,
que a carrocinha recolheu,
e numerou, e rotulou.
Estou arrebitado, preso numa cama,
numa trama.
Eu acreditava nas fadas,
e puseram dragões no meu travesseiro.
Talvez se eu amasse o álcool,
meu leite envenenado,
meu leite suicido,
mas a cabeça pesa e se retrai,
e língua começa a se enrolar,
e esse é meu depoimento,
minha fissura,
desnudamento.
Fui e talvez ainda seja uma figura
circense,
dividindo a cara em risos e choros;
pergunto em que espelho se esconde
minha face,
e sem escutar a resposta eu morro
no chão.

Para onde ir
Enquanto o céu se retrai
O sol se oculta em suas mantas
Sem sentido,
E a terra e a noite entreabertas.
Esperam tantas dores,
Lembranças,
Esperanças,
Danças que avançam,
Com seus sinais mansos,
Mas feroces.
Não há para onde ir,
Ou chorar,
Ou com que lutar,
Não há sequer o que pensar,
O que esperar,
Na cidade sem sentidos.
Alertas abertos,
Tudo se foi,
Tudo era ilusão,
Sonhos loucos,
Espuma,
Névoa nas três dimensões,
E poucos gestos,
Ações escassas,
Palavras vagas...e nada,
Ou muito, do que não se vê.

Cidade Grande
Fev78

Sonhos loucos
São tão poucos
Que às vezes penso
Que não são suficientes
A levar as pessoas
A serem diferentes,

Sonhos loucos
São tão poucos
Que já se tornaram
Apenas reparos
Nos raros momentos
Que se tem prá sonhar

Sonhos poucos
São tão loucos
Que por serem insanos
Se torna impossível
Viver sem pensar
Viver sem sonhar.

Distorções X
SPFev78

Gostaria de poder escrever alguma coisa
Que ninguém conseguiu
Gostaria de poder lhe dizer alguma coisa
Que você nunca ouviu,
Se eu pudesse lhe mostrar alguns lugares
Que você nunca sonhou
Talvez os pedaços nos seus passos
D esabrochassem em flôres e côres
Onde você nunca passou,

Quem sabe eu descubra um lago sereno
Em que as águas espelhem
A mais estranha cor
Talvez as palmeiras se enlaçem e sonhem
Que um dia serão do jardim de algum sultão,

E dias virão em que a neve será
Confundida com rosas de pétalas brancas
E comeremos as nuvens num prato de céu
Descobri que as estrelas têm gosto de pão,

□ verde garrafa das florestas e bosques
Será cor de rosa
Como num conto de fadas,
As águas do rio se fãrão amarelas
Mergulhando depois em brilhantes cascatas...

Me lembro das coisas
Que você costumava ver
De todas as loucuras,
Seus atos impensados,
Suas frases, seu olhar.
Me vejo perdido,
Me olho no espelho
Só prá ter companhia.
Suas manias, seus anéis,
E num monte de papéis
As palavras mais comuns que você dizia.
E toco tudo que foi seu
Cada coisa me trazendo
Um mundo cheio de lembranças.
Os seus livros, sua roupas,
Deixam minha mente louca,
Na esperança de te ter.
Mas como todos os sonhos, angústias
E medos, cadeira cativa,
Se prende só a mim,
E como em cada cigarro
Quando chega no filtro
Queimando lentamente eu morro no fim.

Cadeira Cativa
SPo6fev78

Índia

Vem, mostra o teu sangue,
Honra a tua raça,
Abre sem medo essas pernas
E deixa que tudo se faça.
Queda Índia,
Te espicha na esteira,
Te esgueira e me cerca,
Deixa que o sangue flua
e se misture,
E me cure dessa fome animal,
Brutal, bestial.
Apaga a mente,
Esquece o teu povo,
Façamos de conta que somos iguais,
Já que temos os mesmos sentidos,
Oprimidos, rabujentos.
Me lava no teu suor,
Me seca no teu cabelo, no teu pelo,
Sem apelo me entrego, me nego,
Torturo todo o teu ser,
Não me culpo por te ter,
No fundo somos da mesma raiz,
Filhos de pai que não quiz
assumir a adoção,
Te joga fênea mestiça
E me faz feliz aqui no chão.

Teu solar se faz pequeno
Caymmi
Para tanta alegria
De cantar pro mar sereno
Caymmi
No sol amigo da tua Bahia

Dedilha agora qualquer coisa
Caymmi
Transforma a paz em amor-canção
Que Mãe Menininha te embale
Caymmi
Cantando ao som do violão

Obá, Xangô, Odolá, Nagô
Caymmi
Palavras doces de cantar
Pegando um Ita lé no norte
Caymmi
Vieste pro Rio morar.

Filho da Bahia
SP12fev78

Eu vou abrir a porta
E escancarar a janela,
Vou botar o pé prá fora
E enfrentar esta cidade
Onde toda a insanidade se resume
Em sobreviver,
Vou caminhar com o sol na cabeça
E não volto antes que anoiteça
Com alguma coisa no bolso
Com o suor debaixo do braço
E o cansaço estampado no rosto.
Vou cruzar as faixas de segurança
Com o medo que se faz forte
Vou pro norte, vou pro centro,
Vou deixar o firmamento prá quem
Sonha com a vida após a morte.
Vou trocar palavras bruscas,
Vou me perder nas minhas buscas
Prá poder sobreviver.
E é assim que tem que ser,
Vou enfrentar meu dia a dia
Como a fera que se arrepia
Quando vê que vai vencer.
Mas tudo isso são brochuras
Que brotam de minha mente
Lá fora está é quente
E como um príncipe valente
Que triunfa após a guerra
Vou ficar mais um pouquinho
Saboreando essa espera.

E então ele chegou como não
querendo nada,
parou, esperou, rodou, hesitou,
deixou de lado a pressa,
o instinto se fez mudo na certeza
da vitória,
e então chegou a hora,
escorregou prá cima dela e corcoveou
qual um cavalo,
como um rei e seu vassalo dominou,
lutou,
gozou, e satisfez a natureza que cria
a criatura sadia e selvagem,
que faz amor entre as ranagens.

Insetos
SP16fev78

Hei, é com você que estou falando
Você que faz versos e chora feito
criança,
você que é fera mansa,
que quando acorda se atira a cavalgar
nos meus ansios,
que é escravo do meu ventre,
e, embora sei,
por mais que tente,
não consegue se livrar.
Extenuado e adormecido você volta a
se encolher,
seu pedaço de animal,
teu cheiro não me incomoda,
me arregaço e te possuo,
e te engano,
te deixando ficar por cima do casulo.
Te acaba, te alucina nesse corpo de
menina,
te satisfaça por me ter,
mas sei que enquanto me quizeres
serás escravo até morrer.

Cativeiro
SP17fev78

Te procurei nos meus passos
Nas estradas,
Nos casinhos,
Nas calçadas,
Tudo em vão.
Depois,
Cansado, adormeci,
E,
Em meu sonho descobri
Que você vive se escondendo
Dentro do meu coração.

Descoberta
SP23fev78

Cansado me sento e te aceito
no teu dia a dia,
os cubos de gelo no copo brilhando
confortam apenas a minha vontade,
a conversa se esvai no sono que vem,
e a cama me espera para mais um dormir.
Não fazemos amor pelo menos há tempos,
é do meu travesseiro o abraço final,
deixo minha pele roçar no teu corpo,
como se isso bastasse prá te fazer feliz.
Nem me atrevo a te olhar prá não te ver triste,
me viro pro canto e apago a luz,
até que o silêncio toma conta de nós,
dorme sem medo, meu amor,
pois ainda te amo,
é pena que tenha de acordar cedo amanhã.

Sono solto
SP28fev78

Na sarjeta a água turvada
Que lavou a calçada na noite da chéva,
No chão do meu quarto meus chinelos novos
Que aqueceram meus pés quando o inverno chegou,
No canto do bar um corpo jogado
Um poço de coisas que a vida não quis,
Em cima da cama meu eu envolvido
Em pijama de seda depois da insônia,
Um sopro de vento carrega o jornal
Que na capa da frente registra uma morte,
No quarto, ofegante, uma alma perdida,
Tateando no escuro, sem saber das estradas,
Perfume barato espalhado na rua,
Com cheiro de mato quando o sol vem nascendo,
Coberto em fumaça dois olhos se fecham
Não há mais razão prá ficar acordado,
Escorrendo da cama comprimidos se perdem
Calando prá sempre um sorriso de amor.

Emaranhado
SP28 fev78

Dá vontade de te trazer café na cama
E deitar sôbre teu corpo fresco ainda
meio adormecido,
te ver abrir os olhos ao te penetrar.
O quarto envolvido num clarão prateado
te desfigura o rosto,
e me aumenta a fome,
teu cabelo arranha o meu rosto todo
e solto se emaranha pelo travesseiro,
me sento então na cama te beijando os seios,
cavalgo no teu ventre só prá te acordar,
você sorri e me aperta me prendendo dentro,
a fome então desperta num desejo louco
e pouco a pouco tudo se resume em nós.
Depois do fim te abraço e fico te guardando,
você se enrosca toda e me beija o peito,
encostando as coxas em meu corpo suado,
te abraço e fico me recuperando,
e te dando tempo prá fechar os olhos,
meus dedos passeiam leves em tua pele fresca,
sentindo nos teus pelos me voltar o fogo,
não entendo como me despertas tanto,
mas a cada instante quero te obter,
te amo mais que nunca debaixo do meu ventre,
mesmo quando te acordo assim...ao amanhecer.

Despertar
SPFev78

No alto daquela montanha existe um vale
Onde todas as flôres enfeitam o mais
verde campo,
E um lago bem sereno servindo de coração.
Mas dizem que os caminhos pré se chegar ao
tal vale são difíceis e sinuosos,
guardados por demônios,
que espreitam atrás das pedras e tentam as
almas puras, que,
sem olharem para os lados pisam nas pedras
soltas.

Degões de fogo cercando a passagem principal
e uma hidra de sete cabeças servindo de guardião
e só quem tem fibra de aço consegue vencer
as fúrias,
e chegar ao topo do monte, no vale do paraíso.
Mas um Mago um dia descobriu o segredo,
que revela o caminho sem passar por tais perigos,
num pergaminho tão velho quanto as palavras
escritas, ensinava que contornando as feras
se conseguia,
e usando astúcia e malícia a força bruta morria,
sem mesmo saber de quê.

Na incerteza de te ter mais uma vez
Passo os olhos pela cama revirada
Ainda ardem as marcas que em meu corpo
tu deixas-tes

E olha menina
Como é difícil esquecer o teu perfume

O quarto agora se faz claro e silencioso
No ar um cheiro de amor abandonado
Ainda soam pelos cantos os teus sussurros
e apelos

E olha menina
Como é difícil esquecer tua presença

Descanso e deixo todo o corpo na preguiça
Alimentando a esperança de um retorno
Ocupo o espaço da cama em que dormistes
E olha menina
Como é difícil esquecer você mulher.

Espera
SP11mar78

Por um breve momento hoje passou por
minha cabeça
aquela antiga vontade,
e como uma dor que vai crescendo aos poucos
e que só por vaidade se me alojou no peito,
nem mesmo sei direito como foi que ela surgiu,
rastejando sorradeira entre coisas e pessoas,
ninguém a notou, ninguém a viu,
e surgiu dentro de mim só prá ter o que fazer,
e o que é pior de tudo,
só prá me fazer sofrer.

Sem perceber aquilo tudo foi voltando pouco
a pouco,
se fez vivo, se queimando, me ardendo,
me matando,
e a vontade de te ver acabou tomando conta,
e impondo decisões, vontades próprias,
resoluções,
e acho até que decidi mais uma vez te
procurar,
só prá te olhar, só prá te ver,
rever tous olhos, teu andar,
me embriagar no teu perfume,
me refletir nos teus cabelos,
e sair triste e arrasado por não saber
nem me conter,
e descobrir por entre passos que ainda
posso te querer.

Nunca te senti tanto em falta
Até te perder,
E te conceber assim, grande,
Marcante, exuberante,
Dentro de meu ser.
Deixastes um buraco enorme dentro
de mim,

E foi assim,
Ao perceber que nada mais tem sentido
É que vi,
Nas entranhas desse meu velho coração,
O quanto importa te levar junto,
E ir contigo a todos os lugares,
Descobrir o teu lado humano,
E tentar sufocar a tua dor,
E depois de relutar me entrego e te
confesso

Me dói só te ver assim
De vez em quando,
E ao pé do teu ouvido um segredo:
Porto Alegre, eu ainda estou te
amando.

Uma dorzinha chata me tocou
Agora
Depois de qualquer coisa do meu
Violão
Olhei para a parede e vi apenas
Sonho
Que envolveu de leve como algo
Doce

A tarde que cois me ajudou e
Muito
A ter só para mim momentos de
Ternura
Qual mais um tesouro que eu
Guardarei
A lembrar você, verdadeiro amor,
Única saudade a quem de fato
Amei.

Dor Miúda
SP120678

Ontem conheci alguém
Que me lembrou você
Na lembrança indefinida do que pudesse
ser
Rebusquei todas as coisas suas que me
faziam dentro
Te procurei nos gestos pré me sentir
mais perto
No entanto não te achei nem por um
momento
Por certo não eram os olhos, pois estes
Tenho certeza, só você os tinha
Talvez fosse a boca, aberta por um ins-
tante
Em um sorriso largo,
Mas, embora cativante, não encontrei os
teus lábios
Nem por um segundo
Depois de certo tempo, te confesso, saí
frustrado
Pois, embora te sentindo a poucos
passos
Do meu corpo
Não te via, não te ouvia,
Então me convenci que aquela sensação
Mostrava que ainda havia um pouquinho
De você, dentro do meu coração.

Hoje terminei com você
Com você que me amparou
De um modo que jamais esquecerei
Com você que é muito gente, e eu sei
Por mais que tente, não consigo achar
Palavras que me façam ter uma queixa sequer
De você,

Hoje terminei com você, mas ganhei
A certeza de uma grande amiga,
Pelo seu jeito meigo,
E embora com rosto de adolescente,
Te sei muito madura, definida,
E disso, minha amiga, sentirei falta,
Embora pareça irônico,
Uma hora depois de te deixar prá sempre
Te vi dançando com outro cara e
Senti uma pontinha de ciúme,
Uma dorzinha chata,
Uma vontade de que fôsse você o meu grande
amor

Que por saber perdido não me deixa em paz
Tomara que eu não te sinta falta
É não me arrependa de ter jogado fora
Mais uma chance de tentar ser feliz.

Amiga
SP28jun78

E você me falou de amor
Senti suas palavras me gelarem
Como um banho de água fria
Mal podia acreditar no que você me dizia
E você me falou de amor,
O ato de nos darmos,
Antes quase mecânico
Se cobre de ternura, de paz
E olha
Você não imagina o quanto feliz me faz
Não te amo, mas
Te tenho um carinho muito grande
E embora te tendo assim
Sem um sentir completo
Tua presença se faz forte e importante
E você me falou de amor
Rolamos nos lençóis como se um corpo só
E nosso ato agora puro faz do quarto
Um pouco mais humano
Te agradeço,
Por tudo que você me deu
Pelo bem que você me causou
Te prometo,
Não vou te deixar apenas porque não te sinto
toda
Farei de nossos corpos um símbolo de coisa
bela
De nosso ato uma ternura singela, e
Quando o êxtase chegar enlaçarei a tua mão,
Para te fazer feliz
E me sentir mais forte dentro do teu
coração.

Lençóis
SPJul78

A namoradinha de infância
Que agitava meus sonhos de criança,
Aquele garotinha sardenta,
Que usava tranças, e pulava corda na
calçada

Meninos correndo num pega-ladrão desenfreado
e sem conseqüências

E na mais pura inocência mais uma tarde fugia
Na rua calma e serena dos anos que já se foram
Sinto tanta saudade de minha mãe me chamando
Prá me lavar pro jantar
Pois era preciso estar limpo esperando papai
chegar

Te falo das minhas dúvidas,
Se aproveitei de verdade, agora que esta
saudade

Me joga nos cantos da mente meus tempos de
moninice

E sei que não é criança, quando voltam os
Velhos sonhos, e olha,

Não sei compreender ao certo

Mas tudo se faz tão perto apesar de tantos
anos já mortos

E dos meus pensamentos tortos só consegui
ficar com você,

Minha consciência madura,
Que embora sabendo não pura
Ainda consegue sonhar.

Madalena

Pele bronzeada do sol da Bahia
O corpo roliço exalando desejo
Nos olhos o lampejo de quem nasceu livre
Esperando os saveiros na beira do mar

Madalena

Era assim Madalena
Nome de santa em terra imoral
Olhar sempre atento a um novo romance
Num breve relanço deixando notar
Os prazeres da carne e a vontade de amar

Madalena

Os marinheiros sabiam do seu fomo e
Vontade
Cada um já provar um pouquinho do amor
Entre redes e peixes bastava a todos
Como animal
Nas noites quentes e calmas dessa terra
desigual

Madalena

SP20jul78

Te trago no amor perdido
De um olhar distante
Te trago nas coisas puras
De meu ser ferido
Te trago no cheiro da terra
Depois do temporal
Te trago no "M" indefinido
De minhas duas mãos
Te trago na umidade
De tua língua solta
Te trago no lençol manchado
Do ato prematuro
Te trago formada em partes
De coisas que foram minhas

Te trago enfim ainda viva
Em tudo que faço ou sinto
E agora, na beira do abismo
A um passo de te perder
Me encontro meio anestesiado
Sem saber o que pensar
Sem saber o que fazer

Deixa de feminismos
Pensa nas coisas todas que você deixou
de fazer

Esqueça os lirismos
Essas coisas abstratas são prá quem não
sabe viver

Começa da infância
Lembra dos dias de parque cobertos de
chocolate

Pára na adolescência
Repensa nos dias de baile que perdeste
por pensar de tua pouca idade

E agora
Depois de adulta, me diga, o que tens feito?

Por hora
Apenas me fale se fôstes amada direito
Que cheiro tem o peito de um homem?
Que gosto tem um lençol manchado?

Mas não te envergonha
Ainda há tempo de salvar este teu coração
E não precisa parar ali na esquina da
Ipiranga com a avenida São João
Apenas pule prá baixo dessas cobertas
Esqueça as horas incertas e começa a aprender
Que já é tempo de você iniciar a viver

Esqueça os feminismos...

Relutar
E se medir
De nada adiantou
 Acabaste cedendo
 E se entregando
A esse seu antigo carinho

Não te culpo e me desculpo
 pele quarto
Feito de banco de carro
Com cheiro de gasolina
 E olha menina
Me dei em cada gesto
 e te gostei
Te vendo ali deitada
Banhada pela lua, que curiosa e
 passada
Pela janela espiava.

Ato Tardio
PA16set78

Você em minha cabeça se define
Sem formas, sem contornos, sem normas
E te trago difusa
Como um raio que se apaga, mas fica
o marco

A luz, a força
Você em minha cabeça se aconchega
feito gazela mansa
E branca como a paz
E me marcou os olhos num papo doce e
morno
Numa saudade indefinido de te ter.

Prolúdio
SP24out78

Ponto branco no horizonte
sinal perdido

Num andar quedante entre
o céu e a terra

Ponto branco
pessala distraido

Num gesto quase cego
saúda as gaivotas

Ponto branco
Não estás sem rumo,
Tens em ti a liberdade
como marco de chegada

Tatuado no teu casco
Tens a força de quem pode
escolher

Passar a vida inteira
navegando

Num mar de águas sem
manchas nem pecados

Saveiro
PA22nov78

Teu andar se torna canto
Que na pupila se abriga
 qual acalanto
Num ninho em retalhos
 de coisas puras

Globo Ocular
PA22nov78

Sono

Ato liberto que se funde em
nuvens

Imaginação real que se
abstrei da dor

Prolongar de anseios a
aninhar queixumes

Braço inculco de indelével
amor

Sono

PA28nov78

Inseto verde
Perdido na grama de um parque
qualquer
Um ponto tão frágil que quase
inexiste

Inseto verde
Tão pequenino que se perde
nos olhos
É tão indefeso que até
desespero

Faz parte de um mundo que
nasceu do milagre
Às vezes pergunto se não faz
parte da grama

Qual graveto
Parece mesmo um galhinho
perdido

Não é tão indefeso,
e tão cheio de vida.

Tenho medo de chorar
Quando puser minhas mãos no calçado
Na intenção de viver o resto de minha
vide

Tocando o meu próprio chão
Vou olhar para os lados, e com a boca
fechada

Critarei à cidade que chegou mais um
filho

Um filho disposto a dividir com ele
Cada dia que nascer

Um filho que será mais uma boca para
alimentar

E o pão será dividido em pedaços
menores

No entanto serão mais duas mãos para
ajudar na enxada

Vou plantar, não importa a queimada
anterior

76 vai longe, e me parece que esse
ano

Será o das grandes decisões,
Será o pulo para as definições,
E só o tempo dirá o que se errou de
novo

Vou procurar os antigos, no entanto
Vou querer saber das novas cabeças
Pois uma coisa aprendi, ter sempre
sonde ir

Quando não se sabe o que fazer, é
Muito importante, quase vital, além
De ser qualquer coisa.

Me recaba de braços abertos, sem
Volta se fará forte, ponha o sorriso
Prá fora e se ajude a carregar as
malas

Enquanto conto as novidades
Me espera pro fim do mês que sou mais
Um filho que volta.

Não quero mais pensar em tudo que já
passou
Não quero mais remor as coisas que
me machucou
Não quero mais saber que prá sempre
eu te perdi
Não quero mais sentir o quanto ainda
te quero
No entanto ainda penso que sou fim
andando por perto
No entanto ainda preciso fazer tudo
que ainda não fiz
No entanto ainda necessito repetir
as coisas amorais
No entanto ainda desejo me acabar
não sei em quem
Só sei que quando o verão chegar eu
vou viver
Só sei que quando eu chorar logo vou
querer você
Só sei que ainda vou viver um tempo
vagabundando
Só sei que quando for dormir vou
sentir a tua falta
E então vou me dedicar a coisas mais
triviais
E então vou me enganar prá não
sofrer
Prá sempre
E então vou fechar os olhos e dizer
que a minha vida
De todos os anos que já vivi muito
poucos me valeram

Um lugar qualquer, num dia qualquer
Como o olhar de uma criança
Que acha o brinquedo perdido
De repente então alguma coisa muda
Excita, cativa, se ilumina
Fonto de luz
E quanto mais se vê mais se olha
Porque o olhar se torna o primeiro gosto
O primeiro toque, o primeiro orgasmo
Que o seu olhar lhe diga que a percebe
E percebendo gosto
E gostando quero,
Olhar aí é descoberta, sinal de aviso,
Segui-la na multidão,
Esquecer a hora marcada,
Deixar o tempo de lado,
Que longos caminhos teremos feito
estúpidamente
Quanto tempo perdido para chegar até aqui
Neste lugar qualquer, num dia qualquer
Seus passos soltos pelas ruas, pela tarde
- Eu sou Maria
- Eu sou João
Maria... Quem terá ouvido algo tão doce assim?
Eu sou Maria...
Apenas um olhar, um nome e um sorriso
Um jeito de andar,
Um sorriso e um nome de mulher
Uma mulher, um andar e um sorriso
Um olhar...
Apenas tudo isso?
Ou tudo isso apenas por causa de um olhar
Que num dia qualquer
Numa hora qualquer
Descobriu no meio de tantos
Um nome para amar?

Eu vou-me embora mãe; vou deixar teu colo quente, teu colo farto e vou partir. Levarei nos bolsos apenas sonhos, e nas costas, além da velha calça, uma mochila de esperança marcando cada passo na unidade de tuas lágrimas, e não vou voltar sem nada nas mãos. Quando te ver de novo quero que esse meu sorriso, agora de angústia, venha coberto de vitórias. Que as esperanças tenham virado conquistas e se a velha calça ainda existir / não mais a usarei; deixarei que ela termine seus últimos dias num arário limpo, sem poeiras, sem dores, sem saudades. Não mãe, não me peça nada agora, seria inútil. Quero me soltar, nem que tateando num escuro desconhecido, com as pernas trêmulas e os braços estendidos, e quando a primeira coisa eu tocar, quero senti-la boa, saber se é amiga ou inimiga, se tem o seu amor ou o fel da solidão. No coração te levo, mãe. Teu amor e o amor maior lado a lado, passo a passo, me guardando, me mostrando os caminhos. E quando o frio de madrugada me pegar acordado num abrigo qualquer, não vou chorar, nem dar ouvidos às suas palavras que talvez promettessem coisas se eu não tivesse partido. Partir é viver. É descobrir outros mundos; gente / chorando e rindo, e partindo como eu. Não direi nada, não teria nada pra dizer. Um beijo e um abraço forte falaria melhor por mim do que quaisquer palavras. E tuas lágrimas me dirão adeus. E teu abraço me poderá que fique, naquele respeito sublimar de quem acredita no destino.

Envolta assim num lençol branco
qualquer
Te contemplo sem pressa adivinhando
A processo do hora final,
Meus olhos vazios te passavam
pensando aqui e ali
Indo a todos os lugares sem ponto
definido
Meu corpo se move numa lentidão
Incontida
E no meio dos gestos pensamentos
distantes
De quando te conheci, parada diante
dos meus olhos
Que naquele momento te viam cada
vez mais perto
Não sei ao certo se te beijei
primeiro
Era tudo tão irreal, tão leve
Que por um momento breve tive sede
de acordar
Tuas pernas se abriram numa
excitação tão pura
Que quase desfaleço de tanto amar,
Fiz tudo que era humano para
Satisfazer teu corpo, na esperança
Louca de repetir o sonho,
Te vi sorrir, murmurar, se pedir,
Se mexer, se olhar, se sentir,
O tempo morreu na beira da cama,
No tapete as roupas dormiram numa
culpabilidade calada
No cansaço o sono de uma criança,
Qual menino que adormece abraçado ao
ursinho de pelúcia
A noite se foi, a radia saiu do ar
Como num passe de mágica o dia veio
No tapete apenas os seus pertences
Na cama apenas o meu corpo, no quarto
Apenas a sua lembrança, por dentro me
Assaltam as velhas vontades, numa
certeira mesquinha
Que se você não voltar eu vou morrer
de saudade.

Noite
SP79

Esta noite quero sentir
alguma coisa mais forte
alguma coisa que envolva
e que me faça viver,

Um pouco só de magia
da noite de um cabaret
dançando como se o dia
não mais pudesse raiar,

E que me faça voar
por entre mesas e copos
e me perder na fumaça
azul que fica no ar,
nos braços de uma mulher
cheirando a corpos perdidos
que tenha os olhos carentes
de algo que já morreu,

E findaremos a noite
na mesa de algum bar
serei apenas mais um
boêmio que se perdeu.

Eu sou uma sombra na noite
mais um corpo na chuva
mais um grito que ecoa,

Eu sou uma página branca
um sussurro na boca
uma ave que voa...sózinha

Sem estrelas no infinito
sem ouvir meu próprio grito
sou mais um corpo perdido que se vai,

Eu sou uma lágrima pura
qual criança insegura
que não sabe chorar,

Eu sou uma brisa em um campo
uma nota de um canto
que ninguém quer cantar

Divagar sim
Pois o tempo vem amargo
Lentamente
Prá sentir o frio do aço
Pouco a pouco
Que o vento é testemunha
Que a nova mudança vai
acontecer

E devagar se faz noite
A gente vai chorando
sussurrando
Num escoar sem fim.

Oiha

Não vou te esconder que te penso
muito

E acho que por vêres até demais
Chegando ao ponto de evitar te
procurar

Pois já nem sei o quanto te
tenho dentro

Ao te beijar senti que te queria
E êsses meus dias tem sido tão
sonhados

Que meus sentidos já não fazem
mais sentido

Você
SP79

E essa noite que não chega
os dias me parecem eternos
as horas se alongam num esperar infinito...

Procuro coisas prá fazer
Prá ocupar meu vazio e diminuir minha angústia

Uma busca infindável
de tentar viver sem você

Minutos
campinas 79

Você

Que de todas as mulheres foi a única
Que me amou a vida inteira
Fazendo dos meus passos a tua estrada
Dos meus gritos, teus lamentos
De meu sorriso, tua razão de ser

Você

Que nas noites frias me amparou nos
braços
Que chorou ao ver a febre se-me alojar
no corpo
Que fez do próprio seio a fonte de
minha vida

Você minha Mãe

Que agora tão distante reza por mim à
noite
Numa súplica calada por meus dias mais
felizes
Que me ama loucamente como quando ainda
era só seu

Te peço, agora, descansa

Teu filho está distante mas ainda te
quer muito

E um dia ainda o verá voltar pela
mesma estrada

E te abraçar chorando, dizendo que sentiu
A cada dia muita falta de você.

Mãe

SP79

Ser poeta

É sentir a dor de um modo irreal

É saber falar de amor querendo ser

amado

É tocar todas as almas de um jeito

natural

É derramar lágrimas tristes sem

nunca ter chorado

Ser poeta

É pedir com poucas frases um mundo

de ternura

É colocar na boca o que ninguém já

foi capaz

É fazer do sentimento uma menina

pura

Ser poeta, por favor, é difícil

demais

Ser...

SP79

Ser poeta

É sentir o dor de um modo irreal

É saber falar de amor querendo ser

amado

É tocar todas as almas de um jeito

natural

É derramar lágrimas tristes sem

nunca ter chorado

Ser poeta

É pedir com poucas frases um mundo

de ternura

É colocar na boca o que ninguém já

foi capaz

É fazer do sentimento uma menina

pura

Ser poeta, por favor, é difícil

demais

Ser...

SP79

A mulher bonita é a paz
O descanso que os olhos tanto procuram
É um lírio ao vento num campo
O perfume de um jasmim que a Primavera
trêz

A mulher bonita é o sol
Que se põe calmo e sereno numa tarde malsa
É uma gaivota que o céu alcança num vôo puro
sôbre as ondas

Mulher bonita meu amigo
É o que tem de mais belo, porém...insano,
Que faz do leito um altar profano
Um esperar inútil, um sonho colorido
Mulher bonita, digo à você,
É um ser inexistente
Pois basta estar com a gente
Prá não ser tão bela assim,
Não são as rosas mais vermelhas
quando soltas, no jardim?

Um dia uma voz amiga me disse
que devemos ir onde manda o coração
mas a cada dia nos cobram tantas coisas
que já não é possível fazer da vida poesia,

Antigamente os caminhos levavam os corpos
atrás de uns belos olhos, uma boca doce
mas hoje os próprios pés atropelam a razão
que já não é possível amar dia após dia.

Dias e noites
PDA 05.02.79

Agora sim vais ver
o que é sobreviver,
Ter de lutar
e até matar para comer,

Tuas pernas trêmulas logo correrão
num passo indefinido
Tua mãe a cada instante
se fará mais importante,
como este teu rouco gemido.

Feto
SP-23fev79

Dimensões carentes
Diferentes
Transparentes
E os contornos mostram as curvas no
horizonte
Nas areias claras se desenharam
inocentes
Seminus os corpos como manchas na
parede

Por detrás da porta as sombras
cobrem os pecados
Num gemido cálido das figuras
enlaçadas
Em disfarce pálido ignoram a matéria
Que se queda esquálida
inválida
morta de sede.

Sabe

Não sei se te amo apenas porque

você não é minha

Não sei se te quero apenas porque

não te tenho

Mas saber que você me existe e

que corre solta pelas ruas

me deixa tão fêria que simplesmente

te amo

a cada vez que você, distraída,

não vê eu olhar prá você.

Já te falei de mim, não te recordas?
Eu sou o vento que te traz a alegria.
Tu já tocaste em mim, não te fiz falta?
Eu sou a carne crua que te saciou a fome
Já apanhei de ti, não me doíste?
Eu sou a crina alada em que cavalgaste
Eu já te encontrei, não me achaste?
Eu sou a luz porosa que te iluminou
Eu sou teu corpo, touz ensaios, tuas lágrimas
E quando sentes doras, em ti estou
Quando sorria aos dias, também sorria
E quando desesperas, Eu Me perturbo, e Me derrio
Porém se amas forte, Me fazes forte
Porque de amor e paz também sou feito
Eu sou, meu caro, teus olhos e teus ouvidos
Aquele que nasceu por entre palhas
Aquele que te tem dentro do peito.

Um dia ainda vou buscar você
prá te juntar aos sonhos
que eu sempre quis,
Um dia ainda vou prá lhe dizer
que apesar do sol não sou feliz

Os campos ainda são todos iguais
com flôres renascendo em pleno abril
O mar ainda tem a mesma côr
o vento ainda diz frases de amor

Agora põe a tua mão na minha mão
deixa teu corpo ir sonda for o meu
Descansa teu olhar no meu olhar
pró despertar o amor que adormeceu...

Vou tirar o meu corpo da rede estendido
Vou fazer do infinito o meu cobertor
Vou fazer das estrelas minha guarida
E trocar com a lua frases de amor,

A estrada me espera, eu vou,
vou-me embora
A estrada me espera, eu vou
é agora

O meu pé pelo chão marcando o caminho
Se tiver que correr melhor ir sózinho
Mas se acaso, mais tarde, apertar a saudade
Vou tirando do bolso esse tal liberdade.

Difusa figura

A do esboço sentada na cadeira

Tétrico silhueta no meio do quarto,

Na penumbra

De olhos grudados na janela escancarada

Triste figura

Vê num relance a cabeça opaca,

Num golpear macabro, a dançar incerta,

A buscar, que sabe, sua mente louca

Na parede o dente arrancado a ferros

Pelo chão as rötas roupas semi-mortas,

Enchendo o quarto um lúgubre adeus,

De terminar de vidas,

De rênascer de almas.

A tarde estava sorrindo
Já era mais de sete horas quando a noite veio e
Meu nomei que um briso leve se arrepiava a
Estando com que meus braços se recolhiam
Ao longe, no horizonte, o sol ainda teimava em
Torcendo o céu em confusão de cores tão maravilhosas
Que só a natureza poderia criar

As nuvens negras se afastam feitas filhas revoltadas
De um tormente que se foi

Meus olhos vão esbrilhando a noite a infinita
Encontrando a presença entre de noite
Tranqüilidade de um céu de luar
Que virá anunciar ao dia nos trabalhos

Logo então na noite um erro filho mais velho
Culpeu o calor dos braços de luar
E só de agora deu conta que não confidante
Já não está mais sozinho

Meu ouvido ouve a voz do maré
Que nos braços se embala ao levantar uma noite
Agora está mais frio
Meu corpo, há pouco, rejeitou sem querer
Um carfalo de brisa

Antes de ir, ouve mais um resuscitado
Momentos assim não devem encontrar e quem um
Já é noite fechada

De eu sempre voltar chegando a você
Mas meus olhos no noturno que estou a is sózinho
E que na última noite só eu sei o que é

Ameshecen

O sonho já vai terminar
O dia vai levar você
E quando a noite retornar
Não sei então como vai ser

Fecha seus olhos

Não ficar no sonho mais confuso
Só no teu corpo encontra seu abrigo
Mas por favor não esqueça acordar

Quando se for

Vá simplesmente aos olhos até tres
Tois já não sei se eu parei ou não
De não chorar voude voce partir

De tanta suor

Meu pai se vou saber viv e de ois
Meus planos sempre foram prá nós dois
Longe daqui mas tenho onde ir.

O que mais se confunde é que quando estamos realmente felizes não existe ninguém capaz de chorar e dizer que aquilo verdadeiramente é o ponto final.

Numa espera mudo que se envolve
O relógio me mostra aos poucos
a tua demora
fazendo do meu corpo fera
enjaulada
Na procura coga de uma sombra
na janela

Vem
Larga tudo o que te prende lá fora
E me abraça forte
Sussurrando aos meus ouvidos que
também se desespera
Toda vez que o tempo passa e você
escute "ô

Vem
Que te preciso aqui
Pré deixar transbordar na boca meus
pensamentos que são teus
Me procura com teu corpo e adormece
Que quero te ouvir pulsar dentro de
mim

É Tarde
Você não vem e meus olhos se umedecem
Gritando em ecos que você não virá
outra vez
Já nem consigo pensar num motivo que
me desculpe
O sono já vem num abraço terno e sem
culpa
E numa última desculpa joga meus
olhos na calçada
Que vazia e abandonada ainda espera
o amanhecer

Procuro uma sombra na praia .
Nada muito real, apenas pó
Alguém com um abraço forte
E um pouco de ternura
Uma sombra que me torne
Um pouco menos só...

Que no despedido não deixe
 marcos na areia
Com a língua salgada de um
 mar distante qualquer
Que me ponha na boca
 palavras
 doces e leves
Que no corpo não deixe
 cicatrices
Quando a solidão vier ...

Quero uma sombra na praia
Coberta por um linho
 branco
Que não deixe um nome nas
 ondas
Para eu me lembrar
Que tenha cheiro de flor no
Corpo todo bronzeado
Mas que venha agora mesmo
antes de eu me acordar...

Ficaram então deitados bem juntos um do outro
Ocultos e protegidos pela chuva que caía lá
fora

Como uma parede entre eles e o mundo,
E ele parecia ter caído através de um buraco
no tempo

De volta à sua inocência
De tempos a tempos tocava-se com os lábios,
Esse luxo de sensações, esse calor, tornava-os
sonolentos

Não abria os olhos para não destruir sua paz.
Vida crua,
Sabaria responder o que faria ele nos braços
dessa mulher

Que de amigo à amante o faria puro
Livre dos preconceitos de uma sociedade
nojenta

Que o bitolava e refreava seus sentidos
E não lhe importava o que lhe acontecesse
dali por diante

Mesmo que depois disso nunca mais tornassem a
Deitar-se um nos braços do outro
Se toda sua vida quisesse morta despartou seu
grito mudo

Amava-o
E o que era ainda mais estranho, sentia-se
letárgico

Quase inconsciente
Apenas com a certeza de querer ficar ali até
sempre

MOTIVOS PRÁ VIVER

Poa 60

Eu não sabia que doía tanto
uma tarde fria, um quarto sem calor
um violão jogado, num sapro cantador
qual acalanto embelando a dor

Eu não sabia que um quarto tão pequeno
pudesse ser assim, tão grande e sem fim
eu não sabia que doía tanto a perda de
um amor

As lágrimas nascendo,
o peito se rasgando
a gente ahlouquocendo,
o coração sangrando,
jogado ali no chão,
como um pedaço morto
um corpo se ilucina e pensa em não viver

Depois de tudo o nada,
o sonho tão real,
a vida vem mais forte,
a dor é natural,
na boca um gosto amargo
de coisa adormecida,
o corpo castigado por uma dor doída

A gente então se enrosca,
se rola, se procure,
mas não encontra nada,
e dor é tão segura,
procure sem cessar motivos prá viver,
encontra um grito sudo,
tem mais é que sorrir.

Temi a falta do sorriso que não vi
Em meus olhos sedentos, perdidos
Fizha voz só querendo gritar coisas
suas

De uma vida que rola nas ruas

Mas não é preciso estar aqui no que
eu vivo

Frá saber como é forte a luz da
esquina

Na menina sadia que se perde nos becos
Eu bem sei que a vida continua,

Essa vida que rola nas ruas
Bate forte em meu peito...tão crua.

Becos

Jan80

Ha, se eu pudesse ser a imagem do espelho
que te contempla
Ha, se eu carecesse de espelhos para
reencontrar o rosto que perdi
A imagem do teu rosto não seria então o
teu rosto de agora

Parece que não vejo o que me vêem
E as coisas que contemplo não estão
paralizadas na memória
Mas dela saem ao meu apelo

E transfiguram-se com a liberdade que lhes
concedo

E, não sei por quais artes
Sinto-me prisioneiro dos meus fantasmas
libertados

Com tudo isso tenho a esquisita sensação
De que sou fantasma de lembranças alheias.

Imagem Virtual *

Lalo-jan8o PCA

Os cardos tomaram conta do campo
Desbotaram rosas,
Mataram girassóis,
E a utopia de Canaan desfaleceu na palma
da mão

Idos tempos
Os sonhos cor de lacre, enegreceram
E as lágrimas molharam as últimas flores
Afogando o pólen
Derradeira esperança de uma nova vida.

Erva Daninha
o6jan80-PDA

La'm MIM
Nessa mesa de bar, companheira
Entre um chopp e outro eu me lembro
Que um dia chegou, sorradeira
Uma dor que ficou cá por dentro

La'm la'z Re'm
Uma coisa que mudou minha vida
Que mudou meus planos
E me fez pedir guarida
Uma coisa pura, uma dor qualquer
E que tem um nome de mulher
Um amor tão grande
Que me abriu o peito
E se fez só meu em forma de canção
E se foi assim, sem me avisar
Levando um pedaço do meu coração

la'z Re'm
Por isso sempre eu venho aqui
Preciso tanto me lembrar
De coisas que eu já não tenho mais
E só isto me acalma
E fico sempre até o fim
Num misto de amor e paz.

O mar revoltado não me deixa pensar direito
Talvez seja algum defeito vindo do meu
nascido

Esse medo quase cego de tempestade
Numa busca alucinada de viver,

De onde virá toda essa raiva
Que o mar atira na areia.
E que joga sem pena nas pedras
A fúria selvagem de alguma sereia,

Talvez não seja culpa de ninguém
Quando se tem que viver só, às vezes se
revolto o coração
E esse mar que quase sempre é tão belo
Tem todo o direito de brigar com a solidão...

Ressaca
18o29oFloropolis

Noite. Amante caprichosa, silenciosa. São punhais me rasgando os tímpanos esses teus gritos mudos. São carícias me alisando a pele teus sussurros negros. Não entendo porque me exiges tanto, me calando o sono, me aflorando os medos, acalentando angústias. Se mal te fiz, deixa-me ir. Aninha meus sonhos no teu silêncio mórbido, talvez assim consigas te tornar menos insensível, menos sózinha, menos chorada... e mais amante. Noite. Amante caprichosa. Cuida calada do teu abandono, e me deixa dormir em paz.

Vigília

POA23a48e

Não vou me desnudar de todo para não parecer fraco. Pretendo sim me revelar um pouco, pra me fazer humano. Não vou me amparar nos corpos para não sentirem pena, mas vou me abraçar a alguém pra não ficar sózinho.

Proteção
POA23o4Pn

Um quarto de pensão parece um amontoado
de medos.

Um lençol surrado ajuda a esconder um corpo
coberto de esperanças.

Hoje sei que não deu, mas amanhã é outro dia,
e quem sabe numa segunda-feira dessas a cidade
grande me ajude.

Teu sono me chama num pedido quase mudo, assim como
uma espécie de grito de abandono.

Teu sono é alguma coisa viva e desamparada, buscando
nos gemidos uma tenra proteção.

Teu sono se faz forte, e solto se atira pelos lençóis
afora feito um filhote com vontade de conhecer o mundo,
mas que logo torna ao eterno abrigo de um abraço
quase cego.

Meio desperto te envolvo a cada minuto da madrugada,
que como você, também espera, nos braços da noite, o
dia amanhecer.

Teu sono
Caxias26o48o

Um hotel imenso e aconchegante. Plantado no meio do bosque como por encanto; dita todas as normas mas não fere a natureza; ao contrário, ama-a; e a preserva, como uma fêmea e sua cria. São eternos namorados; um pouco irmãos, um pouco amantes, mas sempre amigos.

Bela Vista Parque Hotel
Caxias26o48o

NOSSO AMOR

Nosso amor, meu amor,
é um amor gostoso e doído,
que tem a marca do medo,
mas a cicatriz dá certeza
de que não vai acabar.
Brinca feito criança
e se mexe dentro da gente,
qual bebê por nascer.
Nosso amor nos leva o sono
nos abraçando num pedido mudo
de querer mais.
Nosso amor veio assim, do nada,
de uma semente jogada numa terra
quase estéril,
e brotou devagar até nos envolver
em dores e beijos,
em faltas e choros,
em sorrisos e lágrimas,
mas cada palma de nossas mãos espelha
a certeza de que não estamos mais sós.

PRAIA DA TAPERA

Tapera,
há que dizer tantas coisas de ti,
prólogos e fins procuro em vão,
tantos anseios, tantas carências por gritar,
mas me falta a luz que faz brotar palavras

Tapera,
fiz de ti Querência eterna,
com teu mar, tuas ilhas, teus mexilhões,
do vento-sul um sopro de saudade,
quando teimas em te mostrar selvagem

Pedaço dos meus olhos,
na mente teus recantos são molduras,
sei-as de cor, tuas manhas, teus queixumes,
não sou teu filho carnal, mas de adoção,
e te sei minha, mesma terra, mãe eterna.

A mata guarda alguma coisa insondável
num indelével perturbador silêncio,
Os cardos gritam nos mostrando os caminhos
mas nem por isso se disturbam meus ansiosos,

A mata acalanta uma estória intransponível
num lusco-fusco de saber e não saber,
Imagináveis são os passos que ficaram
mas nem por isso me descubro num gorjeio.

Na ponte dos carvalhos a tinta azul
o cheiro da umidade, as folhas secas,
A luz ensolarada banhando troncos
num começo de floresta, o fim e o meio.

Floresta

09.06.80

Você, menina

Parte incomum, de cama e mesa

pedaço de tudo

um caco de amor no chão de mim...

Que sabe do meu cheiro mais do que eu,

Que se deu

Que se dá,

Que se dopa no meu corpo

Se enroscando

Se drogando na cocaína de minha língua...

Você, mulher

Parte incomum, de corpo e alma

pedaço de silêncio,

um caco de amor-pecado nos meus passos

Meu sonho de amor no linho branco,

Sonata de outono

te amo tanto, tanto, tanto...

Flor, fecundada com amor,
com água, sol e terra.
De um pólen jogado por um sobrevivente inseto,
te fizeste viva,
te torneaste forte, bela, indefeza, quese humosa,

Flor,
se sabes de tua beleza, não te ocultes;
viva sempre, que os jardins são campos
que me alegrem os olhos,
e perfumem seu espírito a cada manhã
recém-nascida.

LADO A LADO

Poa

22.07.80

Mesmo sem saber porque me descubro
pensando alto, nesta manhã de sol.
Minha vida vai às pincas e me gasto toda noite
ao abrir a porta da varanda.
Me descubro pensando alto num sussurro mais perene
e me cubro até os olhos debaixo do cobertor.
Não sei se de dor ou de ternura,
me interrogo e me acuso,
me defendendo quase choro e adormeço sem querer.
Lerda dicotomia!
Ontem à noite meio aceso me consumi quase à loucura,
e hoje, num dia puro, debaixo do sol,
mesmo inseguro eu já sou senhor de mim,
até que a madrugada me empurre outra vez eo
cadafalso...

Ao Poeta

Sempre tive a impressão de que tu fosses eterno; eterno como teus poemas, tuas músicas, tua vontade de cantar e de amar. As mulheres estão de luto. As mulheres, objeto maior de tuas canções, veneradas adoradas, em verso e prosa; que se abraçam os sensíveis, os cantadores, os poetas, enfim, os que amam de corpo e alma, para te render num muito obrigado um "falar em saudade", uma "antologia poética". És a terno Vinícius como tudo o que fizestes, o que cantastes, porque o que passastes a vida inteira cantando não morre jamais, e, assim como tu, o amor também é eterno. O copo está vazio agora, mas nosso coração está cheio de palavras lindas que deixastes prá cantarmos.

Poema em prosa
julho 80.09

J...

Jú

poço negro,
posso no teu poço me anegar
adentrando pelas paredes rosas recobertas
por teus pelos

Poço, sei que posso me mexer
agitando pelos frênticos viris
o arfate em duplo balançar,

Espasmo, ente esperado,
te demora o mais que podes,
amortece, me anolece.

Poço, sei que posso descansar
e deságua já de deu,
e boca abriu,
tudo acabou, adormeceu.

Descaninhos

os passos sempre iguais
sempre
a caminhar pensantes a cada
alvorecer
os planos desiguais
sempre
a se agitarem nudos a cada
anoitecer,
o corpo decidido parte
firme
em busca do fazer
o corpo conbalido chega
mole
a cada entardecer.

dos Livros

Há que dizer o que, se está escrito?

Cravado dos Fenícios,
marcas, cicatrizes, mudos,
altos brados, grandes gestos,
rostos férreos, candura e guerra,

"Santa Quimera" o Ipiranga,
dos amantes à vida cronológica,
nos espaços, agrupados, em letras d'ouro,
se encadernam em iguais,
relicárias idéias, fatos números.

Há que escrever o que, se está dito?

E no canto um espaço a mais, e esperar.

Lelo
30.11.00

John

Pela paz que se faz carente
No silêncio puro das ruínas de Pompéia
Ecoando em brados pelos templos Cícero
clamava
No calar sem medo do braço que matou
Quem sabe Pilatos não teve, deitado à noite,
um momento de brandura!

Das chagas afundadas apenas por amor
ao branco imaculado que Hitler elameou
No gesto sem temor às margens do Riacho
Acreditando nela Joana se fez mártir

Kessinger sabia
que a utopia é inalcançável!

Sonho louco, alimento de poetas,
desde há muito, como a alma, é imortal
E foi por causa dela, só por ela, que a
guitarre emudeceu
quando na lixeira do mundo um tiro se ouviu
um corpo foi ao solo...e uma estrela se
apagou.

Léio ✱
18.12.80

NIGER

Negro
olimento de Cumana
Jáz em Nova Cádiz, no descanso eterno
Amacerapana te chana,
te leva,
te aprisiona
e te joga no Negreiro, num parir sem dor

E morres então,
combalido por dentro, te destroem por fora
marcando teu couro,
untando teus braços,
olhando teus dentes;

Besta alforriada!

E quando nas Charas tu danças, te alertam os
sonhos
descobres que apenas as poucas lembranças
de um lugar sem mais volta, te fazem
respirar.

Lálo X
23.12.80

Transcendo e vida porque procuro uma luz
tão pura, tão densa
que se clareie a pele,
que se faça paz, calmaria e muito sol
que se dê calor,
se mostre o estreado,
se dê amor.

Essa luz será o meu abraço forte
me guiará no céu
me levará nas ondas
me alçará no espaço
e no seu regaço me acalentará
embalando o sonho, num sono sem cansaço.

E então serei um pequenino ser
feito de pureza
coberto de poeira de um procurar calado,
a esperança se tornará tão clara
que pegarei nas nuvens quando o sol nascer.

Terei então para sempre meu corpo iluminado
e o coração uma ilha cercado de amor
serei um ser pequeno, de interior tão grande
que caberá seu corpo inteiro aqui dentro,
meu Senhor.

ECHEDEIRA

06.05.81

Poa

Cacos espalhados pelo chão misturam-se às folhas secas,
pedeças marginais da madrugada regados e vinho e riso,
um gole de cachape antes do leite desejado,
em cada mão a prova da procura esvaída no aurora da verão.
Um coração sedento transcendendo os limites do espírito,
ritimando os passos na calçada, andar quedante, clarão parado,
janelas abertas de olhos tateantes na procura muda,
vare o dia, cortando vozes, sentimentos, violência.
Sem abraço, porto amigo e calmante na enxada,
depois do último trago, a vida veio à mil, crua, nua,
se esvaindo na derredora sobre que faneca.
E andar é preciso, buscar se fez forte, asanhece,
e depois de esquina, outra esquina, uma calçada, encruzilhada.
E então, de repente surge o braço frio se foras do chassi,
de uma curva inexistente a morte desponta galopando em quatro
rodas,
e batido é inevitável, a máquina é mais forte,
depois o silêncio, o grito mudo, o corpo estendido,
savaído, dissecado, um corpo estrenho de uma alma sem dono,
... e os cacos espalhados pelo chão misturam-se às folhas secas.

Luta, crua luta

O choque da vontade impercível de ser poeta
E cultivar o devaneio em flor,
Com a mordida calante e profunda dos prêços
do supermercado.

Luta, crua luta

De um lado a macilenta e pesada verdade
De uma vida real e insensível
De outro a vontade dilatada de largar a enxada
que planta o pão
E abraçar o sonho feroso que se agita qual corcel
alado

E dói,

O corpo é violentado, a mente é violentado,
A vontade é dilacerada
A vida ganha, e crua, a vida crua,

E nasce mais um trabalhador

Nasce mais um plantador de edifícios,
Enquanto isso morre um sonho,
Morre a palavra pura
A poesia que encanta e faz sorrir,

Morre fácil, a luta é desigual
Morre um poeta.

Morte ao poeta
04.11.81 PDA

- Vamos homen - se diziam
- Nada temas - aqui deste lado do mundo podes gritar
à vontade.
Aqui é a América, a Mãe da Liberdade!

E eu gritei,
E clamei pelas quatro ventos que queria pão e
trabalho,

Um pedaço de terra, um teto, uma chance,
Gritei para o homem da rua,
Gritei para a mulher que vive de esmolas,
Gritei para a prostituta de qualquer vintém,
Gritei para as crianças que mais tarde sofrerão,
Gritei para os pais que têm de alimentar bocas e bocas
Gritei para o meu irmão que se precisa lutar
pelo pão, pelo teto, pela chance,

Gritei e nada ouvi,
Pedi, implorei e nada recebi,
Meu derradeiro grito foi para um policial que
passava

e ele me escutou,
Me segurou, me prendeu, me acusou:

- Cringo estúpido, agitador!

Agora aqui estou,
Estas quatro paredes são a minha América,
A mãe da liberdade!

Vamos mães, me abraçe, antes que eu comece a chorar!

Grito mudo /
04.11.81 FCA

Tua guitarra às vezes me assusta
Pois não sei por quais mundos me transporto
Me perdendo em devaneios abstratos
E tão incompatíveis com a vida,

Cada corda dela me enfeitiça
A cada nota sou outro alguém
Um alguém incompreendido, quase louco
E me vem o choro e a vontade de gritar,

Não posso, não a culpo, porém a amo
E a respiro por compassos e baladas
O ar se perfuma e então eu danço solto
E me liberto num esgar esvaído
Qual orgasmo inexplicável, porém vivo

Muito vivo, muito meu, muito...

A música é tudo, corpo e alma
Alimento do coração e da vontade
E tantas vezes fora da realidade
Que só de olhos fechados é visível,

É como se fosse espírito,
Sobrenatural,

Santana, tua guitarra é imortal!

O guarda apitou no cruzamento
um homem pára, o carro anda
o sinal muda:
agora é a vez dos passos pelas faixas
e a calçada é passarela de almas pardas,
o guarda não pode saber nunca quem é puro.

No hibridismo eterno da cidade
cada homem representa um frasco de substância
estranha à outro homem.

O guarda ergue a mão, não pode errar
senão o frasco quebra, a cor se esvai.

É tão duro ser guarda, ao mesmo tempo homem!

Da substância concentrada e heterogênea
pois ao filtrar-se a roupa, sobre a alma
que é tão igual a tantas pelas ruas,
o apito é infalível, sobrehumano.

No hibridismo eterno da cidade
a monocromia pura de um sinal
aponta sem hesitar a difração
entre o presente homogêneo e a eternidade. ✕

ATRÁS DA PORTA

o3.o2.82

Poa

Ouço a música da minha infância
tempo imortal dentro de minh'alma
quantas lembranças me trezes:
meu pai, meus amigos,
os domingos de muito sol.

Toca orquestra minha,
lava-me por dentro com tua música
embala meus ouvidos com canções
e me empurra ao passado inesquecível.

Embragante aroma de infância!

Meu fim de semana, minha vida
parece que foi ontem, há tanto tempo
minha velha alma não se esquece.

Deseesperado busco mais recordações
que porventura se escondem de mim agora
é tão bom recordar o que é amado,
que parece que estamos nos tornando crianças
outra vez.

SONHOS

PDA

03.02.82

Aquela menina ali parada
espera um sonho,
qualquer coisa em forma de um sorriso

Mas pode ser uma rosa, mesmo em botão!

Pois quando se é menina
e se espera um sonho no portão,
qualquer rosa branca é um paraíso,
qualquer botão de rosa é uma paixão.

INFÂNCIA

POA

03.02.82

Vá, veste a tua roupa de domingo,
penteia o teu cabelo qual menino,
e traz no teu sorriso a inocência,
de um dia já ter sido feto amado.

E lá na igreja os sinos dobras,
numa louca sinfonia de esperança,
ensaia o Padre Nosso, ó criança,
pois um dia, serás no tempo, relegado.

Desnuda no teu peito o crucifixo,
igual fazias quando a mão te carregava,
com teu missal o anjo bom rezava,
eras tão belo, agora fazes abandonado.

Vá, veste a tua roupa de domingo,
e entra neste Templo sem mentiras,
joga na calçada as tuas iras,
e pensa como é bom teres voltado.

BERÇO ADOTIVO

PDA 05.02.82

Bom fim, sou teu pedaço.
Me fiz assim, por acaso, nos idos de 73.
Não tinha planos futuros, mas as pirações dos
teus muros jamais irei esquecer.

Diga, Bom Fim, diga lá,
que mal tu passas nas ruas,
que estudantes fazem das suas,
mas voltam prá se desculpar.

Sussurra Bom Fim, com candura,
o segredo que a ninfa procura, nos corpos que
tens para dar.

Bom Fim, sou teu filho adotivo,
porque nesse teu velho arquivo,
David é quem canta de Rei,

E se um dia distante eu me for,
a Redenção perderá seu sabor,
mas de ti, Bom Fim, jamais me esquecerei.

A liteira que levava a senhora está parada
Os escravos que lhe serviam de cavalos estão mortos
Atrás do vidro a espada, que da bainha saiu para a
defesa final

O Brasão da Família Imperial se faz mudo, escondendo
no encardido do ouro a história dos tempos,

A navalha, o pincel, a piteira, tudo enrijeceu,
E a bandeira que na ponta da lança dizimou o inimigo
Agora é mortalha dos heróis da batalha do Pampo esquecido,

Jazigo de vidro!

Do machado de pedra ao mosquete de pólvora é preciso zelar
pelo culto da Pátria,
e hoje,
No lugar dos corpos estendidos pelo campo nascem flores,
No lugar das lanças abandonadas nas coxilhas, nascem rosas,
No lugar onde hoje descansas os imortais restam as sombras,
Os ecos da guerra,
A ecoar na planície,
Por entre as flores,
Por entre as rosas...e cavalgar no tempo...

Quando a lua é cheia e o grilo canta
E o vento é calmo e as árvores dormem
Surgem cavalgando por entre as nuvens os heróis da
batalha;

Bandeira desfraldada!

No lugar do escudo, um coração de sangue,
E na frente dos Farrapos o bravo general, de espada
em punho,
E revivem todos, numa só refrega, os tempos gloriosos
do Pampa gaúcho;

Dizem que quando a lua é cheia e os grilos cantam
Quem olhar para o céu verá a vitória,
E o exército vencedor cavalgar zeloso,
Patrulhando a terra,
Defendendo a fronteira dos incautos invasores,
E o Bravo General à frente, num cavalo beio,
As esporas brilhando à luz do luar...

Farrapos II *

POA cl.o3.82

Com certeza uma mão segura me aperte o peito
pois nem sei direito porque me dói assim
mas o tempo frio, a chuva e a solidão
por certo não de conspirar para aumentar a dor.

Brasil, é Brasil, porque perdeste?

A fé não foi bastante de mais de cem milhões?
Teus gênios amudeceram, se diz o que é que houve;
pré eu pensar direito e poder te perdoar.

Ainda me dói o apito que acabou o sonho
de pôr mais uma estrela no peito do teu povo.

Brasil, não te envergonha?
E agora; o que fazer?

Porque dentro do campo não pensaste no pobre
que acorde do sonho à noite e que só sente fome?
Este mesmo pobre que não comia nada,
mas que se alimentava de ilusão do teu talento.

Lamento Brasil, por nós,

Que acordamos agora e voltamos à vida dura
que visco ruir num gol e golpe de ditadura,
que iria transformar outra vez a bola no alimento
do povo,
e o tetrá mundial no leite do asanhã.

Pobre Brasil!

UNO

O cavalo galopa ao vento

O vento galopa 'a cavalo

Impossível separar

um só corpo

um só lugar

Vento e cavalo abraçados pelas planícies

Cavalgam

lado a lado

Um quarto de pensão sim, que coisa triste!
Que santuário maldito,
palco de desesperos,
de orgias imaginárias,
Quanta doçide!

Ideias que se escasseiam no meio da noite escura,
e nem o brilho das estrelas ajuda no transe
mudo

Perguntas e respostas vão e vêm num caminho
sem fim,
infinitas respostas mecânicas se prostram
lacônicas nos cantos da mente

Um quarto de pensão sim, que coisa triste!

VENTOS MORTOS

A planície é um lençol aberto
Que a natureza estendeu um dia
Ornou as folhas verdes
Flores silvestres
E salpicou por cima um vento rijo e
seco

A planície vive sempre com o vento
Impossível imaginá-la só,
viúva,
na calmaria

ALICERCE ✕

Plantou-se uma pedra como se planta uma
árvore
Regou-se com cimento como se fosse de chuva
Levantou-se as paredes como se fossem
galhadas
E telhas por cima de tudo como ramadas de
folhas
O tempo passou, o verão se fez forte
E os filhos saíram de casa,
tal como frutos maduros...

É tempo de chover,
é tempo,
sedentas línguas clamas pela chuva.

É a chuva vai, tapando o sol,
abonçoada,
e faz brotar os campos,
os girassóis,
as hortaliças,
e faz rolar o rio,
neste o barqueiro que não se segura vai morar
no fundo.

É tempo de chover,
de chuva é tempo,
e o ar fresco se mistura à chuverada,
e chove, chove tanto, é encurrada.

O broto que nasceu já se afogou,
o girassol caiu, amarelou,
quem dera que o barqueiro tivesse sorte,
o rio correu pro mar e carregou o barco que
virou e se perdeu.

Longo de ser daqui o vento forte,
quem pára essa chuva?
Parece mortal
Longo de ser por Deus abonçoada.

BREVE PAUSA

03.12.82

Poa

Na beira do rio um homem espera
pela lua
para lhe contar suas aflições e seus
anseios

Para poder trocar com ela confissões

mas, desconhecido, chora
pobre homem, a lua não veio!

CASA VAZIA

POA

06.12.83

É tão patético os móveis ali parados
o televisor apagado, os discos e os cigarros
está a geladeira funcionando sem parar
se faz passar por um zumbi num canto da cozinha,

Em cima do armário, o violão
envolto em sua mortalha de inanição,
e cama revirada e sem sentido
numa desordem que exala abandono,

Onde está então o dono desta casa,
que os livros abandonou à própria sorte,
que foi cantar suas quimeras e raízes,
perseguindo sem cessar a própria sorte?

Onde está a vida dessas coisas todas,
que sem o ser humano ingênuo e puro,
se metamorfoseando atrás do muro,
se transformam no assassino e no carrasco?

Onde está o sentido dessas coisas,
que inanimadas não passam de estôrvos?
Onde está o ser humano perverso e belo,
que sem pensar no verde e no amarelo,
troca seu irmão por um carro novo?

RUAS E BECOS

out 83

POA

A vida desse povo é como um livro aberto
de páginas rasgadas de fome e medo
a boca escancarada pedindo comida
os braços descaídos de suor e fadiga,

O asfalto da cidade me mostra sem sombras
os corpos combalidos sem era nem rumo
em cada esquina eu vejo, perdidos, descalços
nos becos sem saída fantasmas jogados,

E então eu me pergunto: para que tanta fúria,
se a mão que lava a terra de barro esta suja?

Talvez não seja nada, chuva de verão
talvez me lave a alma e o barro da mão
também a tempestade me avisa prá ter cuidado
o barro pode não ir com a água da chuva
e essa mesma água pode virar em sangue
e posso então sangrar,
sangrar até morrer.

DESCULPAS EM FERRO E BRONZE

POA o5.o2.83

Um dia vou entrar ali naquele
Museu de Arte
e descobrir porque toda a vez que por ele passo
uma força estranha me faz adairá-lo.

Sei apenas que o tempo é meu maior inimigo,
pois nunca posso parar por mais de um segundo
e apesar de ser a sua porta aberta um convite
não consigo sequer parar para cumprimentá-lo

Bom dia, seu Museu de Arte!

Ora bolas
Carambolas, bolas, bolas
Tanta bola, cara, bola
nada e vê
Tanta cara, bola, cara
diz porquê
Ora bolas, tantas caras
sem você

Gras

POA-83

Cada um tem o seu pergaminho enrolado
debaixo do braço,
como a provar que as pedras e os sorrisos do
caminho não foram meros acessos nesse acesso que
é a vida.

Todo o mundo tem uma dose de cicuta
em algum frasco escondido no bolso do paletó,
como a provar que as pedras e os sorrisos do
caminho, podem a qualquer momento virar o esqueleto
em pó.

A vida nesse mundo se define assim:
em frascos e venenos, pedras e sorrisos,
ligada ao outro mundo por um fio invisível
que muitos pensam ser de aço e invencível.

Nos um dia o braço cessa de segurar o pergaminho
e o papel flutua solto na direção ao infinito
já não adiantam gritos, canções e lamentos
os frascos se quebraram e o veneno se espalhou
o fio se arrebenta e o acesso invencível
se transforma no acesso invisível do fim.

O vento leva a mensagem da fertilidade
e as lufadas levam as velas antes da claridade
quando a manhã se faz forte, as redes jazem no fundo
e no azul mais profundo a luta se faz pela sobrevivência,

Indiferentes e brancas as ondas passeiam enchendo as marés
gaivotas pululam ao peixe perdido
soleneas então voam, entoando gemidos
sobre o mar generoso,

Pontos brancos quentes ao balanço das ondas
num vai-ven sem trêguas se busca do melhor cardume
sem quaisquer o mar se deixa sugar suas entranhas
pelas estranhas carcaças que jogam o errastão,

O dia então vai sorrindo, a noite já se prepara
a água espelhada reflete os barcos que vêm chegando
no lusco-fusco da tarde, as velas são enroladas
e recompense no fundo, produto da espreitade
trazendo o sono da água, o sangue do marinheiro
que hoje vai deitar codo, cansado, porém feliz

É um sorriso ingênuo de quem respeita seu mestre
a cada dia que finda o aprendiz se assegure
que mais um dia ainda poderá lançar o seu barco
na água verde mais pura,
nas ondas da madrugada.

O carequejo se moveu lentamente
na água clara da praia da Tapera
e se a palavra de batismo se joga no ouvido
algo indesejável,
os seus olhos contemplan extasiados a beleza
impalpavelmente bela

Quantas cores, tantos ventos, puras pedras
O manto azul-esverdeado dessa baía infinita
bordada pelos morros mais hirsutos da terra
envolvendo um mistério cravejado de estórias
enfeitado de algas, vivido por caremujos

Os siris têm nome na praia da Tapera
que os dera scubesse de todos
mas sai que todos se conhecem e formam uma grande
família

lá, a paz ainda reina
e cigarra canta despreocupada como na fábula
as formigas trabalham
e os peixes servem de alimento para os que acreditam
na fecundidade do mar,

E o poeta chileno tinha razão
há que se venerar esse velho conhecido
mas tão desconhecido que nos fascina e amedronta
coberto de azul no mais puro sol
se fantasia de negro quando a chuva vem
e faz chegar o infinito

A JANELA DA POESIA

Fpolis

29.12.83

Meu Deus, quanta liberdade!

Quanta beleza espalhada inundando esses meus olhos,
que dessa janela sacandurada consigo se embriagar,
e minha mulher lá no ar, fazendo parte desse todo
pincelar da natureza.

Que janela abençoada, que todas as manhãs já
desperta e enxergar poesia,
os pássaros e insetos e lha saudar num bom dia.

O parapeito da janela é passarela de fráguas
criaturas: umas parecem gravetos, outras grãos de
farinha.
Como descobrir o que pensam, se mal podemos olhá-los?

De onde vem aquele borboleta, que bebida de liberdade
visita todas as ramos, os galhos e as pastagens?

O vento, passado e amante, bulina todas as folhas,
dança com elas, quedante, sem respeitar seus gemidos.

Que quadro Picasso faria, se ele pudesse ver algum dia,
essa beleza jogada, e se tocar encantada, meus olhos
e meus ouvidos!

SEMENTES

Fpolis

29.12.83

Irmãos: é preciso exprimir o suco da terra para extrair o alimento,
é preciso jogar as redes no mar para que este, generoso em sua dádiva, nos apresente com seus frutos, estender a mão e apanhar, num gesto humano e feraz, a fruta-pão germinada,
é preciso irmão, ao plantar, reviver o espantinho, pare que, de braços abertos, assuste o pássaro preto, e a carne será abundante se a aradilha vingar, os pretos se encherão, os filhos irão crescer.

Irmãos: é preciso proteger a árvore recém plantada, para que cresça forte e sadia,
e que um dia possa dar guarida ao viandante cansado.

é preciso fazer a cama sobre o solo firme e seguro, dormir o sono profundo do que pode respirar, livre para sonhar.

é preciso, irmão, é preciso,
para que o sonho se crie,
que libertemos a terra regada do nosso pranto.

Peguem as armas, irmãos, e plantemos a liberdade!

SOLDADOS Y ORO
Fpolis
19.12.83

As gotas de orvalho caem sobre a face da terra
São cristais partidos lançados ao vazio que vão
chocar-se mortos de morte estilhaçada.

De onde vem essa desgraça toda, que faz ferir a
natureza que esculpia à noite seu corpo vegetal?

São as areias que passam por entre as folhas que
fazem cair os diamantes gélidos.

O silêncio cálido é braido e morto,
escamoteado pelo vento que testemunha a cala.

Os corpos vegetais surdos e cegos de cobice, se
busca das gemas adormecidas.

São zumbis de fogo e ferro a andarilhar.

É a sorte que se segueira por entre as árvores;
a qualquer momento o céu da América escurocerá.

Verdes Sons
fpolis
29.12.83

Estranha sinfonia essa a dos insetos
a cantar por entre as árvores,
cada um cumpre o seu papel

O canto dos grilos dá lugar à cantiga
alegre das cigarras,
e a orquestra verde flutua por entre
as ramos.

E tem até platéia: os moluscos desse mar imenso
que se espreguiça entre as montanhas.

MARÉ BAIXA
Folia 29.12.83

Na maré baixa o caranguejo
passava por entre o suco deixado
pelas águas,
o ar fresco e os moluscos o faziam respirar
então, de repente,
o caranguejo correu,
e se escondeu na terra molhada,
o cheiro do homem levou sua liberdade.

VELHO CAMPONÊS
Fpolis 29.12.83

Quantas rugas, meu velho, quantas lutas
Tua cara marcada me mostra tua bagagem já esorta
Teu semblante vassalo transparece muitos raios de sol
E teu dorso curvado me aponta anitaceras cansadas
varadas de fome e dor

Quantas lutas, meu velho, quantas rugas
Tuas mãos celejadas me mostram os sulcos negros do
terra que não é tua,
Tua pele grossa e teus calos gritando por entre poros
que não tens a posse da vida

Que escorrae as tuas feridas por entre as chagas
da terra,
Que o teu trabalho construa o reino do potentado

Agora aqui estendido, meu velho
Teus olhos descansam das lutas
As mãos agora são tuas
Os dias serão mais bonitos
E a terra antes sulcada e regada pelo sangue das tuas
feridas será toada de cardos e pertencerá ao infinito.

Um trovão se ouviu no coração da mata
O sangue verde das árvores escorreu por entre as
folhas e foi juntar-se às águas do Papaloapau,
e as borboletas se afogaram em tanto sangue

Um nevoeiro espesso cobriu o coração da mata num
cataplasma de vapor e dor
e borbulhando entre os troncos surge o povo,
filho da argila e de Atualpa

O trovão cessou, a fumaça se consuiu
mas, como encaivado em cada rocha,
em cada pedra o barulho surdo da explosão fez do
silêncio uma escultura morta,
e alas encheram o templo do Deus-Sol
e corpos encheram as entranhas da terra
alimentando os vermes que pululam no poço negro
do coração da América,

Os soldados chegaram,
As plumas descoloriram,
As borboletas morreram,
Materam o nosso pai (Atualpa)
Enegreceram o nosso Deus-Sol,

Izaks,
A América não é mais nossa!

CANÇÃO DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA

Epilias
14.01.84

Em pleno centro da cidade,
na uniformidade humana que se faz,
uma voz se expande pelas ruas
e as suas novidades vai mostrar.
Que vida terá essa voz nervosa,
que na chorosa tarde de verão,
implora ao passante distraído
um minuto apenas de atenção?
Onde morarão estas palavras,
que quando esvaziadas se farão
mais um passante anônimo, sem idade,
que se perde entre os passos da cidade?
O que será que vende esse apelo,
que por vagabundagem ou por zelo,
alimentando a si ou a uma prole,
se vai de sol a sol, na claridade,
juntando seus trocados num desespero,
sem encontrar qualquer que o console?
E relembra-se as cobrinhas pelo chão,
é o pintinho que pis muito, é o balão,
o desentupidor de pia, é a lixa,
é a língua-de-sogra que se espicha,
por entre as pernas sem rosto no calção.
Será que esta voz perdida também chora,
quando, esando, perde um grande amor?
Será que escuta os passos da polícia
que indiscriminada e sem licença,
vai rebater seu pão e na peregrinação,
trocar seu rosto duro por um ladrão?
Quanta coisa existe na cidade,
que no coração da praça a voz ecoa,
vendendo bugigangas, é coisa boa,

é só comprar e ver, é novidade.
A vida é sempre assim, naquela praça,
aprende-se a viver, quase de graça,
lições de vida em pleno centro da cidade.

FRUIR
14.01.84

TEU CANTO, PABLO *

fpolis

14.01.64

Louvemos pois este teu Canto Geral
que reza em cada verso a liberdade de um povo
que ataca a célula do poder que esmaga as democracias.
Há que louvar teu canto como um hino de psu-à-pique,
que no adobe corido do caspoêis calcinado
se estende o tapete tecido pelo canto dos teus poemas.
Há que louvar, poeta, a tua América parda,
que a sarda da terra regou com seu próprio sangue,
que fez brotar do crioulo a tua gene mais pura,
santendo acesa a chama de quem procura a saída,
na planta de coca vendida, o sonho de liberdade.

Tankes, go home!

Assis nasceu a manhã.

As criaturas da noite se arrastaram por entre as
ramas e se perderam na escuridão de seus domínios,
e nas trevas mais profundas a vida caiu em pesado
sonolência.

Uma lúgubre claridade se fez no parto do dia,
o último verde se abriu em cores e perfumes,
o vento soprou leve uma brisa recém chegada adiante
de outras plagas,
e as primeiras cigarras cantaram saudando a manhã,
que lenta e preguiçosa garava mais uma vez o sol forte.

Quanta claridade!

O manto de calor uniforme abraça todas as coisas,
e água se escuricia e se esorna qual seiva bruta
benhando as montanhas,
o serpentear do vento por entre as folhas num
farfalhar musical, a orquestra de insetos invisíveis
entoa a canção da vida,
a canção que a natureza rege cada dia que pari um sol
como este,
orgasmo de calor na ilha de Florianópolis.

MORRO DO CAMBIRCLA

16.01.84

Fpolis.

Que chega é esta que tens em tuas entranhas,
e marca que a natureza, tua mãe, te presenteou?
Uma cicatriz eterna em teu pelo verde, qual lípia
serpente enroscada em teu pescoço.
Não sei se te dantes de frente, ou estás de bruços,
mas vejo que presencias o compassar eterno dessas águas
e te banhar num banho lípido.
Quizera saber de ti, morro afogado,
se trazes outras marcas em tua pele,
se homens se perderam nas alturas.
O que fizeste às naveas que abataste?
Um réptil em minha vista toma forma,
quarando ao sol deste verão ardente,
como esperando, latente, quase mudo,
pelos insetos que voarão ao teu encontro.
Quando te vejo assim, adormecido,
o vento escuro do mistério se assoma,
te fantasias de sonetro marinho
e esperar os barcos que virão.
Que espécie de dragão és tu, então?
Há quanto tempo estás aí, inerte?
Já não pensaste até em se entregar
e ser o guardião do meu barraco?
faz deste teu corpo, fortaleza,
para que o pescador tenha a certeza,
que na borrasca se obrigaré entre teus braços.

SINA

Aquela angústia que eu sentia desde criança
que talvez aquele beijo que eu estava dando
em meu pai fosse o último, já não existe mais.
Meu pai se foi, e levou a angústia com ele,
mas para tirá-la de mim foi preciso arrancar
um pedaço do meu coração.
Agora aquela angústia voltou,
mas meu pai não veio com ele...

INVERNO

As casas estão fechadas
as janelas adormecem as almas
que pululam nas entranhas escuras,
é o barulho da chuva a enxarcar os telhados
a prender intestinos as almas do além-mar

As velas enroscaram-se sisudas qual cobras
em desassossêgo
e o mar agita-se e grita
fera enjaulada

O inverno desperta os anseios de não-sei-o-quê
e os sonhos brotam às pencas por detrás do vidro
molhado
quanta água a cair inutilmente
prendendo as almas que pescam e que precisam comer.

P. do Rosa
julho 84

Tocar a terra com o pé é o seu maior prazer
e o delcete da erva fumada até o fim há mais
de vinte anos,
legado de um passado longínquo

Os cabelos até os ombros,
em coito permanente com a barba num protesto
de vida,
e os olhos azuis refletindo a claridade da
filosofia simples do respirar

O cérebro alado vai onde vai o vento,
sempre a palavra fácil,
num português simples e sem os arcos farrados
que normalmente acompanham a nossa liberdade...

(poema sobre um cara chamado Túti,
sem sobrenome, como o vento)

Praia do Rosa
05jul84

É domingo cinza
O vento é gélido e a chuva é fina
Levanto os olhos para olhar o morro que
borda o mar,
mas o morro não está lá.

O morro se cobriu com uma monte cinza
O morro ainda dorso, tremendo de frio

Talvez não quizesse acordar para ver
esse domingo sobrio

Florianópolis
08jul84

Entrelinhas

Não sei porquê eu sou assim
Procuro disfarçar as coisas que você
não quer ver de mim
Você se debruça na sua esperteza
Gostaria que você me puzesse na mesa...

Tanta coisa se passa nessa sua cabeça
Gostaria que fosse um poquinho de mim
Mas você mesma disse que as coisas não são
do jeito que a gente deseja...

Tanta coisa se passa e eu fico sem graça
Gostaria que fosse eu aquele sentido
Muito mais que um amigo
Qualquer coisa de seu
E que você me dissesse que o motivo era eu...

Mesmo assim eu espero
Já nem sei se eu quero
Vou deixar-me levar pelas mãos do querer
E talvez amanhã você descubra então
Que mexeu com as cinzas desse meu coração...

FOLHAS AO VENTO

Às vezes você me pergunta
da minha existência
Às vezes você não entende
a minha impaciência
Às vezes você me promete
carícias de quem só me quer
Às vezes você me esquece
num canto qualquer...

Como que segura areia
e escapa por entre os dedos
Você me beija e me toca
querendo segredos
Não pode entender porque faço
brinquedo desse nosso amar
Se bate uma brisa mais forte
não quero ficar...

Vou te buscar nas montanhas
Vou te querer nos desertos
Vou navegar pelos mares
duma terra estranha
Sobrevoando oceanos
Pegando chuva e lama
Mas à noite eu quero o teu fogo
e a tua cama...

Sou como as folhas ao vento
Que vão se perdendo no ar
No fundo do meu pensamento
querendo ficar...

DIA A DIA

Transcender a rotina é preciso
sacudir o pó da realidade crua
Que toda nua nos abraça e nos empedra
transformando em aço nossos passos

Os casinhos desprovidos de metáforas
Nem enfeites nem cores nas paredes
O preto e o branco da rotina nos castiga
abomina o sorriso qual fantasma
assustando sem pesar a slegria

Respirar cinzento peso morto
casse corpo que se agita e se emaranha
Na façanha lúgubre prá não ser
mais um robot sem dono nem prazer

Então tudo é pó perda letal
de um tempo que não volta nem se transforma
No resto a fécula do mal moldando as mãos
Para baterem só de porta em porta

CARGAS OPOSTAS

Minha cabeça se confunde ante essa realidade
nesse vai-vem de querer e não querer
Um dia tu estás como te quero ver
no outro dia pões prá fora toda a tua verdade

Se me queres hoje e me mordes o pescoço
e me chamas, entra em mim, que quero te sentir
Quantas noites mal dormidas as insônias hão de vir
quando descobres extasiada que sou só de carne e osso

Os meus erros são as pedras que terás de ultrapassar
os teus erros são espinhos que terei de remover
Se esse louco amor quizer por nós sobreviver
terá de aprender de vez o nosso jeito de amar

Agora vem, pega esse vento frio, vem à galope
Traz esse teu cheiro forte de fêmea que me enlouquece
aquece num só golpe esses lençóis já manchados
por esse amor mal amado que nos alimenta e padece
Por tanto querer tão junto separando cargas opostas
que por serem contrárias se atraem
esquecendo se gosta ou não gosta

UM FIM/TASMA EM CACOS

Um pequeno descuido e pronto, tudo acabado
São a tua ausência esses pedaços que recolho
e esse teu perfume que se mistura entre meus dedos
me traz de volta a vida que acabaste de perder

é o destino

Todo o frasco de vidro vazio tem sempre esse fim
um homicídio culposo num braço distraído
e agora jazes aí, todo esparramado
te agonizando em mil perfumes pelo chão

tenho de tomar cuidado para não cortar a mão

e é tão ruim esse cheiro que fica...qual fantasma
perfumado!

ESTRADA DOS CONVENTOS

Trinta e uma almas a caminho do Chuí
deixando pedaços de corpo e sangue
a lavrar a terra virgem e pagã

e o escravo entrou na Província de São Pedro pelas
mãos do aventureiro

Os corpos saíram de Laguna e caminharão pelo
litoral abaixo
deixando a cada passo um pouco de despedida
exangües e combalidos os pardos se misturavam aos
escravos
e estes, feridos, cobriam a terra do retinto fol do
abandôno

MESA DE BAR

Acredite ou não eu tô bêbado
São chopps que não scabam mais nesse
mais um dia sem você
e essa coisa dentro insiste em me espetar

Tô bêbado sim, mas não de todo
e o que eu queria era cair na mesa
virar a última garrafa, de sobremesa
mas bolso de bêbado não tem dono!

Tô de porre, minha namorada!

Lembra da nossa primeira garrafa?

Quanta risada!

E da segunda?

Depois dela os lençóis.

Mas hoje eu bebo só, mal humorado

Mas hoje eu não lembro mais de nada,

e você tá feliz assim, abandonada?

Ou o teu copo já tá cheio outra vez???

Tim, tim...e bom proveito

RETRATO

Hoje eu botei o teu retrato na carteira
prá toda vez que eu abri-la e te ver
pensar o quanto estúpida é essa nossa vida

Tô afim dum trago, molhar a ferida
abrir a boca e só falar besteira
chega dessa coisa certinha, pré-fabricada
e esse minha vida toda enrolada
só me diz que você não tá lá fora
que eu não posso mais te ver à toda hora

então eu abro a carteira, "sê" tá lá

Mas essa pose de você tá me cansando!!!

GOTAS

Tá chovendo

Lembra quando chovia e a gente ficava na casa
ouvindo o barulho?

O scondhêgo era tanto que o amor se fazia

Lembra do vento batendo nas árvores?

Gritava Te Amo por entre as ramagens

Tá Chovendo

Mas não é a mesma chuva,

Não tem cheiro de amor!!

Me assalta essa vontade de dizer em foras de
poema,
essas coisas que acontecem na minha vida e na de
cada um,
uma mistura heterogênea de amor e desamor,
ódio e redenção,
uns apertos que assaltam uns humanos que mantêm
um coração

Tantas formas de razões, explicações, atos e
bobagens,
transformando as esperanças em novos planos,
ruínas e bagagens,
as angústias que liberam energia, pelos dias,
sem palavras,
quantos ritos e magias, bruxarias, tantas noites
mal-sonadas

É tão difícil, quase impossível, definir essas
razões,
somos humanos, e como tais, cheios de
indefinições,
o melhor a se fazer é acreditar no despertar do
amanhecer,
e deixar o suicídio prá depois, que não é hora
de morrer.

De repente aquela

interrogação

Revelam-se os desejos, os medos,

materializa-se a vontade,

e no olhar,

sem culpa ou maldade,

brotam as palavras

De repente, a afirmação!

Intenções
PoA out94

Rompemos,
nãõ sei porquẽ,
em meio a um silêncio assassino,
me omiti, te abandonei

Perdemos,
nãõ sei dizer o quanto,
em meio a tantas recordações perdidas,
me destruí, e te matei

Hoje,
refeito dos desatinos,
das atitudes impensadas,
dos desvarios,
penso em te ver

Parto,
em busca daqueles risos,
bagagem farta,
penso em te ter

Te busco, entãõ
passando a ponte, retorno ao lar,
no coraçãõ, batendo forte,
revejo o mar!

Flórida
PoA dez93

Quero falar de ti porque ainda te tenho
dentro,
parasitando há tempos nesse interior
habitat de um desamor ainda latente;

Quero falar de ti porque te penso
sempre,
palpitando há tempos nesse corpo tolo,
habitat de um desamor inocente;

Quero pensar em ti porque ainda vivo
alimentando sonhos desesperançados,
habitando castelos que hoje são ruínas,
abandonadas;

Quero pensar em ti porque ainda te espero,
vigiando noites frias e agitadas,
perambulando em dias e manhãs esfumaçadas;

Enfim, te quero ainda, sim
Porque, se não, será o fim!

Quero

PoA Jan 93

Vejo o corpo que espera,
tem amor,
aquele no tempo que é lento,
o ardor,
que é dela

Vejo o corpo que espera,
tem calor,
aquele no tempo que é lento,
desamor,
que é cautela

Vejo o corpo que espera
o ente amado,
aquele no tempo que é lento,
esse amor,
desesperado.

Ansiedade
PoA Fev 93

O que me mantém vivo, é a esperança da tua
resposta,
sei que gostas,
contudo, esse renascer de um amor-criança
carece reflexão,
são pedaços e cacos amontoados no coração,
que o parto é dor;

Esquece tudo,
tua angústia, teu medo, teu desamor,
e pensa apenas no recomeço,
no teu sorriso que não tem preço;

Te convence que é outro dia,
que o sol é a fonte da alegria,
sempre existente numa paixão;

Diga sim, esquece o não!

Sim!

PoA fev 93

Estranha sensação,
entrando, invadindo a mente,
penetrando fundo nas entranhas caladas,
sangrando, espalhando quente,
descobrimo o mundo na estranha jornada;

Tãmanha obsessão,
te sentia perdida, desconsolada e fria,
quase morta,
te vejo surgida, esperançada e cria
nessa volta;

Vapor que se materializa em puro pó,
Calor que se realiza em tudo só.

Se, passa a ser a luz do caminho,
passo a passo,
quase correndo à espera desse futuro-
passado
carinho.

Obsessão

PoA jan 93

Aborrecido seria ficar indiferente
so te ver voltar sem te perguntar nada,
Indiferente seria ficar aborrecido,
so te ver falar sem querer saber nada,

Se não te amasse não te perseguia, enlouquecido,
louco varrido pela dor e desconfiança da tua
ausência,
É porque te amo que te aborreço entre censo e
perguntas,
fico ofendido se te calas e perdes a paciência;

Não me culpe por ser assim, sou culpado,
cúmplice dessa paixão descontrolada, desconexa,
abobalhada,
Te persigo feito cego nessa negra escuridão,
ficas calada,
enquanto meu desvario escorre pelo dia,
sem perdão...

Ciúme
0a fev 93

" THE HEAVEN CAN WAIT,
WHEN YOU BURN MUCH BETTER
THAN THE SUN GOES DOWN,
WHEN I TALK ABOUT MY
FEELINGS THAT GROW UP
NOW "

O VOO DO PÁSSARO

2 PA - 90
J. S. 100

1986 - 1987 - 1988

"Algo te identifica com o que se afasta de ti: a faculdade comum de voltar. Daí o teu grande desejo sossego.
Algo te espera de que permanece contigo: o a sacravidão comum de partir. Daí a tua maior alegria".

Cesar Vallejo

Estos fueran los años de los vuelos. Los caminos conocidos, las personas, los lugares, tienen ahora una ilusión mezclada en la memoria. Lumbre de más sueños más queridos.

Al escribir estas líneas, invoco otra actitud. Hay un timbre humano, un latido vital y sincero, al cual debe propender el artista, a través de no importa qué disciplina, teorías o procesos creadores. Dése esa emoción, seca, natural, pura, es decir, prepotente y eterna, y no importan los menesteres de estilo, manera, procedimiento. La autoctonía no consiste en decir que se es autóctono, sino en serlo efectivamente, aun cuando no se diga.

Por eso no es necesario tener la busca del real, pero el hecho de verdad, de vida, para que la poesía venga a ser los ojos del poeta.

o n/a

E o sol, nascerá
como um rei
que desponta no céu
uma gota de orvalho
como um favo de mel
que adoça a tristeza
de ser simplesmente
uma conta-corrente
num banco qualquer
ou ser confundido
no meio do mar
que em noite mais calma
se põe a chorar
pensando na vida
pensando no amor

e

por falar em amor
pinte um quadro no céu
ponha estrelas e lua
e planetas ao léu
jogue cores por cima
chame aquela menina
prá peger sua mão
pinte o seu coração

é verão, bom sinal
já é tempo, de amar
me sorria, poesia
já é dia,
note o céu clarear
é verão...

ENCONTRO

Toda vez que eu te encontro
Você parece mais bonita
Nesse olhar eu vejo a luz e a razão
do meu amor
Prá você não há limite
Prá mim o tempo não existe
Toda vez que eu te encontro

Me lembro então dos nossos beijos
Com gosto de mais puro vinho
E nesse beijo a mistura mais perfeita
De todo o nosso carinho
E nesses limites do teu corpo
Com você eu sou menino
Na grandeza desse amor

E de repente em meu caminho
Vejo teu corpo, tua pele, tua voz
E cada vez que eu tentei te esquecer
Só consegui ainda mais te querer.

Compositor

Mim Se eu ^{*pedisse o amor*} ~~pudesse~~ pedir para ser
um ^{*leu*} compositor *Mix*
Eu iria cantar no meu pinho
uma canção de ^{*Mim*} amor
Desde já eu ^{*Mix*} adianto que não seria
uma canção qualquer, não ^{*leu*} senhor *Mim*
Pois iria falar da ^{*Mix*} magia daquela mulher
que me ^{*Mix*} enfeitiçou *Mim*
De início eu diria que esse ^{*Mix*} paixão
foi loucura ^{*leu*} sim *Mix*
Pois não sei o que faço, me falta um pedaço
quando ela está longe de ^{*Mim*} mim
Mas só sei explicar
que quando ela me beija
sinto um fogo se ^{*leu*} queimar *Mim*
A magia dos olhos, perfume do corpo
ficar sem ela ^{*Mix*} nem pensar *Mim*
Mas como todo o amor que se preze
sempre tem um porém
Me disseram na rua que tanta loucura
pode machucar alguém
E se for eu o escolhido
E se ela se for
Creio não agüentar, não senhor
Quebro meu violão, largo mão de ser
Compositor.

Prá Você

Mã, você

Desse lado da cidade sinto um sabor de
adolescência

Vejo voltar nos detalhes de viver algumas
cores daqueles antigos sonhos

Vejo em teus olhos as coisas puras de
antigamente

E volto a crer nos dias de sol

Nas tardes de brisa leve

Na canção sublimis de um entardecer

É como um eterno verão

aquecendo meu coração que se aquece e se
aninha dentro da minha jaqueta de brin

Diga que sim!

Não me prometa as coisas reais que não têm
tanto valor

Mas me dá um sabor de um sonho, no embalar de
um sorriso

Me leva ao Paraíso me oferecendo uma bolacha
doce qualquer

Que mesmo não tendo fome eu aceito e saboreio
como se um beijo roubado

Vem passear comigo nesse sábado

Enquanto eu canto uma canção que fale do que
sinto

Que vontade de pegar a tua mão!

Olhando a tua foto 3x4 descubro no teu rosto
alguma coisa perdida

Teus cabelos, teus olhos, tua boca, percorro
com os olhos meio que perdido entre sonhos
e me pergunto se você não saiu de algum livro
de conto de fadas

Incrível como quando te olho me descontrolo
Esqueço tudo de mim

Parece que eu andava adormecido em alguma
 gaveta qualquer, esperando o momento de te
conhecer

NISSEY

Quanto carinho!
Nos teus gestos a expressão maior
de um amor enorme
A doação é pura e singela
Tens o coração na mão
pulsando de carinho e ternura

Quanto carinho!
Sou teu, menina doce,
sorriso alegre,
vamos menina...me pegue!

jun06

Genese

SINTO o despertar de um novo dia
SINTO o desabrochar de um novo sonho
SINTO o renovar de vida no meu interior

Alguma coisa se tem um sentido concreto
Mas que tráz um sabor de descoberta
De querer viver, querer sonhar
Querer saber
E voltar a sentir o sabor de UM SONHO BOM.

Quilô

Contra-Proposta

Você é apenas uma mulher
como outra qualquer
Com erros, defeitos e manhas
que tentei ocultar
A paixão me cegou, pouco importa
se você é assim
O amor faz brincar com quem gosta
a razão de negar

Nosso amor foi um campo florido
numa bela manhã de verão
Teu calor foi a doce resposta
que clamava o meu coração
De frente prá vida, sem medo de nada
você era a razão de viver
Com teus beijos tão doces
eu depois de te amar
já podia morrer

Mas o tempo me mostrou que a vida
não é bem assim prá quem quer
Só viver de amor e loucura
esquecendo que és apenas uma mulher
E o meu peito rasgado me mostrando a ferida
Ele é o grande culpado
do meu sofrer assim
Pois não ^{quis} que você devolvesse
esse amor para mim

Então eu volto prá vida
Curando as feridas do meu coração
Então procuro a resposta
na contra-proposta de outra paixão.

Muitas vezes olhei o telefone pensando te
ligar

Só para ouvir tua voz dentro de mim
Entrando como se fosse um pouco de mel
sobre a minha língua salgada

Me conta

Como você conseguiu se deixar assim
Sorrindo sozinho quando penso em ti
Feliz quando abro a carteira e te vejo ali
Olhando pra mim, colada ao meu corpo

Olha, não quero acordar
E descobrir que tudo foi um sonho
O mais lindo sonho
Desses que a gente tem um tempo pra sonhar

Não, não me deixa acordar!

Em cada esquina desse Porto
Às vezes triste e muitas vezes tão alegre
Descubro em passos um compasso de viver
Que sempre sonho que jamais vou esquecer
De procurar uma razão pro meu andar

Não sei se me procuro nesses cantos
Pro meu espanto me perco em vinhos e cervejas
E nas cerejas dos martinis pré-amores
Os dissabores se dissolvem sem querer
Que no espelho se reflete meu olhar

Osvaldo Aranha emaranhado de culturas
As tuas curvas me enovelam a cabeça
No teu "Luar Luar" cotovelos sobre a mesa
Esperando o golpe à galope na bandeja
Não deixa prenda, megalópolis das ruas
Minha vontade de viver do teu cantar

Esquinas minhas
Quanta coisa prá saber...e ainda por sonhar...

QUE BOM TE VER TODAS AS MANHÃS
MESMO QUE POR UM SÓ MOMENTO
ME PASSANDO PELO PENSAMENTO TE FALAR
QUALQUER COISA

QUE BOM TE VER
A QUALQUER HORA DO DIA SERIA BOM

E
CANTANDO UMA CANÇÃO EM QUALQUER TOM
QUANDO NÃO POSSO TE VER
ABRO A CARTEIRA E VOCE ESTÁ ALÍ
ME OLHANDO NAQUELA FOTO 3x4

QUE BOM TE VER
QUE BARATO!

És un heterogêneo
mistura inquieta de saber e não saber
uma palavra, um gesto, às vezes mudo
sempre espero uma palavra tua, o meu
seguro

foram meses sim, meu amigo
não sei se te entendi de todo
nem foi mister
importante sim,
é saber o que se quer.

AMIGOS

A dor acabou!
O peso que me fazia chorar ,
como se vida não mais importasse,
já não existe mais.
Agradeço a muitas pessoas.
Os AMIGOS,
que em tantas ocasiões sempre tiveram
uma palavra, um abraço, um gesto,
ou mesmo a simples presença,
sem nada dizer,
mas fechando junto, num silêncio mudo,
de amigo, de irmão.
Agradeço a todos. Aos que sofreram comigo.
Aos que me mostraram os caminhos que
levavam ao sorriso,
que apesar dos espinhos e das verdades
deídas nunca deixaram faltar o braço forte
quando meu ser fraquejava.
À vocês meus amigos, o meu muito obrigado.
Sou de vocês
Cada pedaço de mim lhes pertence.
Façam de mim motivo de alegria.
Chega de chorar, pois finalmente
A dor acabou!

LUZ

OLHA O SONHO NO PAPEL
É
ELE ESTÁ EM FORMA DE POESIA

PENSEI QUE A LUZ TINHA SE APAGADO
NÃO
EU SABIA QUE ELA IRIA VOLTAR
UM DIA!

Tous olhos uma hora são verdes
outra azuis
ou castanhos?

É essa tua pupila que não pára quieta
Sempre querendo ter aquilo tudo
Aquilo que a gente persegue a vida inteira
e nunca alcança

É como correr atrás da própria sombra

Porque tu não te contenta com uma cor só?

A que quarto me refiro eu se estou
em todos os lugares de tempos em
tempos?

a resposta vem a flunar pelo éter
do espaço,

o último quarto, sempre o último,
este será sempre o primeiro dos
quartos que me virão,
uma certeza concreta,

em qualquer lugar uma cama, um
colchão,

uma mulher, um olhar, são variáveis,
mas em qualquer canto de tantos quartos
uma poesia escrita,

um violão ao descaso,
e livros, livros e livros,
eternos como meus quartos.

VONTADE *

Aquele toque de novo aconteceu
Outra vez nós dois no beijo
No abraço
No amor
Por favor, até quando a maçã pela metade?

Me dá saudade
Te dá vontade
E outra vez nós dois no beijo
No abraço
No amor
Por favor, até quando viver fora da realidade?

Agora quando eu me for
Lá será inverno
Aqui verão
E quando me der saudade
E te der vontade
Outra vez, dessa vez eu sei que não

Então manda um beijo
Um abraço pelo correio

E o amor?
Guarda no coração
Que a gente faz depois
Quando eu voltar...do ultramar...

Flores nascem em todos os lugares
Pelos caminhos perdidos de um planeta
flutuante
No perco nas entranhas dessa Terra
Amada amante
Que hirsutos lugares marcados em meu
peito mais se farão
Se o coração que trago dentro tem um
tamanho normal
Que sabe o gosto exato do açúcar e do sal?

Sou uma maçã num monte de laranjas
A vaguar pelas ruas feito folhas de
outono
Que levada pelo vento faz de qualquer
calçada
A sua eterna morada

Sou um barco perdido no meio do oceano
Que ao balançar das ondas se perde na
imensidão
Que tem o fio da existência ligado ao
coração

Afinal
Sou qualquer grão de areia
Que se perde pelos dias que me são doados
A viver buscando a própria sombra no espaço
Que no compasso da vida descança em qualquer
regaço

Vou ter ainda em muitos sítios, me dirão
Sofrer sorrir calar cantar outra canção
Só quero ser aquele que traz, como o aprendiz
A cada dia a esperança de ser feliz

Cobrir a cara com as mãos borradas de
sangue e mel
Tocar com a língua a ferida com gosto de
doce e fel
Lamber a dose injetada em bonecos de um
só cordel
Pedir ajuda a estranhos com coração de
papel

Overdose a embalar o seu pedaço de céu.

LUGARES/

Que coisa estranha essa viver num outro país
Tudo é tão verdadeiro que posso tocar por inteiro
A fantasia é real, existem homens e carros
Então porque essa cisma de que o sonho é meu normal?

Quando acordo quero ver o meu quarto, os livros meus
Vejo coisas nas paredes que não são os meus pedaços
Os meus passos se encasinham a lugares que não conheço
Vejo rostos, vejo caras, vejo coisas que não mereço

Talvez esse seja o destino traçado na mão esquerda
A linha da vida me mostra lugares que viverei
Mas quero uma noite deitar, sabendo que no outro dia
Vou acordar de manhã na casa que escolherei.

Lisboa
12out86

NAVEGAR/ *

Hoje andei pelas ruas dessa Lisboa dos Reis
Tantas avenidas e praças a lembrar os fatos de
então
Afonso Henriques a acenar, por certo o cumprimentei
Mostrando no peito o escudo que trago no coração

Sou português minha gente como Caminha e Cabral
Sou desbravador de horizontes a procura de terras
louças
Me perco como as caravelas na flor do bem e do mal
Sou estrela matutina que brilha nos céus das manhãs

Não sei por quais ventos fortes irei navegar os
cestados
Perambulando sem rumo nos sítios desse além-mar
Nas calmarias parando a entoar belos fados
Sob as estrelas dormir e com a terra nova sonhar

Rumo, por todos os portos a perguntar pela vida
Como se tudo fizesse o meu amor esquecer
Como se essa Lisboa não fosse uma simples partida
Prá começar nova busca prá'quilo que quero ser.

Lisboa
13out86

Tô, sim/

É, tô sentindo sim
Ai de mim
Putá que pariu
Que saudade do Brasil!

Lisboa
18out86

SONHOS/

Sonhos

Esses sonhos

Os meus sonhos

Quantos sonhos sem dimensão

Têm altura, têm tamanho

Têm a medida exata do meu coração

Lisboa
18out86

PRELÓDIO/

Nem ficar
Nem partir
Nem chorar
Nem sorrir
Se pegar, vou repor
Se parar, fica a dor
Se amar, só se for
Prá sentir desamor

Quero ver renascer
Quero ter o poder
De partir prá não ter
Outra vez que esquecer

Vou ficar e tentar
Vou parar e te olhar
Vou querer te entregar
Vou tocar sem falar

O toque no teu toque
O corpo no teu corpo
O cheiro no teu cheiro

Se ficar tem que ser
Tem que ser
Tem que
Tem...

Se me ponho a ler Kafka
É América a voz do autor
Senhor K não dessa vez
Porém ultrapasso os limites do Atlântico
O cântico de Neruda é o hino do além-mar
E Gal aqui em Lisboa me chama que já é hora
Queria não ir embora
Aprender mais Camões
Impossível viver de canções!

Gal e Portugal rimam como num sonho
Então porquê que quando eu acordo
não vou ver o Grémio jogar?

Não, amigo Ana
Nem você vai poder me segurar

Para que fazer tão pessoal essa minha poesia?

Já te digo, meu amigo

O que exatamente eu queria

O meu desejo somente

É que toda a gente pudesse fazer parte do
verso

Mas minha vida difusa

Um tanto quanto confusa

Me prende em meu universo

E me descubro pensando

Hermeticamente fechado

Encurralado em meu canto

Completamente isolado

Fedado então ao desterro

Mesmo incorrendo num erro

Meu verso não tem par do lado.

Lisboa
18out86

POESIA/

Antes de partir fiz do meu medo
um lamento

Agora percebo que a angústia sempre
tem fundamento

Linhas
18out96

NOITES/SONHOS +

A madrugada em Lisboa
O vento leve do outono
Um grito d'um gaio que ecoa
Me espanta um pouco do sono

O Tejo por vezes me espanta
Parece um mar de brávia
A noite lusa me encanta
Perdidos quem não a sentiu

Bertold Brecht imponente
Se ergue no fim do Rossio
Te mostra prá toda essa gente
No palco de quem não te viu

Lisboa, capital da paz
Alentejo, Faro, Coimbra
Portugal da história sagaz
E da madrugada que finda

VIAGEM/

Um módulo te leva bem perto
Dois módulos um pouco adiante
Três módulos podes estar certo
Que vais prá muito distante

Lisboa
21out06

KERÊNCIA/

Há muitas horas de voo
Estou distante de casa
Para sair de onde estou
Só se tivesse asa

Há um oceano no meio
A me separar do meu chão
Às vezes me vem o receio
Que lá não volto mais não

Porém sei que algum dia
Eu vou esse mar vencer
Serei como a cotovia
Que volta ao amanhecer

Me espera Brasil!

Lisboa
21out86

Pálpebras cerradas
a vislumbrar melhor a luz
não te quero toda, um pedaço, talvez uma ponta
um toque
um choque, talvez uma afronta
flash instantâneo
espelho que me seduz

Te supus assim, já nem sei
falhei num lance
procuro as peças desse xadrez, talvez me
enganai
Mas fico, percebo, então ficas também
Joguemos pois, joguemos dois, depois

É ver o chão esparramado e mal
um bom sinal debaixo dos lençóis
tem um planeta que também tem dois sóis
nosso xadrez tem gosto de água e sal

Mas te creio, e vou pagar prá ver
bem jogador persegue até o fim
acho que sim
Um sorriso, a mão na mão, o paraíso
no cheque-mate nós dois ganhamos, afinal
a vida é só isso, que tal?

RISCOS/RABISCOS

Toda a madrugada é isso
Pego a caneta e escrevo
sem compromisso.

Lisboa
22out86

MÁSCARA/

A máscara que esconde o rosto
Reflete a luz da aparência
Patética inércia da casca
A proteger a semente

Que verdade se acha por trás do artifício
do manto?

De repente um puxão e pronto
A verdade mostra a face

Que espanto!

Lisboa
22out86

TENTÁCULOS/ *

Porque me pego assim,
perseguido o que não posso?
Se não entendo então penso, fico e gosto
Que explicações então vou dar,
se quanto menos compreendo, mais fico a
gostar?
Você agora me vem com coisas que vão além
e o que procuro encontro em seres que sou
também
Que loucura desvairada, poética, transloucada
e me fascina e seduz
eu que supus no infinito deixar distante
esse grito,
me vejo assim refletido na tua réstia de luz

É uma sombra de mim,
a prolongar pelo chão,
se me escorrega dos olhos, segura na minha
mão
Que insaciável prazer encontrar outro ser

Quanta vida ainda, por viver!

BEM/DIZER X ?

Dizem que os portugueses
Quando o inverno vem e o sol se esconde
Tiram da face o sorriso e se tornam
espelhos do tempo

Refletem no olhar a chuva
O frio, a tempestade
Fazendo sentir na pele daquele que não
tem culpa,
o açoitar de um forte vento

Porém bem sei que os humanos
Independentes de raças
Iluminam o seu caminho com a luz que vem
da sua alma
E o que dizem dos portugueses
é falação, é invento

Lisboa
22out86

Amigos/Comuns

Quando se dei por conta
Lisboa fazia de conta que era um grande
Brasil
O Estádio do Benfica seria o Maracanã das
nações
O Tejo correndo perene seria o grande rio
Que na juventude é Amazonas
E no nascer Solimões

Ando pela cidade a comparar seus pedaços
Sei que tudo que faço depende a felicidade
Porém ainda sinto saudade da terra além do
oceano

Se sonho por ela chamo, mas
Não é culpa de ninguém
Os dois brasileiros comigo
Sentem saudades também.

Luiz e Adolfo
que alegrie estar junto de vocês a desbravar
esses lados de Portugal dos Avis.

Lisboa
22out86

Enfim a primeira peça

"A Bela Portuguesa" no Teatro de Comédia

A densa realidade de um casamento fracassado

_ Me casei por amor sim, ouviste?

Havia tanta coisa viva dentro de nós. Não lembra?

_ Sim, havia. Então como me explicas que todas aquelas coisas tenham desaparecido assim, em tão pouco tempo?

_ O amor é incontrolável. Exige, escraviza, suplica, atrai e destrói com a mesma facilidade. Não há como prever o tempo do amor. Foi por isso.

_ Então não resta mais nada no que pensar, nem falar.

O amor. Que manto disforme e envolvente.

No Teatro de Comédia se encenou "A Bela Portuguesa"

E a Ana estava lá, sentada ao meu lado

A mulher portuguesa

Campinas

Visitei-te sim, não me viste?

Foi numa tarde quente

Ceguei mansinho

Percorri calado tuas ruas todas

Campinas

Visitei-te sim

Os lugares que mais amava não mudarem nada

Onde porventura estariam as pessoas que me
foram tão vivas, tão doces?

Parei em frente a tua casa, Sú

Me bateu uma angústia imensa

Uma vontade de te ver saindo pela porta afora

E me abraçar sorrindo, como antigamente

Por instantes fiquei ali, em frente à tua
janela

Te esperando, meio envergonhado

Que pensaria tu, depois de tanto tempo,
de tantas promessas, depois de tudo?

Fui-me embora assim, calado, quase furtivo

O medo de ser reconhecido numa tarde quente

A caminhar sem rumo, e arrastar correntes

A procurar fantasmas pela cidade que tanto
amor me deu

Ainda te amo, cidade do meu sonhar.

Ainda aqui estou
Pensamento parado qual beija-flor
Nó no peito, mãos retorcidas
Sorriso escondido
Olhos parados no tempo e na dor
Vou, sei que vou
Passo pisado, barco sem rumo
Bebendo o sumo de uma esperança
Arfando no ventre de mãe portuguesa

Viva criança!

Cresce na luta sangrenta da vida
Cabeça pré fora, rebenta a placenta
Respira na rua o ar do asanhã
Faz da vontade a tua querida
Mastiga nos dentes o grão que alimenta
O povo da terra que é tua irmã

Lutemos sem tréguas
Enquanto houver uma réstia de força
Lutemos
Sem luta a vitória é menos que nada.

As folhas estão amarelas
é outono
elas caem, as folhas
foram verdes, belas, foram
se perderam nas calçadas, nos passeios
um tapete de folhas mortas sobre a cidade
são belas as folhas mortas
morreram porque é outono
e as folhas morrem no outono

É frio
um sopro de inverno na noite estrelada
andamos todos pela rua
procuramos sorrisos, canções
nos esquecemos na inseqüência da nossa
procura
encontramos as folhas mortas espalhadas
pelo chão
somos nós as folhas mortas, caídas
vagando ao sabor do vento
ainda é outono, ainda
onde estarão as folhas quando o inverno
chegar?

Novas paredes a povoar os caminhos do meu
pensamento

Nova estrela no Firmamento

a perder-se silenciosa, no labirinto das
fugas insanas

Muitas camas por onde deitou meu resto de
corpo

A desfolhar desatinos com o olhar
perdido em um nada qualquer

Uma mulher, flor, um beijo, um aceno

Filme que me fez mais eu,

um Coliseu de fumaça

bruma espessa neste meu amanhã

Afã de querer saber o mundo

beber na taça de cristal onde borbulham as
emoções

tantos corações, tantos gritos

nego o que sou

se fosse cego não teria no espelho refletida

a imagem da eterna busca do meu ser

abismo sem fim no infinito do querer.

É SÁBADO/

Da janela do meu quarto português deito
os olhos sobre a Avenida de Roma
uma tarde mansa e um pouco fria
começo de um inverno europeu que ainda não
conheço
mas que já começo a sentir no corpo o açoitado
do frio que vem
no quarté um violão emprestado
uns poucos livros, traços de uma tese que virá
(espero)
bolechas, leite, mel, um pedaço de pão
a companhia de um telefone que não toca
para se convidar a passear

É sábado

quando penso nos sábados do Porto (Alegre)
distante
meus amigos, novos planos para quando a noite
chegar
se faz longe sim, aqueles sábados
um jogo de botão, um passeio à Ipanema
um pulo no Parcão, cerveja, papo solto
sei, não adianta sonhar
agora é Lisboa, fim de outono, além do Oceano
e da janela do meu quarto português
espero o telefone tocar, para passear
porque hoje é sábado.

OUTRA VEZ/

Outra vez você , menina João
de repente te vejo assim
segura na minha mão
Tua boca é doce,
teu segredo é meu
Não sei por quais caminhos te encontrei
sózinha
tocando com os dedos no meu coração

Te descobri escondida nas dobras do meu
casaco

A se enroscar querendo o meu abraço

E de repente então, menina João
este inverno se torna quente como um sol
de verão.

Lisboa
09nov86

1. É madrugada

Ouço lá fora a chuva no telhado

É a chuva de Lisboa

Começa feito garoa

Engrossa ^{a manilha} _{no potes} quel sopo frio a se derramar
pelas calhes

É madrugada

A sinfonia dos pingos a entoar algum fado

Quedo parado a escutar a canção

2. É a chuva de Lisboa

Embelando serena este meu coração

3. Vem chuva portuguesa

Me dá a certeza de que sou benvido

Ao começo dessa nova estação

4. É madrugada

Lá fora bate a chuva portuguesa

5. A chuva de Lisboa

A chuva do slém-mar ^{a ruínas via estradas}

A chuva do meu passado que ficou.

- A senhora entrou na charcutaria trazendo nas mãos algumas frutas, o vendeiro exclamou:
- Minha senhora, não viste lá o cartaz, pois não? É proibido mexer nas frutas
- Pois vi, sim senhor. Não estando o senhor lá para atender-me, servi-me eu.
- Pois, minha senhora. Era só chamar-me e viria eu cá, ao pé de si. O cartaz ainda está a valer, estás a perceber?
- Pois, pois. Então diga-me lá p senhor: porque põs o senhor as frutas boas ao fundo e as estragadas à frente, diga-me lá o senhor?
- Portanto, pus as boas ao fundo e as estragadas à frente para poder vendê-las todas, percebe a senhora? Se faço o contrário, vendo as boas e encalho as estragadas, estás a ver?
- Pois, entretanto quando chegar o senhor a vender as boas que estão ao fundo estas já estarão estragadas, concorde o senhor?
- Pois sim, entretanto vendo-as todas.
- Pois, entretanto, vou contarvos um segredo: é o senhor conhecido cá na vizinhança como o vendedor das frutas estragadas. Bela fama, não acha o senhor?

IRONIAS/

As paradas de ônibus e as cabines telefônicas
de Lisboa são de vidro
Engraçado serem de vidro
Mas o mais engraçado é estarem todos os
telefones a funcionar
e os vidros todos inteiros
É mesmo muito curioso...e engraçado
já no Brasil...

Lisboa
11nov86

BENVINDOS/

Calouste Gulbenkian era um judeu
veio fugido
Hitler não gostava de judeus
Portugal sim (e era Salazar)
O que Hitler não sabia é que plantava
a semente da cultura na terra de Cabrel

Benvindos os judeus
Benvindos

Lisboa
11nov86

GARIMPO/

Os verdadeiros amigos são como ouro
de aluvião
Quando peneiramos a areia estes são as
poucas pepitas que ficam.

Lisboa
12nov86

SINTRA/

Sintra

despues de todo una pequena aldea
pintoresca, conosco usted demás
despues de todo my corazón se encanta
no te olvidarei jamás

Pero pregunto si tiene ternura

és preciso con peraisso mucha paz
entonces te siento la doçura

Sintra

no te olvidarei jamás

Usted és una carícia en my corazón

muy bella

pequena pepita d'oiro

Lisboa
12nov86

Veríssimo Serrão

nascido português, filho de sentarém
professor de História de Portugal
presidente da Academia Portuguesa de História
Coordenador de Mestrado
Catedrático da Universidade de Lisboa

Veríssimo Serrão

um ser importante

uma ilustre bandeira a tremular no céu da cultura
portuguesa

Veríssimo Serrão adora rebuçados

é um velhinho simpático que ama o que fez
uma incensável energia

tem alguma coisa nele que me faz olhá-lo com
ternura

é uma pessoa universal

dessas que a gente tem vontade de conversar o
dia inteiro

ser apenas amigo e aprender

esquecendo o quanto representa e o património que
carrega na sua sabedoria

Veríssimo Serrão é assim

cativante, sábio, modesto, simpático
extremamente amável, lembra meu pai
talvez o admire ainda mais por isso
hei de ser um discípulo aplicado.

Sentar numa mesa de bar, pedir cerveja
Jogar conversa fora, sem pressa de voltar prá casa
Gosto disso
Lembrar da namorada, se não estiver junto
Dizer o que pretende, se o tempo ajudar
Falar sobre um amigo que não vê há muito
Vou te contar um fato que me aconteceu há um tempo
atrás. Como é que era mesmo?
Isso mesmo, eu também pensava isso à respeito dela,
só não falei porquê...
Os discos voadores são a prova final de que não
estamos sós, afinal...
Aí vem o problema do espaço, de Deus...
Isso já é Teologia, o papo é mais profundo
Fica prá outra tá?
Olha, aquela menina (a última) era virgem de pai e mãe,
deu um trabalho...mas foi legal, depois
Não, não sei quando volto ao Brasil, talvez...
Mas essa minha vida dá cada volta, ontem lá, hoje aqui,
amanhã, quem sabe?
Talvez eu faça na Primavera artesanato
Bonecos de pano, os turistas são tentos...
Mas o papo agora é tocar violão em bar
Música brasileira. João Gilberto, ainda.
Ainda?
Pois é.
É. Pois é.

POIS É II/

Te contei, cara? Não?

Ontem antes de dormir me lembrei de tudo.

De tudo? De tudo o quê?

Ora, do meu primeiro beijo.

Do primeiro? E como foi?

Doeu. Ela me deu uma mordida na língua.

Lisboa
13nov86

CORREIO/

Anseio pela carta que não veio
As que chegam sempre é passado
É esse tempo que não pára de correr
Pelo menos me deixa terminar de ler.

Lisboa
13nov66

ELEIÇÕES/

15 de Novembro

Eleições no Brasil

Mas eu estou na terra do 25 de abril!

No 15 de Novembro fiquei dormindo

Levantei seis horas da tarde

Depois do banho fui jantar

Sempre a lembrar que nesse dia

Lá no Brasil vão às urnas

Taciturnas (as pessoas)

Convencidas que cumprem uma obrigação

Não um direito

Afinal, lá não se vota com o coração.

Um a menos prá contar na apuração!

Lisboa
15nov86

RAÍZES/

Bairro Alto é a gema do verdadeiro
fado português
Lá o cantador não é prá turista ver
Não se pode falar enquanto o fado é
cantado
Se o encanto é quebrado a poesia jamais
viverá outra vez.

Lisboa
16nov86

TOQUE/

Os amigos são o último toque prá
afastar a solidão

A namorada é a última certeza que
ainda temos coração.

Lisbon
16nov86

À toa/

A vida em Lisboa, é boa
É boa, a vida em Lisboa

É porque eu vivo por aí, à toa!

Lisboa
16nov86

Samora Machel morreu
Moçambique está de luto
O negro
Bandeira à meio
Samora Machel, o negro, morreu

No céu da África se fez escuro
o espaço reservado à Moçambique

Há quem diga que o radicalismo morreu

Contudo falta uma pedra no muro da História
Jamais renasce a onda que se perde no praia
Samora Machel, o negro, morreu.

CASTELO/

Uma das vistas mais lindas de Lisboa
é a do Castelo de São Jorge
data de 1854
um século antes do meu nascer

Mas como o tempo não passa para as
pedras que ficam
ele ficou lá, parado
esperando eu aparecer.

Lisboa
19nov86

PRÉDIOS/

A Universidade Nova de Lisboa
foi um convento
depois um quartel
hoje se perde no tempo do saber
e tem estudantes à granel.

Lisboa
19nov86

VOZES/

ESBOÇO é um bar (pub)
onde eu vou cantar
espero que entendas a minha rouquidão
pois
apesar da brincadeira
cantaria a noite inteira, se fosse no
verão.

Lisboa
26nov86

ACASOS/

Quando eu chego em casa e sinto fome
a leitura é meu consolo
mas qual!

Dona Amélia se trouxe um pedaço de bolo!

Lisboa
26nov86

TOQUE/3

No fim-de-semana bate no peito uma
angústia, um vazio
e quando perambulo pela madrugada
sinto o gosto de uma noite mal-emada

Preciso voltar pro Brasil!

Lisboa
26nov86

OU SERÁ?

A insegurança é fruto da sensibilidade
ou será que para ser sensível é preciso
ter idade?

Lisboa
28nov56

BICAS/

FÁTIMA do carioca de limão
do carioca de café
foi lá que pintou uma coisa no coração

pois é

FÁTIMA pasteleria de Maria
e da João

Lisbon
28nov86

NOTAS/

Hoje o Concerto primeiro

é,

e o maestro era brasileiro!

foi no Teatro São Jorge

ali ao pé da...

é. Mas depois ela me deixou prá ir a uma festa

foi?

foi. Vê se pode?

Lisboa
28nov86

SOMBRA/

A impressão que tenho de Lisboa
é que esconde alguma coisa boa
Só que não consigo descobrir que se nada
porque tudo fecha de madrugada!

Que chetice!

Lisboa
28nov86

SONHO é uma coisa engraçada
acredito mais nas asas do vento
passeia no pensamento
minha vontade sonhada
insana essa quebrada!

O pé inchado e sangrando
o viajante voltando de andar léguas tirando
chupando o bagaço da cana
segue a estrada sonhando
no céu a sombra do tempo
desenha no Firmamento
a água suja de lama!

O corpo se torce na cama
as nuvens ferem o céu
na folha branca do papel
um pingo quente de sangue
de um fogo não muito distante
que aquecia teu corpo
suspenso num sonho já morto!

A garganta lança no espaço
o som de corda de aço
num lamento profundo
traduz os sonhos do mundo
o corpo então sente frio
e acorda num quarto vazio!

O pensamento é uma rede
que pesca de tempos em tempos
no oceano de imaginação
imagem virtual, imagem real
afinal
de que lado estão as sombras
que tocam meu coração
violentando a menina
desses meus olhos cansados
que incrédulos ficam parados
no sêmen que escorre do teu amor?
calor, dor, desamor
humano sou, serei, me dou
quero sentir no meu dedo
um toque do teu segredo
vem, vem agora, vem pra mim
e te peço
não tenha medo!

A máscara do Azteca supera a imaginação
subterrâneos do fogo e da água
a nuvem por sobre a montanha encobre as
setas do Templo Sagrado
a máscara do Azteca é monolítica
a máscara impassiva executa o ritual
a máscara do Azteca encanta. Fascina
mata e extermina a fúcula do mal

A máscara do Azteca traduz no frio dos
olhos o calor do deus da Luz
a máscara do Azteca contempla a luz do sol

É a máscara do Azteca

Lisboa
04.dez86

O Karma se fez mais forte depois da chuva
pela parede dos olhos de vidro te vi
brilhante
camada de luz em torno da silhueta
estado gasoso
contorno de energia pura

A transmissão de fez da gênese da terra
habitat natural, sono liberto
diamante lapidado em forma de calor
o espaço ocupado de anti-matéria
e na palavra a verdadeira fera

Sou no toque do absoluto
por sobre a cascata da Humanidade
impotente na luz que enlouquece e envolve
sei do devir na promessa de vida

Vide, outra vida, outra tudo
vou contudo lapidar
clarear o amanhecer das trevas
na procura ansiada da liberdade
antes que surja o Apocalipse
antes que o amanhã já não seja nada!

Estado de Espírito/

NÃO
no meu poema não transpasso meu estado
de espírito
Apenas
busco no meu interior um pouco da minha
vida

Lisboa
04dez86

Na dualidade do Universo
o homem oscila entre a Vida e a Morte
busca incerta do seu próprio Eu
no labirinto das emoções navega o corpo
sem mácula
e o tempo se encarrega de manchar o puro
coração
a Vida e a Morte são almas gêmeas
pintadas na palma da mão.

Lisboa
07dez86

Então o toque se fez
para você eram caminhos desconhecidos
mas me deu a sua mão, e se deixou levar
para mim também era uma nova estrada
despertar daqueles meus sentidos que pareciam
mortos

Fomos dois, fomos juntos, tornamos um
no ar o encanto do querer sentir
sem caminhos tortos, sem qualquer ferir
você se descobriu
me fez feliz ao me escolher prá ser
a ponte de ser mulher
e fez de mim de repente renascer meu mundo
interior
de carinho, de ternura, de amor
Linda menina, bela mulher

Agora eu sei porquê
eu sabia que seria tão bom
fazer amor com você.

Em meus sonhos
quando estou em dificuldades, posso voar
corpo no espaço, a fugir do perigo maior
em meus sonhos
sou um pássaro-humano
e escapar dos meus próprios desatinos

Quando menino queria ter a liberdade de
um céu azul
quando adulto procuro essa liberdade
dentro de mim mesmo
e só posso alçar vôo pelo céu azul
quando estou sonhando...

Lisboa
16dez86

Eu queria dizer que o sofrimento ainda é
moda em 66
e luta pela vida continua e apesar de ter
32 anos de sonho, de sangue e de América do
Sul,
não me esqueci de amar
andando pela rua e sinto o peso da vitrina
no apito do guarda, no grito do jornaleiro
na curva da estrada, no perigo do estrangeiro
tenho na minha calça desbotada as marcas do
caminho
ainda persigo sozinho a sombra da água
soberana, pairando sobre o campo verdejante
o rosto no vento, o pensamento
e tudo que acontece comigo são estrelas
e apesar do perigo da esquina,
o Paraíso virá.

"COMIDA DE SANTO"

é o lugar basileiro

sonde eu canto.

Lisboa
22dez86

NATAL/

É NATAL!

O Menino nascerá português

em alguma manjedoura de Alfama

festa maior na terra do Douro e do Minho

e eu, fora do ninho, sonho e penso em quem

me ensa

Porque é Natal!

Lisboa
22dez86

Levo a vida assim como um período de
transição
oscilando entre o querer e a ponta do
coração
perdendo o fio da meada ao acordar da
razão
um cometa passa nos céus traçando limites
sem saber que a Caverna não termina onde
os olhos só vêem
é preciso vagar ao sabor da dor e do sêmen
para poder escolher a sua própria mortalha.

Lisboa
06jan87

I

Não quero pensar agora no tempo que irá chegar
de quando sentir vontade de te sentir e tocar
e esperar te sabendo que nunca mais vou te ver

II

Nessa instante estou aqui deitado na minha cama
à espera de ver sorrir meu coração que te chama
e me elevar ao limite do Universo do ser

III

Vem, vence essa chuva fina, vence a garoa
atravessa as vielas molhadas dessa tua Lisboa
e tráz na paz do sorriso aquilo que sonho ter

Lisboa
09jan87

Caio Abreu em "Morangos Mofados" fala do excesso
de cultura
embota e faz morrer o lado humano-animal
o prazer sexual escorre por entre as folhas
que declamam o saber do "sapiens racional"
porém agora
quando me olho no espelho vejo em meus traços
o gosto da metamorfose
pendulando entre Neruda e os lábios da tua vagina
numa overdose de tudo que me seduz e alucina
não aceito nada pela metade
como se a pura verdade pudesse ser dividida
e o que restasse fosse a dose medida da satisfação
absoluta
como se eu ficasse à escuta da vida brotando lá
fora
e sentisse que apenas um gozo bastasse pra eu
poder ir embora.

Lisboa
11jan87

AVALANCHE/

Não é a cidade de Lisboa propriamente que me faz sentir angústia, é a minha própria vida quando desço a Avenida da Liberdade em direção ao Rossio parece que caminho ao fim do meu destino, um lugar que não é meu, absolutamente sou eu na totalidade,

espelhei-me pelos cantos de Lisboa onde conheço todas as ruas, todos os abrigos, sou um pedaço de mim, algo bom, algo nocivo, a teimosia, o temperamento, a ternura, a carência, a necessidade de ter e ser, sem querer permanecer e ser eternamente,

mister de encoções, de vento na cara, e olhar acuado para renascer a cada tempo, jamais serei um ponto de apoio permanente, tirem-me tudo que posso dar, suguem-me o sangue das veias, tornem-me um só coração, extraiam de mim o sumo de meu ser, de minhas entranhas, vivam consigo e pleno sentir, eu quero e deixo, levem-me ao supremo prazer, mas perdoem-me se um dia faço as malas e parto, não me segurem nessa hora, o coração aperta, o corpo clama e me vou, sem bússola ou destino, sou menino e isso me preocupe, já que a aparência me faz adulto e às vezes choro por não poder ficar,

não, não são as ruas de Lisboa que me fazem sentir angústia, sou eu, a pedra rolante, aquela que não tem limo e não pára em lugar algum, uma pedra qualquer, mas mesmo as pedras precisam de um abrigo, porque um dia a montanha acaba e a pedra quiçá irá acabar em um pântano qualquer.

Lisboa
13jan87

Meu pensamento sempre além dos meus passos
num compasso marcado pela ansiedade
e na próxima cidade vou querendo
e vendo a vontade me errar
é outro lugar
se pudesse levaria comigo os meus amores
esquecendo as dores nas calçadas
e as mãos espalmadas pro futuro
pular o muro querendo olhar
é outro lugar
qual pedra rolada pelo vento
nas asas do pensamento se faz alado
o presente se faz passado
do entardecer ao luar
tudo será mais belo nesse outro lugar!

Lisboa
13jan87

O som de uma música ao longe
fugidia na madrugada
a destoar resoluta no silêncio puro
de quem escuta

Noite estrelada
gotas de orvalho escorrem
serenas
pela janela fechada
fazendo chorada a face da lua, caída

Os seres da noite vivem seu cotidiano
no palco se abre o pano do ato primeiro
melodia a embalar o aventureiro
que pensa viver melhor na noite escura

Alvorecer
num canto qualquer um corpo a gerar
uma poça de sangue a escoar da calçada
criatura insegura e mal-amada
será um novo ator, amanhã
quando acabar todo o mal de que se cura.

Túnel/

A espera é como um túnel
longo e escuro
onde percorremos angustiados os momentos
sem saber se no final haverá luz.

Lisboa
20jan87

Um risco vermelho na noite estrelada
o cometa traça o seu destino
no desatino de vida
pedindo guarida como quem canta um
hino
o próximo será o derradeiro abrigo
mas o céu é infinito
e depois o eco do grito fugindo do
perigo.

lisboa
03fev87

Até quando poderia tentar ser e ficar
se a mão que seria estendida
quede parada,
nem no ar,
mas de cabeça para baixo?

Talvez o clamor fosse mais forte
porém as raízes não desprendem da terra
do nascer
a cada dia que passa sonho em retornar
como se a volta fosse o reviver!

Não pude mais
não se defino monolítico porque sou
facetado em mil pedaços
espelhados à correnteza do coração e da
vontade
Na sexta o corpo de aço no ar
o filho pródigo volta às terras do além-mar
mais uma vez!

Remando nos aproximamos pouco a pouco de
hora de apolitar
o sol é forte e se espalha por inteiro sobre
o corpo desnudo
um pouco de água salgada para refrescar a pele
o barco pára e a isca é lançada
paciência e vontade pelo amor da pescaria
beliscam, as iscas somem dos anzóis, que voltam
vazios
o tempo passa
o barco joga impaciente por sobre as ondas
um puxão mais forte anuncia o fruto desejado
um sorriso largo anuncia que o jantar começou
a ser servido.

Florianópolis
05fev87

O estado de transição continua
não sei ao certo se é culpa minha ou tua
contudo ainda não toquei o meu pé no chão
e na rua andando ainda sinto solidão

Há dez dias caminhava por Lisboa
num estado de tristeza e alegria
pelos meus dias não serem mais à toa
porém, sabia que depois do tempo, a nostalgia
faria de mim querer o frio do dia, e a garoa

Não te tenho mais, menina João
pré mim sorrindo, me levando pela mão
as noites com Eça e Jorge de Sena
penso em tudo, quero voltar, e sinto pena

O Brasil é uma colcha de retalhos
alegre e colorida
cheia de contrastes, cheirando à fantasia
mas quando o frio traz a dor doída
falta calor no pano da alegria
então a mesma sensação de perda e solidão
a procurar num quarto escuro de braço estendido
o motivo puro e simples da vida e do sentido
não há lugar no mundo que me faça tocar com
o pé no chão

Folheava o jornal como quem olha o mar
sentado na beira do cais
as folhas passavam lânguidas num merulher
de ondas sobre a mesa
estava só
então a tempestade se anunciou
como um raio se esvai de nuvem negra
a notícia se fez dóida e angustiada
trazendo para perto aquela bela ternura

Zece Afonso, o poeta, estava morto
moreava no coração daqueles portugueses
que acreditam na liberdade
na bandeira branca da paz sonhada
a tremular no interior da menina lusa, amada

Você veio então prá mim
feito lembrança terna, inoculada e pura
pensei no teu cerinho
no mal de que se cura
queria estar agora do teu lado e te mostrar
nos olhos que também entristeci

Zece Afonso
não te senti de todo, estava te aprendendo
tentando, meio tímido, te compreender direito
acostumado a ouvir teu nome e tua voz
mas sei que vales muito e te acredito forte
porque sei que aquela menina pura
de quem eu gosto tanto
chorou pranto sem fim ao saber da tua morte

A bela manhã de sol já ia longe
quando resolvi passear por aquela bela Lisboa
sei caminhando, meio à toa,
e percorrer devagar as ruas do lugar
sei da Luciano Cordeiro, e rua dos travestis
descendo, feliz e fofo, até a Conde Redondo
deixei passar o elétrico,
transporte à primeira vista hediondo
mas eficiente e seguro
para o pedestre mais puro
Na Liberdade parei, a contemplar o Marquês
que ativo e altaneiro, ao lado do grande felino,
vale tudo o que fêz
a indecisão tomou conta em saber qual direção
se iria pelo Eduardo VII até a famosa Fundação
ou descia a Avenida num romântico desvairiu
para tomar um café no Restauradores ou no Rossio
resolvi então voltar porque o tempo havia fechado
e eu, tão descuidado, estava desprevenido
e não havia sentido passear todo molhado
pois Lisboa só é bela sob um dia ensolarado.

ROMA/

A polícia quer o Arcebispo italiano
mas Sua Santidade mora no Vaticano
e lá a polícia não tem autoridade
dizem que roubou fundos de um banco
transgredindo as regras da sociedade
mas nem ao Papa, que é dado como santo
é permitido condenar essa maldade
porque somente Deus sabe de toda a
verdade.

Florianópolis
28fev87

Eu soube um pouco tarde que você havia nos
deixado
sofri, surpreso e mudo
compreendi porque não respondeste minha carta
nessa horas a gente nunca está preparado
nessas horas a gente nunca tem as palavras
Mas a dor é tanta!
a ausência do sentido nos faz vagar em busca
da razão dos atos de vida
nos faz pensar da validade de ter tantos planos
se de repente tudo se acaba...
talvez nisso esteja o sentido
a incerteza do tempo
a surpresa do momento-
farás falta como um dente na boca
farás falta como um dedo na mão
porque você é só uma
mais uma peça que falta no jogo perigoso
de vida.

PAlegre
março87

Nessa selva de concreto e cimento
impossível não se ter um só pensamento
que não venha revestido num complexo
de violência, muito álcool, droga e sexo

Mas viver a vida assim é impossível
porque perde o sentido sem o amor
a felicidade é um fantasma invisível
que a gente tem de achar aonde for

O segredo para a vida
não é mais do que saber
que o sonho é guardado
para se poder viver

Queria ter na boca a fórmula mágica
para fazer da vida um arco-íris
e transformar o dia esbruteado
num diamante lapidado e puro
Quizero ter nos gestos a magia
e transformar a guerra numa festa
fazer das bombas fogos de artifício
enchendo o céu de múltiplos balões
A varinha de condão iria ser
o símbolo do amor e da alegria
seria proibida a violência
e o mundo seria uma grande fantasia

Será que os homens se contentariam
controlando a ambição ou
iriam também querer a felicidade do
seu próprio irmão?

Enquanto o homem não se transformar
os sonhos não passarão de meras utopias
sonhos que a cada dia que passa ficam
mais cinzentos,
sem a cor da fantasia

Vejo através dos meus olhos as mesmas coisas
que via há dez anos atrás
vejo o desfilar de incertezas,
de sonhos, de esperanças
vejo passear nas calçadas as minhas velhas
lembranças

Vejo através dos meus olhos o mesmo nascer
do dia
vejo o mesmo mar que me encanta e fascina
vejo na noite mansa a mesma lua menina

Vejo através dos meus olhos as mesmas coisas
que via há dez anos atrás
no entanto o espelho me mostre o rosto que
em mim ficou

vejo através dos meus olhos que a vida prá mim
mudou.

Me gusta entonces sentir toda las
emociones
bajo los pensamientos quedar mis ojos
en mi alma
mientras usted fluctua bella y cálida
en el cielo de lo sentimiento

mujer caliente
mujer remota

Conocer tus emociones ahora y siempre
tocar tus labios con la ternura que pide
el corazón molleado por el sangre de amor

me gusta amarte

me quedo a tus pies
como se fuera una tormenta que me queda
como se fuera una virtud quedarse
en cambio pido solamente una esperanza
floreced mi cuerpo hacia la vida

me gusta amarte!

TUS OJOS/

Al entardecer el paisaje tiene una
misteriosa emoción
y el último sol hace una morcella de oro
reflejo de luz en tus ojos serenos

los ojos, las ventanas de la alma

tienes claros, tienes puros
me gusta saber la color
tus ojos tienen uno enigma
el sortilegio de amor

FAllegre
11ab87

ASPIRACIÓN/

Y cuanto a los sufrimientos físicos
hay uno agudo, terrible
el contraste entre el dorado voluptuoso
y el áspero cariz del corazón

la soledad

Aquellos que hacen de la soledad el sentido
de la vida
procurando solos el camino
jamás sentirán los más puros sentimientos
de ternura
jamás sentirán la color de una mañana

la libertad no quedase en la dolor
me aspiraba hacer de todo uno gran amar!

PAlegre
11ab87

Hay un punto de mi vida que es muy
especial
aquello rasgo de tiempo entre el pasado
y futuro
atemporal
sin fronteras
sin pensamientos inseguros
pero que es la existencia de un hombre
maduro

Pienso que todo es posible
mi corazón es posada mientras el tiempo
se queda a espalarme la razón
entonces esto es el rasgo que cambia
la noche en el día
muere mi vida normal
haciendo locuras tenebrosas
esclava de toda pasión

CAMINOS/

Pienso que todo nosotros debemos hablar
a respeto de nuestros pensamientos más
interiores
todo hombre debe venir a ser un poco
niño toda las mañanas
con la finalidad de hacer la felicidad
en sus corazones
el amor no es apenas lo más puro de todo
los sentimientos
que un hombre puede sentir
la mujer debe venir a ser lo casado cierto
para el corazón de todo los hombres

FALCÓN
abril '87

E Colette, a escritora, tinha razão

Escrever!

longo devaneio diante da folha em branco

rabiscar inconsciente

brincar de pena que gira em torno do borrão

de tinta

que mordisca a palavra imperfeita

enche de garres, de flexas, de patas

até que elas venham perder a sua figura legível

de palavra

metamorfosesda que foi em fantástico inseto

borboleta-fada que alçou vôo

Escrever!

é o olhar fixo

hipnotizado pelo reflexo da janela sobre o

tinteiro de prata

é a divina febre que assoma às faces, à fronte

enquanto uma bem-aventurada morte gela sobre o

papel a mão que escreve

é o pleno olvido de hora

a indolência no macio divã

esses bacanais do espírito inventivo donde saímos

curvados

embrutecidos, mas já recompensados

mensageiros do tesouro, que sob o pequeno círculo

de luz serão entornados na página virgem

Escrever!

tentação de purgar raivosamente tudo de mais

sincero que vai pela alma adentro

depois, encontrar no dia seguinte,
em vez do ramo de ouro,
miraculosamente desabrochado na hora
flamejante

um espinheiro seco
uma flor abortada

Escrever!

gozo e sofrimento dos ociosos

Escrever!

mister intenso como sede de verão

jogo perigoso e traiçoeiro

que apanha e fixe o imutável

o fugaz, o apaixonante

mas que não passa de uma curta crise

prurido de uma velha cicatriz

e, apesar de ser ferida que abre de tempos

em tempos

bem sei,

nem todos nascem um Balzac.

PAlegre
18ab87

Vou-me embora prá Passárgada, assim começava
o poema,
que punha na mente o dilema da Terra Prometida
uma cidade perdida no meio da esperança
que faz da busca criança o nascer da promessa
cumprida
somos nós, somos loucos, somos muitos
a percorrer sem parar as veias dessa América
Latina,
como se fosse uma sina
num tatear incessante, passando a passo quedante
a procurar a moreda
querendo a todo o instante a felicidade prostrada

VEIAS/MORTAS

Em Lisboa, quando eu ouvia falar de América
sentia uma tontura, um calafrio, um vario na
boca do estomago,
era como se adoecesse por não poder estender
o braço e tocar no coração
Na boca alguma coisa salgava a língua
carente do doce nome da América
o pensamento alçava por sobre as ondas
acompanhando as gaivotas que imigrantes buscavam
as espumas dos mares do sul
Contudo, agora que posso passear pelas avenidas
desse Terceiro Mundo
sinto que alguma coisa transpire ofegante em busca
de ar,
alguma coisa se diz que a América está morrendo

PAlegre/SPaulo
Jonai87

Não será um tempo longo ficar me perdendo pelas
esquinas dessa grande cidade
sei do amor e de maldade que se espalham pelas ruas
coisas minhas, coisas suas, sei de tantas falcatruas
se escondendo nos porões
sem falar dos corações confundindo-se na bruma
querendo muito, ou coisa alguma, a se perder no
labirinto desse imenso formigueiro
careço saber do sol, é garoa
de pensamento meio à toa me procuro na Ipiranga
olhar de lince e ^{presenciar} precrutar a aventura,
de ametista ou pedra pura pode ser o fim da linha
se o felino não ficar de sobreaviso na esquina
menina
misturado estou, confundido sou, e esperar
me preservar sem maltratar a alma pura
insegura
agora é vida dura, mas tudo passa,
o tempo é fogo na palha desse viver.

São Paulo
30mai87

CIDADE/

Domingo, estou só
no décimo-sétimo andar de um arranha-céu de São Paulo
manhã de um azul raramente límpido joga no rosto um
sol dourado e quente,
os edifícios apontando para o espaço pisam nas pessoas
e carros que se agitam lá embaixo,
parecem pequenos insetos na selva de concreto
a rua da Consolação
o letreiro do Itaú
o relógio da igreja
o edifício da catástrofe na Paulista
domingo, e eu só
no décimo-sétimo andar de um arranha-céu de São Paulo
amanhã a sorte estará lançada.

SPaulo
01jun87

Hoje fui ver Wanderléa
a Wandeka dos meus velhos tempos
Ternurinha dos meus felizes e belos dias
louríssima, o mesmo rosto das capas de revista
a mesma voz doce dos meus antigos discos
e ela estava ali, a poucos metros de mim
apesar do tempo e da vontade estava vendo-a pela
primeira vez, em carne e osso
uma bela mulher, um corpo exuberante
mas era algo mais
Wandeka era, ali, para mim, mais do que uma bela
a cantar,
era aquela magia da velha Joven Guarda,
o transpirar do mito,
o carisma do mundo mágico,
de uma época distante,
do romantismo ingênuo, da balada doce
era o amor singelo no valor de um gesto
quando uma simples palavra bastava para tornar
um sorriso a razão de viver,
Wanderléa era ali a Ternurinha do meu passado
me passou carinho, me passou desejo
a antiga mini-seie a ornar belas pernas
Wanderléa,
quizera ser Merlin para voltar no tempo
e reviver de novo este ponta de saudade.

É um mundo à parte
disfunções que se confundem por entre a densa bruma
o monóxido se mescla aos trejeitos e aberrações da
normalidade do viver
é qualquer coisa de denso, misterioso, inseguro,
até surpreendente o conviver com eles, ou elas?!
sorriem, são felizes, participam
escapam um pouco da realidade, da minha
e muitas vezes custo a perceber que vivemos todos
juntos, na mesma casa, na mesma cidade
fantásticos são as espécimes
variadas, hilariantes,
sinto-me um preto no branco, uma mancha,
um ponto, um risco disforme nesse quadro homo
me vejo então maleável, escorregadio,
esquivo, porém lúcido e surpreendentemente bem aceito
olhos curiosos, opiniões favoráveis, indagações
contudo jamais repellido,
em nenhum momento discriminado,
e descobro, meio embevecido, que nesse mundo bizarro
o respeito sobrevive.

SPaulo
03jun87

Há uma leveza no ar
segundo Kundera, uma insustentável leveza
brisa leve, sol de inverno paulista
e as pombas voam, perenes, por sobre os telhados
os espigões estão dourados e a manhã de sábado
alegre o sobreviver na selva
quizesa ter asas, com eles mergulharia nesse espaço
que se abre diante dos meus olhos
levanto a vista na tentativa de captar a poesia
que por certo existe além do que posso ver,
deve haver nos viadutos que serpenteiam por entre os
prédios um verso ceiado, adormecido
duas mulheres na janela do prédio em frente
as roupas no varal a renovar o cheiro-humano
plantas nas sacadas como a gritar direitos ao respirar
crianças a jogar bola no pequeno espaço da praça
barulhenta,
para onde irão os carros de Consolação?
vejo parte do edifício que amanhã será implodido
foi incêndio, um morreu, um a menos
a mancha flutuante de um helicóptero
e nos pés? pedestres? formigas?
sim, deve haver poesia além dos meus olhos
pois as pombas ainda passeiam felizes por sobre
os telhados

MANCHAS/

Quando se procura o eu,
o encontro final,
medo não faz parte do próximo passo
no compasso, toco, faço
e na procura do beijo final
desponta a linha do horizonte
distante ponte no amanhecer

SPaulo
13jun87

PAINEL/

É tempo de Dali
nunca foi jamais tão real o imaginário
neo-cenário
nunca foi jamais tão matizado,
mutilado,
corte calado na face sangrada
há um coração atrás das grades
há um olhar parado na esquina
partes trocadas, é de repina
perigosemente jogada, pintada
o vento singra as avenidas como o pincel
do Artista
os corpos surgem na tela numa estremada
criação

é tempo de surrealismo
o bizerro espelha o real
bestial
é o choque dos anos oitenta
lenta agonia sedenta.

SPaulo
13jun87

INSTANTÂNEOS/

A câmera dos meus olhos fotografa as marcas do dia
cinza dia, frio dia
do outro lado das lentes, instantâneos se sucedem
paineis da avenida Paulista
a Fundação Casper Líbero, e da Gazeta
apontando para o espaço com sua torre de aço
o Shopping Ep. Center com suas lojas e vitrinas
consumismo perigoso, ambicioso, porém tão doce
do outro lado o McDonald's, a marca dos yanques,
indelével e corrosiva, abusiva
a CMTC transporta formigas em seu intestino
muitos click's, muitos carros, esportivos,
luxuosos
 vaidade lançcinante da classe média
as caixas do correio, as mesas na calçada
estudantes saindo do Objetivo,
revolucionários, mas sempre estudantes
sinais fechados aglomeram automóveis
impacientes, esfaimados, é hora do almoço
hamburgues com coca-cola
quem tem tempo para mais?
é a Paulista, é São Paulo
a megalópolis da América
talvez mais fotos, alguns flagrantes
namorados, dois amantes?
que pena, o filme terminou!

PROJEÇÕES/

O tempo é uma grande ponte
que afasta mais e mais as pessoas
a cada dia que passa um traço do rosto
se acentua
tênue cicatriz
como um fantasma a perambular pelos cantos
da memória
acabamos assim, como fantasmas
a procurar, quem sabe, alguma esperança
alguma lembrança
ou imagem escondida no rosto, interior,
naqueles dias (ou noites?!) que a saudade
toca mais forte.

SPaulo
23jun87

VENTOS/

Os ventos trazem o pólen da
nova esperança
brotar de sonhos
germinar de castelos encantados
e as colinas novamente serão o limiar
do infinito
o mudo grito no alvorecer do sorriso
são os ventos...

SPaulo
30jun87

CAMINOS/a

No conosco tierra meyor do que my
tierra
las estrellas tienen más lumbré
y mientras yo camino por las calles
pienso que nosotros jamás podríamos vivir
en otro lugar

¿Y las mujeres?
son más calientes,
dulces,
hermosas
las mujeres de my tierra son...

SPaulo
8jul67

98433703

REcado/

Se você se procurasse entender

Hã, se entendesse

A surpreza da vida sem você

Na procura perdida daquele sentir

Não consigo fingir

Hã, se você se entendesse

Quizera dizer que o sol

Não esquenta meu coração

Que passeio na rua chutando as

pedrinhas pelo chão

Se você se procurasse entender

Hã se entendesse

Não feria perdida esse minha alegria

de viver.

SP/
10.07.87

Quando estico o corpo por sobre o lençol macio
deixo que tudo fique suspenso no vácuo do prazer
percebo o quanto o ser humano é fraco e desprotegido
e me pego esticando as pernas, extremando a fantasia
de um corpo cansado e doído por sobre a cama macia

Que transcendência normal ser humano
saber dos limites quase inalcançáveis, sempre sonhados
e poder simplesmente deitar e sentir as forças
retornarem
doce sobreviver na fantasia da vida

Mais que uma simples arte, ela é tudo que pode ser o
artista
do movimento das marés ao sol das manhãs
de cara de espanto ao beijo na boca, meio roca
que picadeiro povoado de mil palhaços

Na reprodução da vida, do sexo, da fome
se viver fosse uma simples brincadeira
o segredo da vida estaria num jogo de amarelinha
mas mais do que pular sapate me perco nos olhos
da menina que passa, que beleza, que graça

Se os olhos são violeta, as flores serão azuis
mas se o verde do mar inunda o coração
me dá aqui a tua mão e vamos velejar
se percebes a cicatriz no rosto, foi brincadeira
de mau gosto
mas que delícia vestir uma roupa limpa

E no toque do teu corpo me reflito no tocar
deixa escorrer que é seiva que nasce a vida
um botão, uma rose, um jardim no coração
não tem receita, nem idade,
deixa eu esticar as pernas que estou morrendo
de vontade.

Quando escrevo, e há muito tempo escrevo,
não penso em ninguém lendo meus poemas
quando escrevo, tento arrancar um pedaço de
dentro, que me incomoda e agoniza
como uma felpa de madeira, ou cana,
espetada no dedo da mão
quando as palavras vão saindo e tomando forma no
papel,
vou sentindo uma sensação de alívio interior
uma leveza, como uma dor sumindo,
e um peso saindo de cima da minha cabeça
risco na folha em branco o contorno do coração
que sente todas as frases como se pudesse gritar

Quando escrevo, e há muito tempo escrevo,
não penso em ninguém em especial lendo meus poemas,
escrevo pensando em todos que um dia, ao acaso,
terão a oportunidade de ler algum deles jogado,
e sentirão, ao terminarem, a mesma sensação de alívio,
de amor ou de alegria que sinto quando escrevo,
e ao refletir em seu olhar os mesmos sentimentos
que me assaltam, percebo então que um novo poema
acaba de nascer.

Veze há em que viver no meio deles me custa
nessa galola das loucas as vozes são roucas
no espelho da procura justa vejo fugir pela
janela,
a fala estranha, tênue mênha
na tentativa de deixar de ser ele pare ser ela
porém bem sei que há retalhos por toda parte
que essa bola ínfima e perdida que gire solitária
no espaço, e que chamamos carinhosamente de Terra,
prima pelas indefinições
na vida não há roteiros,
nem manuscritos sagrados para serem obedecidos
o ano Um da era Cristã se perdeu no vento do tempo
a vida agora é como um vidro estilhaçado no chão
os pedaços a quem de direito
e quem, dentre nós não tiver alguma culpa,
que atire a primeira pedra.

Quando me perguntaram o que pretendia fazer da vida,
respondi que não sabia
que preferia descobrir a cada amanhecer o segredo e
a beleza de um novo dia
a surpresa da vida causa emoção e nos ensina
a valorizar a cada momento o ar que respiramos

Quando me perguntaram o que pretendia fazer
respondi que deixaria tudo por conta da própria vida
que tentaria sempre pôr um sorriso na cara
uma mão estendida, um ar de liberdade e o coração aberto,
escancarado e livre,
como num vôo por sobre as montanhas,
como dentro de um carro com a estrada à frente
como na cama com alguém que nos mexe por dentro
e por fora, beijo molhado, cheiro de amor

A vida prá mim é a conquista do desejo,
do toque, do orgasmo, da chuva, do mar, de você
é se gostar, é gostar, é te gostar

Quando me perguntaram o que pretendia fazer
respondi que sabia apenas o que não queria
que nada de choros e lágrimas,
que quando sózinho curtiria a solidão
que quando com você abriria o coração

Quando me perguntaram o que iria fazer da vida
respondi que iria procurar uma flor
prá enfeitar esse jardim que faço prá mim
onde erva daninha não cresce
onde as folhas mortas são jogadas fora
onde paira no ar um perfume de amor
ternura e paz,
viver prá mim é isso, o resto tanto faz.

Quando na beira da praia eu te sonhava
sentado numa pedra, a minha pedra
olhava o mar tocando o horizonte e te
percebia casinhando por sobre as ondas

Nesse momento tão sublime eu te amava
e construía a nossa casa sobre a pedra
te esperava sentado na varanda
voçê chegar num sorriso sobre as ondas

De braços estendidos te chamava
prá te fazer amor naquela pedra
queria então te olhar e te dizer
o quanto eu te esperava sobre as ondas

Mas aos poucos percebi, entristecido,
que apesar de te sentir naquela pedra
tua imagem ia sumindo no horizonte
e nada mais restar por sobre as ondas

Olhei para trás e não vi mais a nossa casa
restava apenas eu e aquela pedra
na linha do infinito as gaivotas
voavam sonhadoras sobre as ondas

Percebi então que aquele simples pedra
era o santuário dos meus sonhos
quando na beira da praia eu te sonhava
te esperando chegar por sobre as ondas.

SP
31jul87

CENTRO/CULTURAL

Um prédio enorme
carpete verde
muito vidro e muita luz
de repente alguém aparece afim
de uma conversa
ou então sentamos juntos e ocupar
uma só mesa
o estudo é importante, afinal
é o Centro Cultural
vejo livros em profusão
de História, Física, Religião
quadros por todos os lados
aquarelas, pinturas belas
a pastel, gouache ou craion
luzes fortes, amarelas, alaranjadas
algumas telas parecem feitas de luz neon
estudantes, amigos, namorados, mesmo amantes
uns estudam coisas fúteis, outros fatos
importantes
contudo acho muito natural
comportamentos diferentes
e tantas coisas nessas mentes
cada um é cada qual
o espelho da cultura nesse Centro Cultural.

ADRIANA/

Há tempos não me sentis assim
como acordar de algo indefinido
agora você ligou
e a tua voz me confirmou
que ontem, afinal, eu não sonhei.

SP
17ag87

Te sei, Adriana
que é linda demais
que me atraí em todos os sentidos
tem uma boca que parece de mel
um cheiro inebriante que me tonteia e
seduz
uns olhos escuros que acompanham um
sorriso
e que pintou na minha vida feito um
forte vendaval
não quero poesia cheia de rimas e
versos
quero frases desencontradas que digam
que te percebo
quero você dentro de mim do raiar ao
fim do dia
quero rolar na cama à noite e te
pensar do lado
fingir que se quizesse poderia te
tocar
não o faço pra você não despertar
dorme aqui no meu coração
toca na minha mão
não faz mal que o que escrevo agora
tem rima e muita paixão
o que interessa é viver embriagado
transpirando pelos poros o teu cheiro
o teu gosto e o teu perfume
como se você fosse de pura champagne
adoro quando você esconde o rosto no
meu peito
e apesar de não saber ainda direito o
que fazer com tanto sentir
quero simplesmente viver esse ternura
pra dar um tempo (quem sabe quanto?)
com a tal procura.

ADRI/

HOJE NÃO VI VOCÊ
BATEU VAZIO
E EU PERAMBULANDO NESSE FRIO

SP
18ag67

HORA H/

Antes quando se aproximava a hora
de te ver
senti que o sangue girava quente em
minhas veias
Procurei as melhores palavras para
tentar montar as frases que definissem
seu ansier
me perdi nas buscas
qualquer Aurélio seria inútil
ninguém é capaz de escrever o sentido
indefinido do seu sentir

SP/
22ag87

Quantas vezes se falou do amor!
Cantado em prosa e verso essa pequenina
palavra tem a força de um furacão
começa com um olhar, transpassando através
do corpo e vai direto ao coração,

como um raio,
como um trovão,

e no peito a tempestade se aproxima
anunciando, pelo balançar do vento,
um grande abalo cósmico,
fúria louca,
quando sinto na minha língua o gosto
de tua boca,
quando toco com meus dedos na tua pele,
no teu cabelo,
sinto que me pega, me joga e me carrega,
como se um bixo de estimação,

pleno sentir, a crescer, a reflorir,
seseado de carícias, de toques, de delícias,
salpicado de incertezas, de medos, de fraquezas

espalhado pela pele, misturada no meu dia,
faz do tempo sem te ver um pedaço de agonia,
não me deixa assim, feito barco sem destino
e acredite, por favor, que esse meu tão louco
amor,
faz de mim o teu menino.

PODE?/

Calça desbotada
Bamba no pé
e mais nada
fechar os olhos e ser
somente aquilo que se quer ser
sorrir apenas pro que se quer
sorrir
e ter na cabeça a pura emoção
do cair de uma tarde de verão
do sol batendo na água
onde toda a négoa se resume
em tentar prolongar o momento de
viver,
pode ser?

SPaulo
05set87

LUSO/

De tempos em tempos se vem à lembrança
Portugal
não e felclere bonito e alegre de um povo
que parou no tempo a sonhar
mas de um Portugal que parece saído de um
filme de viver
onde as pessoas,
sua integridade física e moral,
são preservadas, respeitadas,
onde as pessoas são pessoas,
qualquer uma, em qualquer lugar,
cada espaço ocupado é merecedor da consideração
que seria imanente no ser humano,
se não fosse efêmero e sujeito a metamorfoses
não é mister ser camaleão para viver em Portugal
baste saber respeitar a liberdade de cada um,
mínimo sentido de uma existência sem laços
opostos definidos,
Portugal é isso, muita conversa, sem gritos,
sem ruído.

SPaula
a5set87

FATOS/FOTOS

Ceguei assim, de repente
mil cuidados, sem barulhos
abri a porta da frente
nas mãos um ramo de flores

Trazia o coração apertado
por um bom tempo distante
iria a qualquer instante
me colocar a teu lado

Atravesssei a varanda, passo lento
trocaste os móveis da sala
bisbilhotando no tempo
quase não lembro de nada

Mas procurei o retrato na parede
que te mostrava sorrindo
enquanto eu te abraçava
por sobre um santo de amor

No quarto então, não estavas
a cama não reconheço
tudo mudou, te encontrei
me olhando no toucador

Você era toda ternura
o mesmo olhar inocente, todo teu
mas ao teu lado, doçura
um resto que não é meu

Quem diria que a vida passou
prá nós dois
que daquele nosso grande amor
só restou
em meu quarto, num canto jogado
desafinado, o meu violão
ainda ouço no ar a tua voz
e a nossa canção

Tantas vezes abri o armário
tua roupa pendurada
a beleza daquela inocência
na tua cara lavada
o fascínio de tantos prazeres
eu sentia por entre os lençóis
hoje sei que jamais voltará
o amor entre nós

Te percebo quando sinto o perfume
quando volto a sonhar
e me pego a sorrir de ciúme
quando volto a lembrar
das manias que eu tanto amava
alegrias que eu sentia também
hoje eu sei que o tempo me fez
prá você um ninguém.

Nada de falar tardiamente
seria latir vadiamente qual um cão
abandonado
as palavras ... são, quando jogadas,
nada,
cacos de vidro espalhados na calçada
quando juntas, sim,
tantos sentidos, quantos perigos,
nascidos,
naturais ou paridos no extasiar de
emoção,
sim, eu sei,
nada de falar tardiamente,
seria latir vadiamente, como o tal cão,
sem proteção.

UNOS/

Prá dizer a verdade, antes
foi uma mistura de sonho, de certeza e
vontade

descoberta adiada
tanto amor, tanto amada
já te tenho saudade
já te tenho jogada
mansamente alojada no fundo de mim
tinha de ser, doce assim
ao ouvir o teu sim me busquei na certeza
do amor que ficava
cumplicidade querida, tocada,
sentida
iniciar de uma vida

ouviste o dobrar de sinos?
juro que eram os sons do meu
coração.

SP 21set87

Te falei da magia?
Mã: Que delícia de dia!
E quantas nuvens no etéreo!
Flutuamos no inconsciente,
corpo e mente juntos
na busca infindável em serenos
um nada comum
se não fosse apenas puro amor
muita paixão

Te falei da magia?

Na delícia do dia ficamos
presos pelo coração.

SER/

Senti ficar,
senti tocar,
a emoção de ver,
mais do que um simples inseto
na selva de ser

Preocupado com um raio de sol
numa tarde chuvosa,
um simples cantar,
um pedaço azul no céu é
fundamental,
para se ter a sensação da clareza
no coração

Talvez não seja isso
que eu queria dizer,
não seja isso que eu precise saber,
prá me sentir assim,
com tudo que eu tenho direito
de bom e de ruim,
um ser humano normal.

SP/
26out87

Sinto a extroversão do meu tempo,
o tempo do agora, porém,
sinto também sacocar e aspulheta,
hora por hora,
numa paralisia infinda,
vivo ainda, vivo,
há uma luz energética no labirinto
das veias,
sinto a força, armazenada,
incubada nos canos do meu corpo,
mas não vejo a saída,
a boca que expelirá a clausura fermentada,
torrente de paixão,
talvez, quando transbordar,
apatia, insensatez, sem culpa, sem
deboche,
longe do niilismo a apatia,
apenas resguardo como palavra na ponta da
língua,
um grito preso na garganta, um nó
o tempo virá,
é passar o choque da mudança,
palavras ao som de nova dança,
é só esperar, a tempestade se forma
mudança de clima, chegou o verão,
apenas espero que a enxurrada me preserve,
se dê uma tábua prá descer rio abaixo,
e escapar da cachoeira, senão...

Minha poesia é fotografia
do meu sentimento,
escrevendo em momentos,
afirmações e argumentos,
nas sombras da noite
ou
nas luzes do dia,
transcrevo em palavras,
matizada em cores,
a fotografia da minha poesia,

click!...

Estamos separados meu amigo
te tenho dentro como se tivesse acabado
de sair da tua casa,
depois de um longo papo, de um violão,
e gente se acha na canção, não é?
Quando peguei aquele avião, no ano passado,
me deste força, como sempre,
fui decidido, fiquei um tempo, voltei
e quando voltei era como se o tempo
simplesmente não tivesse passado,
tornei à tua casa, ao violão.
Depois São Paulo, nova aventura,
ficaste no Porto, telefonemas,
já havias encontrado a tua Ana,
foi na praia, após minha chegada,
é a amada?

Sou egoísta, nostálgico,
tu sabe que te quero feliz,
contudo, os momentos que mais me marcam
de nós, são os de irresponsabilidade,
o carro na estrada, a Floripa tão querida,
curtida, bebida, fumada...
te quero solto e me quero solto
para podermos nos assarrarmos na irreverência,
na efervecência do ato singular,
um broto no olhar, depois o outro lado,
que tem um rosto mais bonito.
A aventura sempre foi e nessa marca,
me custa te ver assim, distante,
e hoje, apesar ainda da transição de nós,
sinto que existe alguma coisa estranha no

ar.

LAÇO/ *

Traço
no espaço,
disfarço,
não faço,
passo à passo,
cansaço,
mormaço no teu regeço,
palhaço
contesplando uma lua de aço.

SP/19nov87

Glá, como vai?
Deixe-me olhar prá você
fico feliz por te ver assim,
sorrindo,
eu também vou indo,
talvez um pouco mudado,
olhando prá mim,
meio de lado, verá
que me transformei,
contudo, se quiser,
ainda podes te ver refletida
no espelho do meu olhar,
o brilho dos olhos jamais se
pode mudar!

Estou agora mais tranquilo
passei momentos de tensão
acho que foram fraquezas
e oscilações do coração
não sei
às vezes tudo me angustia e me
deprime,
noutras, em um momento sublime
meus olhos ficam claros como um
amanhecer de verão,
sou apaixonado,
completamente extasiado na inconstância
do viver,
delírio o saber e não saber,
esperar a hora de tocar a pele
estranha,
sensação de gozo se renova,
e esse beijo diferente,
que minha boca ainda não sentira,
doce tormento o do despertar do dia
o sol batendo na janela,
a vida pulsando e esperando que
entremos dentro dela,
é uma flor florescente no jardim,
e para mim, a mais bela!

OUTRA VEZ/NATAL

É fim de ano outra vez
dessa vez meu dezembro é São Paulo
deixa Lisboa flutuar na memória,
como uma lembrança boa,

O Natal no Porto, que te quero alegre,
desejos satisfeitos,
sonhos refeitos,
a volta de Renato,
o vislumbre da estrada,
alguma luta,
frutos doces,
já me preparo prá retornar

planos prá 88?
voltar a curtir as velhas coisas
do lugar.

SP
14dez87

EU, às vezes, me tenho assim,
longe de tudo, longe de mim,
procurando o inexistente,
como se a vida se esvaziasse,
em cada sol poente,

EU, às vezes, me vejo assim,
longe de tudo, perto do fim,
procurando viver prá sempre,
como se a vida não percesse,
irremediavelmente,

EU, às vezes, me vejo assim,
longe da vida, longe do amor,
procurando viver por viver,
como se a vida não carecesse
de um pouco de amor,
prá simplesmente ser VIDA.

SP
15dez87

Ainda percebo, indelével,
imperceptível,
quase extinta, mas não morta,
agonizante,
em sonho torturante,
vaporosa,
impalpável em pensamento,
ainda sólida no sentimento,
encardida,
manchada,
desbotada, mas real,
base fundamental do desamor,
encarnada na metafísica do sentir,
irreproduzível por palavras,
heterogênea em composição,
confusa, difusa, sem razão,
perdida no redemoinho do viver,
distante do objeto do ser,
contudo existente,
apesar de transparente,
essa lembrança de você
me jaz latente,
e você, ainda sente?

NINHOS/

Quando o pássaro abandona o ninho quente
e sente que é hora de partir
jamais consegue fugir daquele destino
que o trás de volta ao berço de menino

Estamos novamente preparando a caminhada
naquele retorno tão ansioso e tão distante
e essa viagem se torna tão mais importante
quando queremos retomar os velhos sonhos
estrada, ilusão na mão,
uma cachaça no coração, na sensação da

liberdade,

que voando nas asas da saudade
nos aponta apenas um caminho
o retorno ao nosso antigo ninho

os pássaros estão voltando
chegar se torna a única razão.

SP
15dez87

Tanto poema eu fiz
prá versar esse sentir
a sensação inconsciente
do ir e vir

Tal uma onda de mar
tal uma brisa sem fim
nasce feito criança
dentro de mim

Sei de cor a sensação
tal uma chama interior
como um fogo no olhar
sem tirar nem por

Tal como céu multiestrelado
brilhante enfeitando madrugada
quando amanhece e o brilho morre
não resta nada.

Sinto que essa é minha face
interiorizada
tenho me voltado pro meu canto
jogado pela boca em forma de
palavras,
a ansiedade,
toda a sexualidade,
o prazer da sensação carnal,
como fantasia de carnaval,
três dias e três noites de
inconsciência,
sinto que esse é minha face
interiorizada,
a cavalgar na madrugada o
efêmero prazer,
do toque, do cheiro, do limite
do ser humano,
um ato insano, ilimitado,
no desejo do que não foi tocado
nasce o sonho do continuar...

K...

NINFETA,
ficas linda de cabelo molhado
e calcinha preta.

SPaulo
2edez87

Descobri no alienado sentimento
a singeleza e a necessidade da fraqueza
humana
o romper do limite na plenitude da
vulnerabilidade do ser,
o manto do desejo de atingir a total
desenvoltura a cobrir a irracionalidade
de entregar-se ao pleno sentido,
como no Fausto, de Goethe:
" quero a embriaguez de inoportáveis
dores, a volúpia das sensações da
espécie humana em peso ",
deixo de lado as dores ruins, o mal
aflictivo,
não tenho tempo nas mãos para perder
com lamentos,
contudo bebo na entrega da carne a
transparente irrealidade da falta de
controle,
quando a vida se resume no gozo último,
o grito de prazer,
que cada beijo se torne o ato libertário
desta vida terrena,
fronteira do ideal perseguido e nunca
alcançado,
fantasma de luz no extremo túnel sem fim.

Quando ando pelas ruas de São Paulo
percebo através da pulsação latente,
do movimento, do barulho,
que existe um mistério por detrás de
tudo,
alguma transparência inexplicável nesse
cotidiano,
eletricidade encubada nos gestos das
pessoas,
espectro de angústia na busca,
na procura da realização,

São Paulo me fascina, me domina,
tenho de descobrir esse louco mistério,
esse fantasma sedutor, sem rosto,
sem normas, sem formas,
há um grande alarido no silêncio da
madrugada,
são os corpos, agitando-se,
desafiando a magia dessa cidade
encantada,
São Paulo, e mais nada!

Muitas vezes quando tento escrever
me faltam palavras,
a vontade morre nas linhas que não
escrevo,
e fica no ar uma angústia mal resolvida,
tento então procurar pelos cantos da
memória algum sentido,
alguma idéia ordenada, original,
recém-nascida,
para perir com a caneta a ânsia incontida
reviro os olhos pelos cantos à procura
de inspiração,
canto uma canção,
procuro compreender minha própria
necessidade,
revejo coisas que escrevi,
contudo nada acontece, estou vazio,
depois de algum tempo percebo que o que
sinto não tem definição,
que não há palavras que possam descrever
quando simplesmente sentimos a ansiedade da
busca, da coisa nova, da sensação,
não há palavras, lamento,
coisas do coração.

KA/RICIA †

No brilho da tua juventude
percebo a imagem do que eu era
na inseqüência da tua atitude
percebo que o tempo derrota a fera
sobreviver se torna então o único
desejo
para tirar dessa tua juventude
o último lampejo
me olha, me abraça,
e sorrindo me dá um beijo.

SPaulo
22dez87

Lembra como era então?
na ponta dos meus dedos o cheiro de teu
sexo
as minhas digitais pelo teu corpo todo
molhado
melado, até a exaustão
e espalhado pelo rosto as cores do
baton

lembra como era então?
na ponta da minha língua aquele teu
gosto doce
um toque adocicado do teu suor
molhado

lembra daqueles beijos todos
das tuas pernas soltas
dos teus olhos virados?
sinto como se fosse hoje
o amor que a gente fez
quizera fazer tudo,
tudo de novo, outra vez,
lembra?

SPaulo
22dez87

Sobressalto/

Acordei esquisito
na madrugada
o teu grito
na boca
o gosto da tua saliva
sinto a tua volta
na mente
sensitiva

PAlegre
3dez87

Lua no céu limpo e claro
é cheia
vento manso serpenteia
é regalo do olhar

anoitece sem perigo
nas estrelas o abrigo
do sonhar

Cheia no céu limpo e claro
é lua
vento manso perpetua
é descanso do querer

anoitece na floresta
das estrelas tudo resta
prá dizer

JANELAS/

Vou esperar essa mudança de coração
aberto,
escancarar num ato liberto as portas
e janelas,
deixar o sol entrar pelas frestas do
telhado,
vou ficar parado, apenas prá dizer
que se você quiser ainda posso ser
aquela porte anigo,
e teu amanhecer.

SPaulo
06Jun88

Um clarão,
barco quedante a flutuar no oceano,
imensidão,
estou meio cansado de tantos portos,
cais efêmeros sem berço e sem destino,
tenho um quê de menino
e quero proteção,
te ofereço minha insensatez,
de vida a embriaguez e a viagem
irreal de tudo que teimo em escrever,
confia,
tes que ser assim,
a dúvida toca também em mim,
por tudo o que vivemos, passamos,
no entanto, sobrevivemos,
se tu desejar ainda podemos ser duas
gaivotas a voar,
Vovós!

SPaulo
06jan88

Se as coisas fossem assim, tão fáceis
viver seria abstração
uma nuvem cósmica, gasosa e transparente
ou simplesmente nada com que se preocupar

Se as coisas fossem assim, tão fáceis
aquele beijo na boca não teria a sensação
da inexplicável ilusão
o sorriso não seria nada mais do que uma
boca aberta, com dentes ou deserta
e não teria o poder de transformar o ritmo
do coração, em soluço ou palpitação

Se as coisas fossem assim, tão fáceis
não haveria encontros casuais para
metamorfosear o destino de ninguém
nem tão pouco haveria a alegria quando
na manhã de um lindo dia o sol refletisse
o brilho no olhar de alguém

Se as coisas fossem assim, tão fáceis
viver seria abstração
tudo seria uma grande aberração
nem o sexo teria nexa

Se as coisas fossem assim, tão fáceis
creio que eu morreria de tédio
afinal, que remédio?

Meu melhor amigo caminhava
na direção da cultura total
devorava livros e livros
Nietzsche, Tolstói, Dickens
horas e horas navegando
na cosmogonia do saber
extrapolou
um dia, um belo dia, nada mais
o último livro se fechou
sem explicações sartreanas
qualquer tratado ou ensaio
a barba estava enorme
os cabelos em desalinho
o quarto que era Alexandria
de repente virou caverna
bisontes nas paredes
fogo no chão
tacepe, arco e flecha
caça e carne sangrando
das palavras apenas um rugido
era o seu grito-primal
o animal adormecido havia
finalmente surgido
para cumprir seu primário
papel no planeta
o de ser humano normal

SPaulo
29.01.88

DESCULPAS/

Não te telefonei porque
meu tempo não deixou
tantas coisas prá fazer
decisões

Não telefonei porque
acordei mais tarde
saí atrasado
me peguei cansado
multidões

Não te telefonei porque
o fone emudeceu
as fichas acabarem
a chuva respingou dentro do
meu quarto
agressões

Não telefonei porque
pensando bem
não consegui pensar em nada
prá dizer depois do alô

O sul é mágico
muito mais do que uma simples
virada de cabeça
é ir muito mais além do
antes que anoiteça

O sul é trágico
é a trilha para os filhos que
se foram
cicatriz sulcada na ansiedade
o fim do mundo
sentido da saudade

O sol do sul é frio e
queima como um beijo
tráz nas coxilhas a marca do
desejo
de ver ao longe a sombra de um
retorno

O sul é tudo, sorriso e abandono
até as aves emigram para o sul

Senta aqui nesta cadeira
beba qualquer coisa
fala qualquer besteira
tenta me convencer
que a vida é apenas um sorriso
uma palavra

uma eterna brincadeira
diz que a gente pode brincar de
amor quando quiser
que podemos nos tocar, e nos separar
em algum dia qualquer
que não existe angústia numa casa vazia
que a solidão também faz parte do nosso
dia a dia
tenta me convencer que a vida não passa
de uma peça de teatro
morrendo e renascendo pouco a pouco
em cada ato.

SPaulo/27fev88

Quando é madrugada e o silêncio é tanto
que as batidas do coração parecem gritos
lançinantes
quando sento para escrever pensando no
que dizer e não encontro nada apenas sombras
inervantes
quando é preciso registrar depois que a Globo
sai do ar alguma coisa real
descubro com o olhar perdido nos móveis
adormecidos a suprema sensação do vazio
da solidão
sou no meio desta noite uma mente ainda
desperta, pensante, ainda encoberta pela
luta de ficar acordado,
gladiador incansável contra a alienação do
sonhar,
e noite é ave que voa, na madrugada ressoa
mil uivos, suspiros, desilusões, bêbado pessoa
cambaleante, navegando, passo errante,
pelos postes de cada esquina, que são portos
lâmparas, iluminando o caminho de quem,
como eu, sozinho, tenta sobreviver
apenas prá não virar um morto no amanhecer.

Em Portugal também vi a juventude perdida
aquela procura insana prá dar à vida um sentido
vi olhos parados no ar tentando compreender
de onde vem tanta angústia, tanta falta de caminho
éramos tantos, quantos não lembro
mas pessem ante meus olhos aqueles momentos incertos
aquelas madrugadas despertadas a vaguear pelas ruas
e o Bairro Alto seria o oceano sem fim
quando nos dávamos as mãos, todos juntos, pelo frio
por certo na tentativa de esquentar os corações
falávamos tantas coisas sem nexo, apenas palavras
talvez para darmos forma concreta prá sensação
não faz tanto tempo assim eu era um daqueles perdidos
abraçado, cantando junto o mesmo canto feroz
Lisboa era prá mim um novo porto nascente
a esperança distante naquela longínqua paragem
hoje me encontro nas ruas de uma São Paulo sem rosto
e ao chegar a madrugada lembro daqueles antigos caminhos
será que estarão abraçados cantando a mesma cantiga?
aquela angústia indefinida morreu nas asas do tempo?
penso que a juventude não tem qualquer raça ou religião
há sempre a incerteza pairando sobre as cabeças
creio que é própria vida a grande culpada do medo
pois eu troquei de lugar, de país, de companheiros
e perdedo a mesma perda de rumo em cada rosto
nesses olhos da juventude que teimo em acompanhar
sem nem mesmo saber quais caminhos seguir
talvez tudo se perca quando a velhice chegar

Se procurasse aquele instante que me fizesse
voltar atrás
aquele sublime momento jamais existiria
não poderia retroceder nas decisões
são os meus descaminhos
se procurasse aquele instante que me fizesse
voltar,
talvez fosse parar no nascer dos anos 70
naqueles dias felizes onde eu sonhava com
a minha própria fantasia
iria andar pelas ruas e irradiar meu sorriso
aquele mesmo que perdi na curva dos anos 80
se aquele instante voltasse
numa fração de segundos não mais seria eu
mesmo,
o espelho mostraria uma cara esperançosa
tudo seria mudado,
iria encontrar outra vez alguns amigos
perdidos,
e o Luciano me diria naquele tom de brincadeira
_ puxa bixo, que legal, que bom tu teres voltado
se aquele instante voltasse a vida teria sentido
outra vez.

LAS COSAS SAN ASÍ/

Las cosas san así
y yo no puedo más quererme acostumbrar
con la esperanza de usted volverte a mí
por que el tiempo yá no puede esperar

Yo sé que es amor
porque mi vida se tornió una ilusión
sin la esperanza de usted volverte a mí
porque el tiempo solamente quer pasar

Y hoy acompaño los caminos que yo sé
nosotros dos pasamos sin saber
que nuestro amor podría terminar

Y hoy yo soy un hombre solo y yo sé
jamés el nuestro amor se volverá
restando solamente olvidar

SPaulo
09mar88

SEM TEMPO/✱

Deveríamos ter um tempo maior prá
envelhecer
para não deixarmos tanta coisa por fazer
ao longo do caminho
para não querermos fazer tudo o que deixamos
para trás
provocando uma avalanche de decepções
e desabar sobre o último suspirar de
juventude.

SP/15.03.86

Impossível omitir do pensamento o perfume que
irradia a simples presença de uma linda mulher
quando ela surge, mesmo celada, algo se transforma,
tudo de repente se ilumina,
como se cada objeto se acendesse pela simples presença
daquela criatura,
a natureza é pródiga ao pintar com as próprias mãos
um ser muitas vezes existente somente dentro os
sonhos mais irreais,
como um passe de mágica vamos, ali, na nossa frente,
num toque tão sublime, o impossível acontecer,
e ela fala, e se movimenta, e sorri, e o sorriso é o
sol que faz clarear a madrugada,
delfrio insano, impalpável e tão real que seria fruto
apenas da imaginação do ser mais louco, se não estivesse
ali, em carne e osso, produto da concentração do belo,
naquela momento singelo, simplesmente mulher,
nas palmas das duas mãos a mais viva certeza de que
se o paraíso existe, a bela certamente é o fruto
proibido do pecado,
jamaís deixaria de ceir na tentação de sentir na pele
o limite dessa alucinação.

Eu sou assim, me apaixono fácil
sou vulnerável à beleza,
sou a favor da Natureza escultora do sentir,
você apareceu assim, diante de mim,
nessa sensualidade explosiva,
tão agressiva que me faz te querer assim,
no meio da rua, num ato passional, mas eu
nem me importaria, depois do teu toque,
difícil imaginar o que faria,
vagueio pelos corredores, desenganado,
meio bobo, sexualmente apaixonado,
é pura tesão, e eu pergunto: e porque não?

Resolvi ficar ainda mais um tempo por aqui
malas prontas são desfeitas,
os meus dias ainda serão um pouco mais paulistas
tenho mil razões para ir embora,
saudades facetada em cacos espalhados,
sacudindo soltos feito papel picado,
contudo os fantasmas das razões subjetivas
assombram meu indeciso ser,
pululando pelas peças vazias desse meu interior
de tantos quartos,
vou ficar um pouco mais, mas não sei o que fazer
desse ato passional,
tenho na mão um corpo estranho ainda sem
definição,
São Paulo ainda é um bicho selvagem
que exige mais tempo para ser domesticado,
além do mais, as mãos não podem retornar dentro
dos bolsos vazios.

O LADO ESCURO DA LUA/

Sempre ao retornar tenho a sensação do algo
por fazer,
olho para trás e percebo sempre o mesmo rastro
mal apagado,
como uma luz de cabeceira deixada acesa e vista
da porta da frente,
alguma coisa ficou, esquecida, mal resolvida,
resguardada na penumbra,
clamando soluções não encontradas

sempre a mesma decisão que um dia volto
prá atar aquele nó que se soltou
prá dar aquele beijo que não dei

Sou um lobo
o sobrevivente de uma selva que não é verde
um predador que espreita nas esquinas
não nego caça
quero o alimento debaixo das minhas garras
sinto que preciso retornar à selva

o que eu gostaria?
de encontrar uma caverna quente
onde eu pudesse viver do lado escuro da lua.

PoAlegre/
06ab88

ESTRADAS/

Tantas armedilhas espalhadas pelas trilhas dos
dias
vivididos, sonhados, passados despercebidos
na procura da caça e surpresa espelhada na
face
no fim do dia o desenleçe da fuga sofrida

Quando o sol se estende por sobre os campos
o sinal de vida está lançado
não é mister ficar parado simplesmente a olhar
a vida passar
sem nada a fazer, nem mesmo para ter o que
contar

Ligo o rádio e a música se espalha pela
estrada
foto renovada nos meus sentidos
e o som nos meus ouvidos me transforma
quase as lágrimas brotam aos quilômetros
rodados, conquistados
e quando a estrada se abre inteira
iluminada e verdadeira, sinto a vida pulsar
mais perto,
como se o coração de repente deixasse de ser
assim, um grande deserto dentro de mim

Restos Eternos/

Seria assim, de repente, parada em frente àqueles
móveis,
a inocência da criança faria nascer a esperança de
florescer o passado,
o cachimbo na mesa jogado diria daquele homem austero
que parecia severo, mas quando sentava sozinho,
pensativo e desamparado, se fazia menino,
só e abandonado, fumando em longas tragadas seu
sofrimento calado,
o retrato da parede revelaria a beleza de quem
outrora enfeitava as lindas manhãs nascentes,
acreditando piamente que a eternidade seria a
virtude da natureza,
sem sentir a fina areia de grãos que compõem o
tempo escapar por entre os dedos e se perder na
madrugada espalhados pelos ventos,
quem teria pisado aquele tapete encarnado, púido,
um tanto sovado, andando de um lado para o outro
preocupado com o futuro sem perceber seus poucos
anos pulando por sobre o muro,
transformando, segundo a segundo, a juventude
do mundo,
os livros unidos na estante, cúmplices muito
importantes do desgarrar dessas vidas, em tardes
de chuva guardadas de horas ali vividas, sorrindo
ironicamente, como a ave que pressente a morte lá
no sertão, enfim, são sobras latentes de corpos
não mais presentes,
são restos da humanidade que sobram de tantas
vidas que sonham na Eternidade.

RESPINGOS/

Meu relógio parou, acordo tarde,
sonolento,
almoço e depois penso nas pessoas todas
indo e vindo do trabalho todos os dias
dia após dia, e sinto náuseas

muitas vidas são assim, uma eterna
torneira,
pingando, pinga após pinga, todos os
dias,
no final apenas uma grande poça de água
estagnada

meu relógio parou
há alguma coisa frouxa dentro dele
acho que é a peça solta que não me deixa
retornar ao velho pinga-pinga da torneira

CARTAS/

Quando eu falei que queria uma carta tua
não esperava nenhuma antologia poética
nem tampouco frases escolhidas a dedo no
Aurélio

Quando eu falei que queria uma carta tua
poderia ser umas simples palavras
tipo: saudades e beijos
tipo falta você aqui do meu lado

contudo os dias passam, nenhuma palavra
nenhum beijo, nenhuma saudade
às vezes as coisas fáceis são tão difíceis
de escrever.

PAlegre
29ab88

BRISA/

É hora de escrever
dizer que estou de volta
que ando pelas ruas de São Paulo
como da primeira vez
sempre à procura do que não posso ver

Mas o sentir é tanto
que sem o menor espanto
navego ao sabor da brisa

SP
14ma188

Outra vez/

Estivemos juntos
e foi tão bonito,
nos enlaçamos,
sabor de língua,
nos beijamos

E se o poema nasce assim
do pensamento leve
a flutuar no espaço aberto,
será
irremediavelmente certo
que vou querer em breve
você dentro de mim,

outra vez,
e outra vez,
e outra vez...

SP
14ma188

TEIAS/

Dentro do coração tem alguma
coisa estranha
uma angústia
uma máfia
uma teia arquitetada
talvez uma aranha

mas

o peso do dia é algodão
comodamente alojado
no fundo do coração

e quando se quer
não se pode nunca dizer não!!

SP
14mai86

SONHO DE AMOR/

No Desirée eu sonhei o meu
sonho mais recente
um orgasmo latente

No Desirée me fechei abraçado
ao seu corpo
egoisticamente trancafiado
no universo do amor

SP
14mm188

Você não tem definição
é uma incerteza
e uma delícia,
dentro do coração

SP
14mai88

DIA CLARO/

Hoje o dia é claro
transparente como a luz dos teus
olhos
espelho que me contempla
refletindo na imagem a serenidade
de um beijo

te desejo sim, mansamente,
reflexo desse dia claro,
transparente

SP
19mai88

MARILIN/

Em teu sorriso, Marilyn
nesse enorme poster
nessa branca parede
o cárcere eterno de nós
homens que não fogem da beleza
mesmo sabendo que é efêmera,
escravista, egoísta,
estupidamente falsa

O teu sorriso é tudo o que não
pode ser,
ciúme demoníaco,
toque passional,
estrutura instável sustentando uma
pobre sobrevivência

Teu sorriso persiste, Marilyn
com a magia Monroe que se espalha em
outros sorrisos,
tão belos, tão falsos, tão escravizantes

Sei que sou dos que morrem
vítimas de uns belos olhos
de um claro sorriso
porém o êxtase alcançado no eterno
instante do sentir vale o sacrifício
por isso, pelo teu sorriso, Marilyn,
eu morro em paz

BRUMA/

Quero lembrar de você como um
sonho
desses que a gente fica triste
quando abre os olhos e vê que não
é real

Quero lembrar de você e sonhar
mesmo por breves momentos
sentir a magia do amar por amar

SP/22ms188

TEUS OLHOS/

Em teus olhos
o cárcere eterno dos que não fogem
da beleza
mesmo sabendo efêmera

os teus olhos são tudo o que não
podem ser,
toque passional
estrutura instável sustentando uma
frágil e alheia paixão

teus olhos persistem
com a magia que se espalha pelos meus

sei que sou dos que morrem
vítimas de uns belos olhos
de um sorriso claro
porém o êxtase alcançado
no eterno instante do sentir
vale o sacrifício

por isso, pelos teus olhos,
eu morro em paz

ESPIRITO/

Quando estou assim, angustiado e triste
só consigo escrever poemas falando de
amor

não um amor qualquer, não senhor
mas aquele amor passado,
agonizante e abandonado,
que aperta o coração e apesar de sem
esperança, persiste em sobreviver,
que se agarra e machuca,
mesmo que o objeto do amor já esteja
longe de nós,
mesmo que não haja aquela última esperança,

quando durmo o amor perdido é pesadelo
me enxarca de suor
me acorda no meio da madrugada
espantando o sono

quando acordo perco a fome,
a vontade,
não sou nada mais do que uma máquina
que traz em seu interior os pedaços
daquilo que um dia pode ser chamado de
amor.

~~FOSTE AMADA QUANDO~~

FOSTE AMADA QUANDO FIMASTE PELA BORDA DA SALA
E ME BEMOURE DIZENDO SAUDADE

FOSTE AMADA QUANDO PREBISTE UM POUCO DE
VENHAO E ME FAUSTE DA TUA VIDA

FOSTE AMADA QUANDO PEDISTE: VIRA DE COSTA
PARA NAO ME VER NUA

FOSTE AMADA QUANDO DEITASTE TEU CORPO
BLENTE NA MINHA CAMA,

FOSTE AMADA QUANDO ACORDADO VELEI TEU
SONO DURANTE A NOITE

FOSTE AMADA QUANDO ME CHESTE E ME
ABRACASTE SEMINDO FRIO

FOSTE AMADA QUANDO SENTI TEU CHEIRO POR
ENTRE OS FIOS DE TEUS CABELO

FOSTE AMADA QUANDO ~~PREPAREI~~ NA MANHA TOMASTE O CAFE
DE PREPAREI

FOSTE AMADA QUANDO DEIXASTE O TEU PERFUME
NA CAMISETA DE TE EMPRESTEI

FOSTE AMADA QUANDO SAITE E FOLTE GARÇA
ME PROMETENDO

DE LOLTARIA,
SEM SABER QUE ASSIM FAZENDO
SERAS AMADA TODA OUTRA VZ.
TODA

P. Algué
14/01/93
P.M.

Uma folha vazia
Tantas coisas escritas em uma folha
vazia,
Palavras que ferem,
Verdades que dão,
Segredos amargos que vidas destroem.
Uma folha vazia!
Frasas marcadas, de amôres esquecidos,
Angústias e medos,
Planos futuros, passados perdidos.

Noites vividas que de dia se apagam,
Renascem no escuro, palavras que afagam.

Que ironia!
Quem dera eu tivesse uma folha vazia
Juro que até alguma coisa eu teria,
De sorrisos e lágrimas,
Que outrora secadas, voltariam agora
nessas linhas caladas, choradas e frias.

Quem dera eu tivesse uma folha vazia!

Uma folha vazia
POA16nov76

Não esquecer de mim você falou
Que nossos beijos e abraços vais
guardar
Nesse teu álbum de angústias e
frustrações
O amor que nem cresceu e se desfez,
E as palavras ?
Só sei dizer que foram tantas e
vazias
Como essas mãos que em meus bolsos
se escondem
Num medo mudo de suplicar por outro
engano
Desceu o pano
Dessa comédia orfã e mal nascida
Meu Deus! E essa vontade reprimida
Explodindo em desejos e lembranças,
Que não viu nascer o nosso amor criança
Se descuidou,
Não percebeu que ia crescendo
Ajoelhada, quase jogada ao lado dele
Sem fazer nada viu o amor que mais amava
Se desfazer, se arrebentar, se debater,
se acabar...e ir morrendo.

Frustrações

POA16nov76

Devo ter deixado alguma coisa prá trás quando
saí lá de casa,
uma janela aberta, uma lâmpada acesa, ou algo
muito mais importante.
Poís bate em mim de frente um vento encanado
entrendo pelo meu coração,
e que me aperta o peito, me faz lacrimejar, ca
lando até o meu violão.

E mesmo depois de aspirar esse ar de liberdade
me bate a saudade do pó da terra seca,
tocando a pelica acamurçada feita por um cara
que vive de flores, morando num mundo de paz
e amor.

Um grito tão distante, de algo abandonado, e
num instante paro prá olhar a estrada consumida,
de terra tão batida, por passos que tentaram
fugir sem pensar que a paz vive no seu interior.

Reizes.

POA1577

Data : 31/08/1986

Título : Quartos e camas

Categoria: Poesia

Descrição: A que quarto me refiro eu se estou em todos os lugares de tempos em tempos?

Quartos e camas

A que quarto me refiro eu se estou em todos os lugares de tempos em tempos?

A resposta vem a flunar pelo éter do espaço,
o último quarto, sempre o último,
este será sempre o primeiro dos quartos que me virão,

uma certeza concreta,
em qualquer lugar uma cama, um
colchão,
uma mulher, um olhar, são variáveis,
mas em qualquer canto de tantos
quartos
uma poesia escrita,
um violão ao descaso,
e livros, livros e livros,
eternos como meus quartos.

Porto Alegre, agosto, 1986.

Data : 31/10/1986

Título : Versos e Becos

Categoria: Poesia

Descrição: Para que fazer tão pessoal essa minha poesia? Já te digo, meu amigo

Versos e Becos

Para que fazer tão pessoal essa minha poesia?

Já te digo, meu amigo

O que exatamente eu queria

O meu desejo somente

É que toda a gente pudesse fazer parte do verso

Mas minha vida difusa

Um tanto quanto confusa
Me prende em meu universo

E me descubro pensando
Hermeticamente fechado
Encurralado em meu canto
Completamente isolado
Fadado então ao desterro
Mesmo incorrendo num erro
Meu verso não tem par do lado.

Lisboa, outubro, 1986.

Data : 31/03/1988

Título : Pedras Soltas

Categoria: Poesia

Descrição: Quando é
madrugada e o silencio é tanto que as
batidas do coração parecem gritos
lancinantes,

Pedras Soltas

Quando é madrugada e o silencio é
tanto
que as batidas do coração parecem
gritos lancinantes,
Quando sento para escrever pensando
no que dizer
e não encontro nada, apenas sombras
enervantes,
Quando é preciso registrar, depois que a
Globo sai do ar,

alguma coisa real,
Descubro com o olhar perdido nos
móveis adormecidos,
a suprema sensação do vazio da
solidão,
Sou no meio desta noite uma mente
ainda desperta,
pensante, ainda encoberta pela luta de
ficar acordado,
Gladiador incansável contra a alienação
do sonhar..

A noite é ave que voa, na madrugada
ressoa
Mil uivos, suspiros, decepções, bêbado
pessoa
Cambaleante, navegando, passo errante,
Pelos postes de cada esquina,
que são portos, lâmpadas ,
iluminando o caminho de quem, como
eu,

sozinho, tenta sobreviver
apenas prá não virar um morto no
amanhecer.

São Paulo, março, 1988.

Data : 31/05/1988

Título : Marilyn (Norma Jean)

Categoria: Poesia

Descrição: Em teu sorriso,

Marilyn Nesse enorme pôster

Marilyn (Norma Jean)

Em teu sorriso, Marilyn

Nesse enorme pôster

Nessa branca parede

O cárcere eterno de nós

Homens que não fogem da beleza

Mesmo sabendo que é efêmera,

Escravista, egoísta

Estupidamente falsa

O teu sorriso, Marilyn

É tudo o que não pode ser

Ciúme demoníaco

Toque passional
Estrutura instável
sustentando uma pobre sobrevivência,

Teu sorriso persiste, Marilyn
Com a magia Monroe
Que se espalha em outros sorrisos,
Tão belos, tão falsos, tão escravizantes,

Sei que sou dos que morrem
Vítimas de uns belos olhos
De um claro sorriso
Porém,
O êxtase alcançado no eterno instante
do sentir
Vale o sacrifício
Por isso, pelo teu sorriso, Marilyn
Eu morro em paz.

São Paulo, maio, 1988.

Data : 30/01/2009

Título : Olhos de Mar

Categoria: Poesia

Descrição: Por que será que
fico assim quando não te vejo?...

Olhos de Mar (2009)

Por que será que fico assim quando não
te vejo?

Ou quando você demora e não me
avisa?

Que medo é esse que não se define e
me atormenta?

É um vazio que ultrapassa o simples
desejo...

Esse momento que oscila ante meus pés
Que emaranha o pensamento e que não
vejo

Como se um vento de través me
perpassasse
Me derrubando e me dizendo coisas
sem nexo...

Se fosse apenas sexo eu saberia
Pois não teria o coração espremido
entre meus dedos
Alguma coisa transcendente me
enovela
Me emaranha, me enreda, me suprime e
me atravessa...

Então quero saber que ausência é essa
Que ultrapassa as muralhas da razão
No fundo eu sei que aquele espaço que
me angustia
É o teu lugar...dentro do meu coração
2009

Do Livro

Coletânea de Poemas 2011

Data : 01/01/2009

Título : Será?

Categoria: Poesia

Descrição: Que sentimento é esse
Que não consigo entender...

Será?

Que sentimento é esse
Que não consigo entender
Que me anseia e me pega
Desconstruindo a razão?

me cega
Que pensamento é esse
Que não percebo nascer
Que me desnorteia e
Conduzindo ao
coração?

Será paixão?

Será?

(2009)

Do Livro

Coletânea de Poemas 2011